

A educação sexual dos jovens portugueses – conhecimentos e fontes

Investigadores:

Duarte Vilar, Sociólogo, Director Executivo da APF, Investigador da CLISSIS
Pedro Moura Ferreira, Sociólogo, Investigador do ICS – IL

Tratamento, análise dos dados:

Sara Duarte, Socióloga, Centro de Formação APF

Revisão:

Ana Calado Inácio, Documentalista, Centro de Recursos em Conhecimento APF
Elisa Guerreiro, Antropóloga, Centro de Recursos em Conhecimento APF

Índice

Introdução	3
Justificação	3
Objectivos	4
Metodologia	4
Parte A – Caracterização da amostra	5
Caracterização sócio-demográfica	5
Comunicação sobre sexualidade com os progenitores	12
Comentário síntese	13
Parte B – Conhecimentos sobre sexualidade	14
Puberdade e adolescência	14
Sexualidade humana	17
Contracepção	20
Infecções sexualmente transmissíveis	23
Percepção de risco	26
Qualidade dos conhecimentos	29
Comentário síntese	31
Parte C – Fontes de educação sobre sexualidade	33
Agentes de socialização fora da escola	33
No 3.º ciclo	34
No secundário	37
Comentário síntese	40
Parte D – As relações afectivas e o início das relações sexuais nos jovens	41
Comentário síntese	60
Parte E – As relações afectivas e sexuais: situação actual	61
Comentário síntese	77
Parte F – Serviços	78
Comentário síntese	84
Em conclusão	85

INTRODUÇÃO

JUSTIFICAÇÃO

Nas últimas décadas, os jovens portugueses cresceram num contexto de mudanças profundas em termos da sua socialização sexual, ou seja, do conjunto de aprendizagens formais e informais sobre as questões relativas à sexualidade.

Em primeiro lugar, o panorama moral no tocante à sexualidade mudou. Diversos autores têm descrito um processo de mudanças morais no sentido de uma maior valorização social da sexualidade e do erotismo, de uma maior permissividade em relação às expressões e comportamentos sexuais, nomeadamente na maior aceitação da sexualidade juvenil, sobretudo da sexualidade das raparigas, e da homossexualidade.

Estas mudanças, se bem que ocorrendo de forma lenta ao longo de todo o Século XX, foram particularmente acentuadas a partir da década de 60.

Em segundo lugar, o impacto da informação via *mass media* não parou de crescer, nomeadamente através da televisão, das revistas de grande circulação e, a partir de meados da década de 90, da internet e da comunicação digital. Os *mass media* divulgam de forma extraordinariamente veloz novas ideias, mensagens e valores e, aqueles que se destinam especificamente a públicos jovens, integraram crescentemente temas de natureza sexual.

Por outro lado, as próprias famílias, e num processo de mudança e reflexividade social, deixaram de poder “não falar” de temas de natureza sexual. Pais e filhos são confrontados, na cena familiar, com as mensagens sobre sexualidade que outros actores (*mass media*, amigos) transportam para este contexto de comunicação e, assim sendo, podemos supor que se alteraram também os contextos de socialização familiar.

Paralelamente, o Estado integrou a sexualidade nas suas políticas de saúde, de educação e de juventude pressionado por problemas emergentes relacionados com esta esfera, dos quais o mais proeminente foi, sem dúvida, a SIDA (mais até do que a gravidez na adolescência). Mais frequentemente, os jovens puderam aceder a acções de informação/educação realizadas por profissionais, seja no contexto da sala de aula, seja noutros contextos de aprendizagem formal.

Fruto deste processo, os próprios jovens interagem de formas diferentes. A tradição já não é o que era e, sobretudo, as relações entre rapazes e raparigas sofreram mudanças profundas resultando em alterações profundas na socialização entre pares.

Estas mudanças têm sido evidenciadas em alguns estudos sobre a juventude realizados, nomeadamente pelo IED (1983-85) e pelo ICS (1997).

Frequentemente, o Ministério da Educação, a APF e outras instituições envolvidas em programas de educação sexual dos jovens são questionadas sobre os progressos ocorridos na educação sexual nas escolas. Face a esta questão – ou seja, a amplitude da mudança alcançada – dois tipos de respostas costumam emergir: por um lado, posições que acham que os jovens estão já suficientemente informados pelo que a educação sexual na escola não é necessária; por outro, posições que apontam no sentido oposto, ou seja, que nada ou muito pouco mudou, que as escolas não fazem educação sexual e, portanto, que a maioria dos jovens portugueses não tem uma adequada educação sexual.

Embora tenham sido feitos alguns estudos sobre os conhecimentos específicos dos jovens – como por exemplo, os que integraram o projecto experimental de educação sexual entre 1995-98, não existe um conhecimento fundamentado e rigoroso nesta matéria.

OBJECTIVOS

O objectivo geral deste estudo foi o de compreender de forma rigorosa e periódica, o actual nível de educação sexual dos jovens portugueses escolarizados e o papel da escola e dos

professores neste processo, a partir da informação recolhida junto dos próprios destinatários da educação sexual, ou seja, os jovens.

Foram objectivos específicos do trabalho:

- Avaliar a qualidade dos conhecimentos dos jovens sobre diversos tópicos relevantes da sua educação sexual;
- Analisar a importância dos diferentes agentes de socialização no processo de educação sexual dos jovens;
- Perceber o nível de intervenção específica da escola e dos professores neste processo;
- Caracterizar a diversidade existente entre os jovens em matéria de educação sexual em termos de género e condição social;
- Identificar alguns comportamentos sexuais e amorosos dos jovens, bem como comportamentos preventivos na área da saúde sexual e reprodutiva;
- Avaliar o impacto da educação sexual nos comportamentos sexuais e preventivos dos jovens;
- Conhecer o recurso que os jovens fazem actualmente aos profissionais e serviços de saúde e outros serviços de ajuda.

METODOLOGIA

Foi realizado um levantamento prévio de instrumentos já existentes e que poderiam ser aplicados no estudo e foi construído e pré-testado um questionário para recolha dos dados referidos.

O questionário integrou as seguintes dimensões:

- Uma primeira parte – Parte A – de caracterização da amostra contendo variáveis demográficas, a origem social dos jovens, a sua religiosidade e o grau de dificuldade com que conversavam com os progenitores sobre questões de sexualidade.
- Uma segunda parte – Parte B – de avaliação dos conhecimentos dos jovens sobre diversas matérias relacionadas com a sexualidade, ou seja, a qualidade dos seus conhecimentos em educação sexual. Para este fim foram utilizados os **Questionários Mathtech** (Douglas Kirby).
- Uma terceira parte – Parte C – em que se procurou identificar os interlocutores privilegiados dos jovens para conversar sobre 17 tópicos de educação sexual listados e, no contexto escolar, em que medida e em que contextos disciplinares e não disciplinares estes tópicos eram abordados.
- Uma quarta parte e quinta partes – Partes D e E – em que se procurou dados sobre o início dos relacionamentos sexuais dos jovens (idades, contextos relacionais, comportamentos preventivos) e sobre a situação actual desses relacionamentos, respectivamente.
- Uma última parte – Parte F – em que se procurou saber a quem recorrem os jovens em situações em que precisam de ajuda, em áreas e problemas relacionados com a sua vida sexual.

As escolas abrangidas, de todas as regiões do país, foram identificadas através da rede de contactos da APF. Os questionários aplicados após a obtenção das autorizações respectivas, nomeadamente do Ministério da Educação, das direcções das escolas, dos encarregados de educação e dos próprios jovens.

Em cada escola foi identificada uma professora ou professor que colaborou aplicando o questionário a uma turma do 12º ano e a outra do 10º ano, pretendendo-se desta forma obter dados sobre educação sexual dos jovens na escola ao longo do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário.

O trabalho de campo decorreu nos primeiros quatro meses de 2008. Obteve-se um total de 2621 questionários preenchidos dos quais 60% são alunos do 10º ano e 40% do 12º ano. Os dados foram tratados estatisticamente com recurso ao programa SPSS.

Parte A - Caracterização da amostra

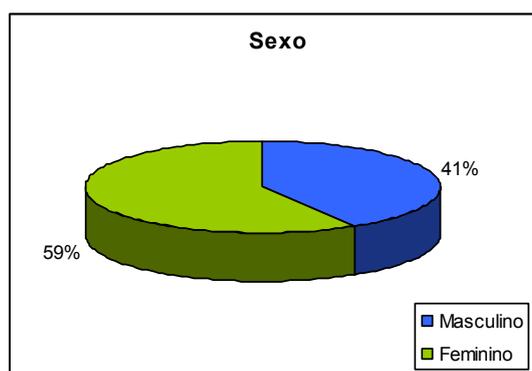
1. Caracterização sócio demográfica

A amostra foi recolhida através de contactos estabelecidos entre a Associação para o Planeamento da Família e **62 escolas**, tendo sido inquiridas turmas de 10º e 12º ano nos diferentes estabelecimentos de ensino, num total 2621 alunos/as:

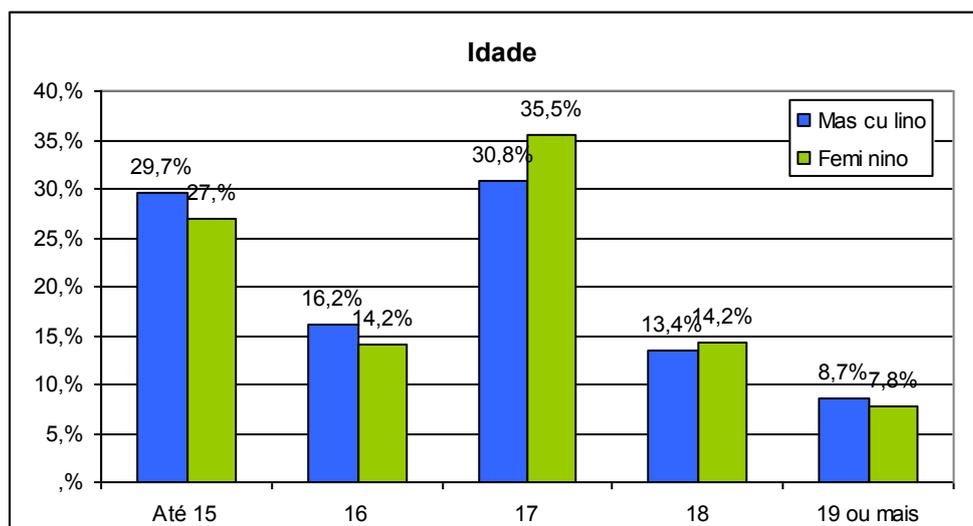
Escola	Masculino	Feminino	N/R	Total
Alentejo	132	173	1	306
Escola Básica 2,3 c/ Secundária de Cunha Rivara	11	20		31
Escola Básica 2,3 c/ Secundária Dr. Hernani Cidade	12	26		38
EPRAL - Escola Profissional da Região do Alentejo	22	18	1	41
Escola Secundária c/ 3º Ciclo de André Gouveia	19	20		39
Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Moura	21	13		34
Escola Secundária de Gabriel Pereira	9	14		23
Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Campo Maior	19	33		52
Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Vendas Novas	19	29		48
Algarve	77	176	0	253
Escola Secundária de Albufeira	14	19		33
Escola Secundária de Loulé	10	30		40
Escola Secundária Poeta António Aleixo	8	39		47
Escola Secundária c/ 3º Ciclo Pinheiro e Rosa	18	39		57
Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes	14	27		41
Escola Secundária Tomás Cabreira	13	22		35
Centro	303	372	0	675
Escola Básica 2,3 c/ Secundária João Garcia Bacelar	16	5		21
Escola Básica 2,3 c/ Secundária Dr. Daniel de Matos	10	17		27
Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Alcains	15	30		45
Escola Secundária de Avelar Brotero	20	27		47
Escola Secundária de D. Dinis	26	49		75
Escola Secundária da Tábua	12	7		19
Escola Secundária de Viriato	17	28		45
Escola Secundária Nuno Álvares	8	23		31
Escola Secundária da Quinta das Flores	20	25		45
Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Santa Comba Dão	31	23		54
Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Anadia	16	25		41
Escola Secundária de Pinhel	23	22		45
Escola Secundária de Domingos Sequeira	89	91		180
Lisboa	190	278	0	468
Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Coruche	18	22		40
Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Montejunto	13	26		39
Escola Secundária c/ 3º ciclo Henriques Nogueira	17	12		29
Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira	31	18		49
Escola Secundária de Miraflores	14	30		44
Escola Secundária c/ 3º Ciclo de Pinhal Novo	8	31		39
Escola Secundária Fernando Lopes Graça	18	22		40
Escola Secundária de Pedro Alexandrino	11	24		35
Escola Secundária Vitorino Nemésio	22	33		55
Escola Secundária Fernão Mendes Pinto	6	4		10
Escola Secundária Damião de Goes	13	30		43
Escola Secundária de Matias Aires	19	26		45

Norte	188	204	1	393
Escola Secundária Almeida Garrett	26	26		52
Escola Secundária da Maia	25	20	1	46
Escola Secundária Daniel Faria	23	17		40
Escola Secundária de Ermesinde	4	7		11
Escola Secundária de Lousada	27	31		58
Escola Secundária Dr. Serafim Leite	11	29		40
Escola Secundária do Padrão da Légua	39	14		53
Escola Secundária de Castelo de Paiva	23	22		45
Escola Secundária de Rio Tinto	10	38		48
Madeira	79	137	0	216
Escola Básica+Secundária Bispo D. Manuel Ferreira Cabral	11	33		44
Escola Básica e Secundária da Calheta	11	25		36
Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco	8	19		27
Escola Secundária Dr. Ângelo Augusto da Silva	26	15		41
Escola Secundária Jaime Moniz	12	25		37
Escola Básica e Secundária Dr. Francisco de Freitas Branco	11	20		31
Açores	117	191	2	310
Escola Secundária das Laranjeiras	21	15		36
Escola Profissional da Sta. Casa da Misericórdia de Angra	11	18		29
Escola Profissional da Praia da Vitória	8	27		35
Escola Secundária de Antero Quental	13	27		40
Escola Secundária de Lagoa	20	34	1	55
Escola Básica e Secundária da Povoação	17	22		39
Escola Básica e Secundária do Nordeste	16	29		45
Escola Secundária da Ribeira Grande	11	19	1	31
Total	1086	1531	4	2621

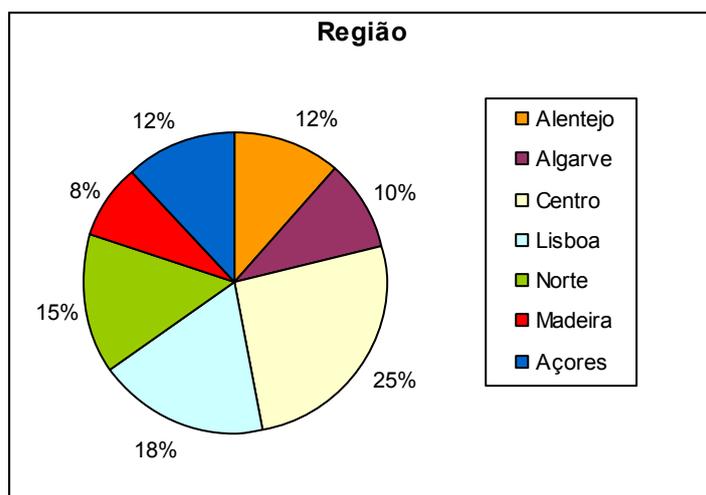
Foram abrangidos jovens de ambos os **sexos**: 1086 rapazes e 1531 raparigas, o que corresponde a cerca de 59% do sexo feminino e 41% do sexo masculino.



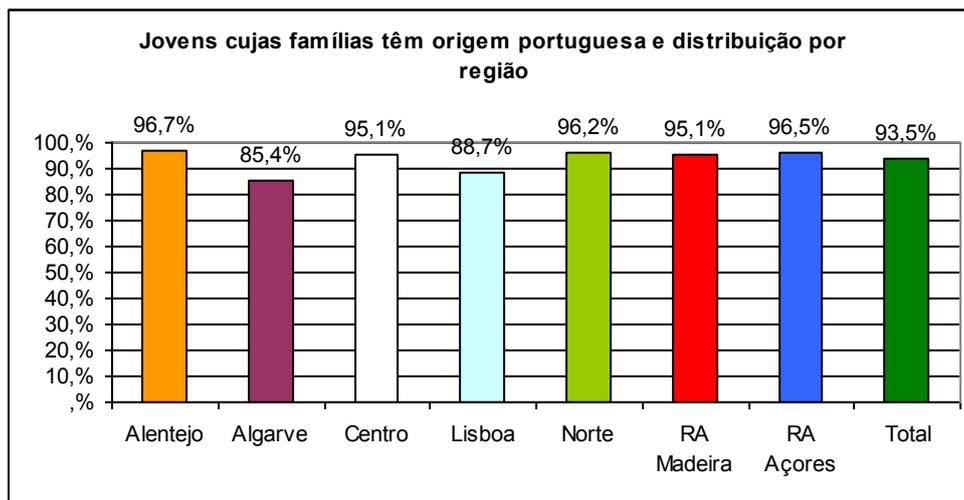
Relativamente às **idades** dos jovens, e tendo em conta que foram inquiridos estudantes de ambos os sexos a frequentar o 10º e o 12º ano de escolaridade, estas têm uma grande amplitude: 28% tem 15 anos ou menos, 15% tem 16 anos, 34% tem 17 anos, 14% tem 18 anos e são 8% os que tem 19 ou mais anos. Observando as idades dos inquiridos segundo o sexo, verificamos que os rapazes são mais jovens do que as raparigas.



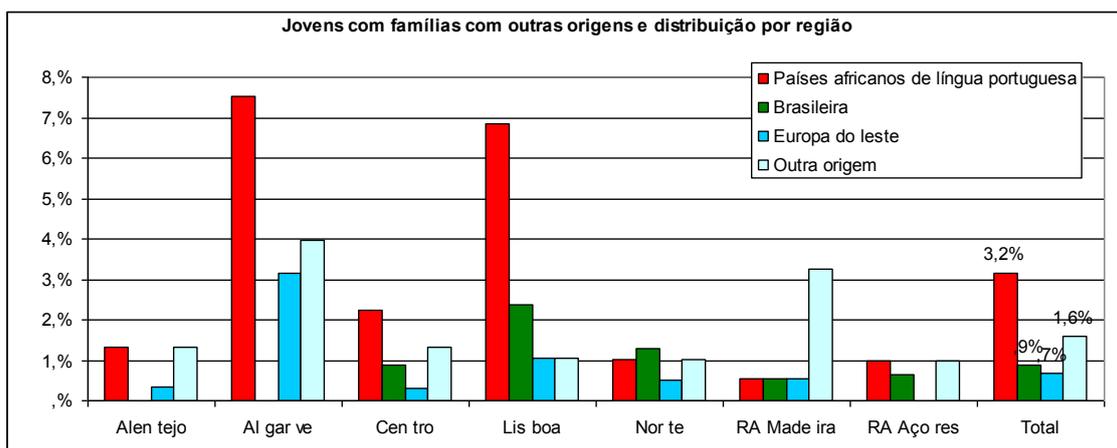
Quanto à **distribuição por região**, foram abrangidas escolas em todo o território nacional: Alentejo (306 inquiridos), Algarve (253 inquiridos), Centro (675 inquiridos), Lisboa (468 inquiridos), Norte (393 inquiridos), Madeira (216 inquiridos) e Açores (310 inquiridos).



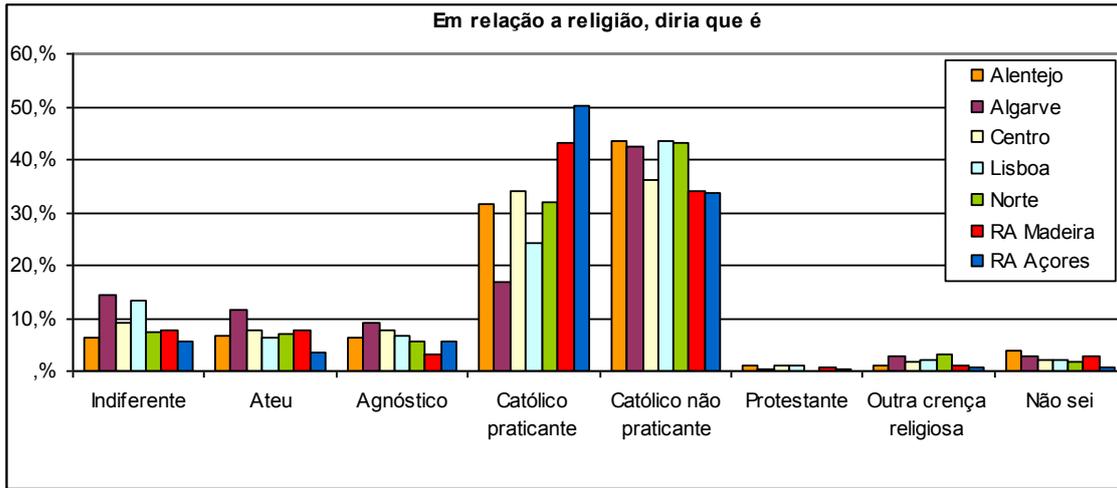
A larga maioria dos jovens tem famílias de **origem** portuguesa (cerca de 94% dos jovens inquiridos), sendo de mencionar que 3,2% têm famílias de origem em países africanos de língua portuguesa, 0,9% de origem brasileira, 0,7% do leste da Europa e 1,6% outras origens. Esta distribuição apresenta diferenças de assinalar do ponto de vista regional: embora em todas as regiões a maior parte das famílias tenha origem portuguesa, é de salientar que as regiões de Lisboa e do Algarve apresentam mais famílias migrantes.



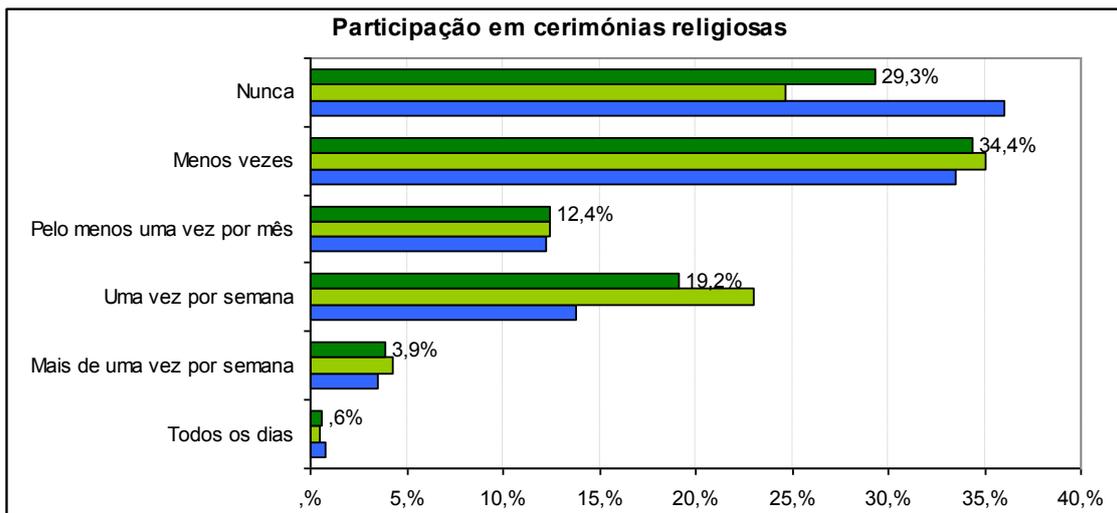
Das famílias com origens noutras países, e como já se tinha referido, a maior parte provém de “países africanos de língua portuguesa”, mas esta diferença é mais visível nas regiões do Algarve (7,5% dos inquiridos) e em Lisboa (quase 7%). Na região do Algarve têm expressão também as famílias com “Outra” origem (4%) e da “Europa do Leste” (3%) e é notória a ausência de inquiridos com famílias de origem “Brasileira” nas regiões do Alentejo e Algarve.



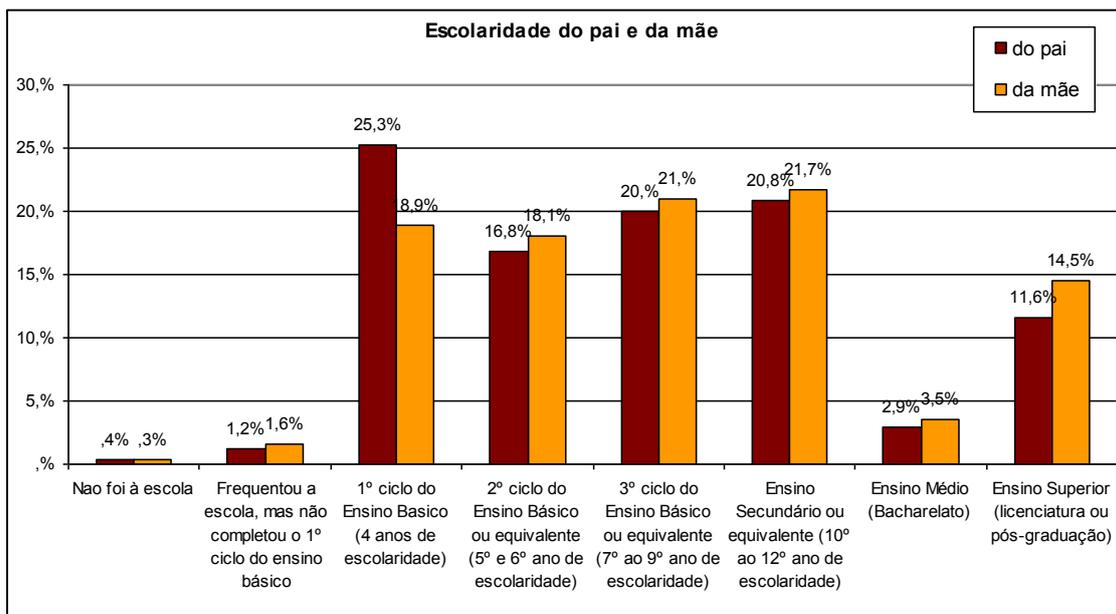
Quando se questionam os jovens sobre **religião**, cerca de 73% dizem-se católicos, entre não praticantes (que são 40%) e católicos praticantes (33%). São de salientar as diferenças nas regiões de Lisboa e do Algarve, onde os católicos praticantes são em menor proporção; de igual modo, o maior número de jovens indiferentes à religião, ateus e agnósticos são da região do Algarve. Por oposição, os jovens das Regiões Autónomas apresentam-se maioritariamente como católicos praticantes (mais de 50% nos Açores).



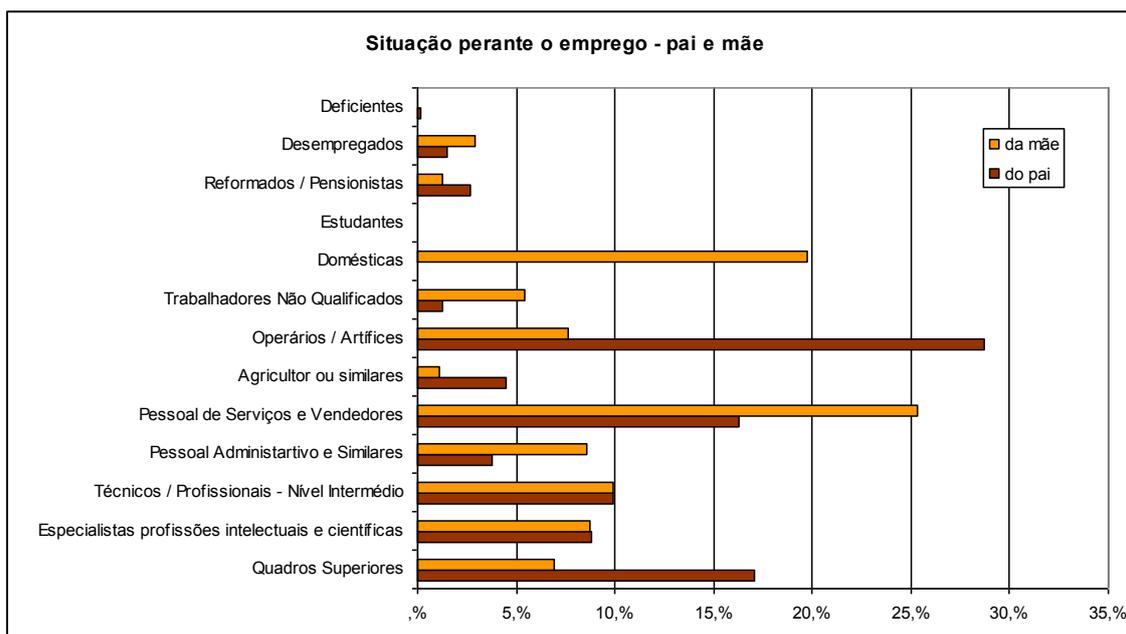
Quando observamos as questões relacionadas com a religião e a **prática do culto religioso** (excluindo-se as ocasiões especiais como casamentos e funerais), observamos que os jovens participam em serviços religiosos, embora o façam esporadicamente: um conjunto de 65% da amostra refere que não participa “Nunca” ou participa menos de uma vez por mês em cerimónias relacionadas com a sua religião. Por outro lado, uma média de 19,2% refere que o faz uma vez por semana e, nestes, são sobretudo as raparigas as mais assíduas (23%).



Relativamente à **escolaridade do pai e da mãe** destes jovens, quase todos os progenitores frequentaram a escola. Em geral, as mães têm mais escolaridade do que os pais: na categoria “1.º ciclo do Ensino Básico (4 anos)” predominam os pais, nos graus académicos intermédios e superiores (2.º/3.º ciclo, secundário, médio e superior) predominam as mães.



Relativamente à situação perante o trabalho pais e mães destes jovens, podemos observar que as mães, apesar de terem mais habilitações, têm profissões menos qualificadas (domésticas e vendedoras somam quase 50% das mães) e os pais são sobretudo operários e artífices (quase 30%). A discrepância ao nível dos quadros superiores é ainda de assinalar: 17% dos pais e apenas 7% das mães.



Quando se analisam as situações profissionais das mães dos jovens sob a perspectiva regional, observamos as seguintes diferenças: o Algarve é a região onde há menos mulheres agricultoras (que são em número mais significativo na Madeira) ou domésticas (que são em maior número nos Açores) e onde encontramos mulheres com profissões mais qualificadas (quadros superiores e especialistas/profissões intelectuais e científicas).

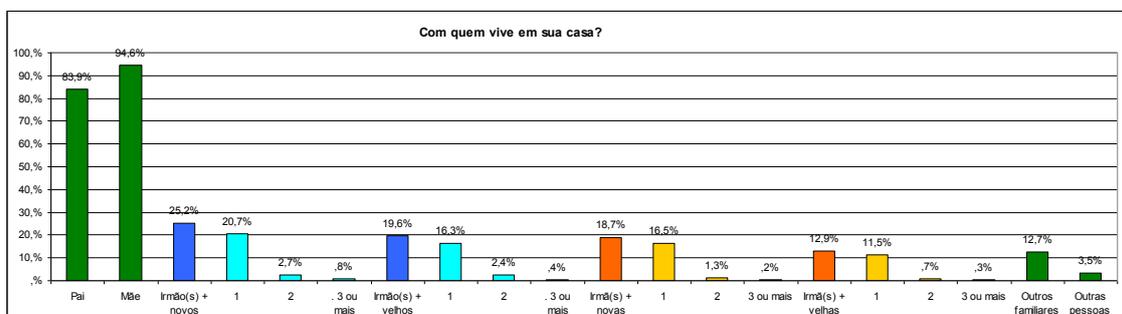
Esta diferença regional também é encontrada nas profissões dos pais dos jovens: no Algarve os pais têm profissões mais qualificadas, por oposição à Região Autónoma da Madeira. A categoria profissional dos pais que apresenta mais homogeneidade em termos regionais é a dos “Operários / Artífices”.

O maior número de desempregados/as regista-se na região do Alentejo.

A9. Qual é a profissão (%)?		Região						
		Alentejo	Algarve	Centro	Lisboa	Norte	RA Madeira	RA Açores
Quadros Superiores	Pai	14,84	21,70	17,15	17,43	17,81	11,57	13,87
	Mãe	6,01	13,21	7,04	8,72	5,60	2,48	2,58
Especialistas profissões intelectuais e científicas	Pai	6,01	10,38	7,04	12,11	10,94	4,96	6,45
	Mãe	6,01	11,32	7,58	9,93	9,16	4,13	11,29
Técnicos / Profissionais - Nível Intermediário	Pai	6,36	13,21	10,83	12,11	10,94	0,83	5,48
	Mãe	5,65	11,32	12,09	13,80	9,92	1,65	6,13
Pessoal Administrativo e Similares	Pai	3,89	2,36	2,89	4,60	3,56	2,48	7,10
	Mãe	7,77	8,96	7,40	11,38	9,41	1,65	9,35
Pessoal de Serviços e Vendedores	Pai	10,60	18,40	16,97	19,37	17,05	17,36	13,55
	Mãe	24,38	32,55	22,20	26,39	18,32	45,45	23,55
Agricultor ou similares	Pai	7,42	3,77	2,89	1,94	1,53	12,40	11,94
	Mãe	2,12	0,00	1,26	0,97	0,51	6,61	0,32
Operários / Artífices	Pai	37,81	23,11	31,95	24,21	30,03	34,71	26,77
	Mãe	8,83	1,89	11,01	5,08	12,47	2,48	3,55
Trabalhadores Não Qualificados	Pai	1,77	0,47	0,72	0,48	1,78	1,65	2,90
	Mãe	4,24	8,02	4,51	5,81	6,11	1,65	6,13
Domésticas	Pai	0,00	0,00	0,18	0,00	0,00	0,00	0,00
	Mãe	24,38	8,49	19,13	13,08	20,36	30,58	33,87
Estudantes	Pai	0,35	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	Mãe	0,00	0,47	0,00	0,24	0,25	0,00	0,00
Reformados / Pensionistas	Pai	2,83	0,94	1,99	2,66	2,04	2,48	5,16
	Mãe	3,89	0,00	1,26	0,48	1,02	0,00	1,61
Desempregados	Pai	2,83	0,00	1,99	0,97	1,78	1,65	0,97
	Mãe	5,65	0,94	2,89	2,91	4,33	2,48	0,65
Deficientes	Pai	0,00	0,00	0,18	0,00	0,00	2,48	0,00
	Mãe	0,00	0,00	0,18	0,00	0,00	0,00	0,32

■ região onde a categoria profissional é mais predominante
 ■ região onde a categoria profissional é menos predominante

Na **caracterização dos agregados familiares** dos inquiridos, podemos observar que a maioria vive com os pais: cerca de 83% vive com o pai, 95% vive com a mãe; 25% tem irmãos do sexo masculino mais novos e quase 20% tem irmãos do sexo masculino mais velhos; as irmãs do sexo feminino são menos numerosas – 19% tem irmãs mais novas e apenas 13% tem irmãs mais velhas. Em cerca de 12% destes agregados vivem ainda outros familiares e, em 3,5% outras pessoas.



Observando estes agregados sob o ponto de vista das idades, e como seria de esperar, concluímos que à medida que a idade avança, vai diminuindo a percentagem de jovens que vivem com o pai e a mãe e estes vão passando a ter agregados constituídos por outras pessoas.

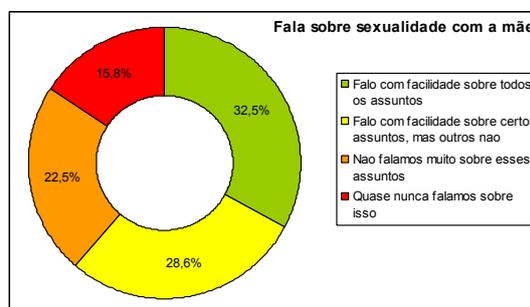
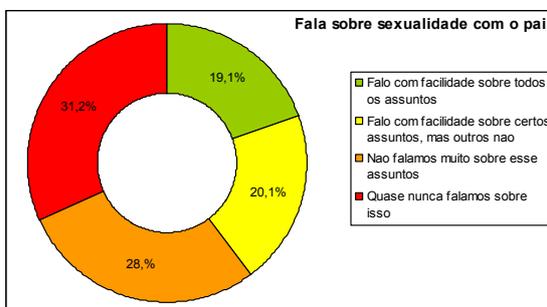
Do ponto de vista regional, encontramos algumas curiosidades: os agregados mais nucleares encontram-se no Norte, onde a percentagem de coabitação com as mães atinge os 97,5% e com os pais 91,6% e onde as percentagens de “outros familiares” ou “outras pessoas” são menores; é no Algarve que as famílias monoparentais atingem o número mais elevado (apenas 79% vive com o pai) e também onde as famílias alargadas atingem uma maior proporção (em 5,2% das famílias coabitam outras pessoas). Relativamente ao número de irmãos, as diferenças mais significativas são na região da Madeira, onde os irmãos do sexo masculino mais novos atingem 33% (por comparação com os 25% a nível nacional) e apenas 13,2% de irmãos do sexo masculino mais velhos (por comparação com os 19,6% nacionais).

A11. Com quem vive em sua casa	Região							Nacional
	Alentejo	Algarve	Centro	Lisboa	Norte	RA Madeira	RA Açores	
Pai	85,2%	79,2%	83%	80,1%	91,6%	81,8%	83,2%	83,9%
Mãe	94%	94,3%	94%	94,4%	97,5%	95%	92,6%	94,6%
Irmão(s) + novos	25,4%	21,2%	24,2%	21,3%	23,9%	33,9%	32,9%	25,2%
. 1	18,4%	19,8%	22,2%	17,2%	20,4%	23,1%	24,8%	20,7%
. 2	4,2%	,9%	1,4%	1,9%	1,5%	7,4%	5,5%	2,7%
. 3 ou mais	1,8%	,5%	,2%	1,2%	1,3%	-	,6%	,8%
Irmão(s) + velhos	22,6%	17%	21,1%	16,9%	16,5%	13,2%	26,1%	19,6%
. 1	17,7%	13,7%	18,1%	15%	14%	9,1%	21%	16,3%
. 2	3,9%	3,3%	2,7%	1%	1%	3,3%	3,5%	2,4%
. 3 ou mais	,4%	-	,2%	,5%	,8%	-	,6%	,4%
Irmã(s) + novas	15,5%	20,3%	17,9%	15,5%	22,1%	17,4%	22,6%	18,7%
. 1	13,8%	16,5%	16,8%	13,6%	20,9%	13,2%	18,4%	16,5%
. 2	1,1%	1,9%	,4%	1%	1,3%	1,7%	2,9%	1,3%
. 3 ou mais	,4%	-	-	,5%	-	,8%	,3%	,2%
Irmã(s) + velhas	10,6%	9%	12,6%	14,5%	14,2%	13,2%	13,9%	12,9%
. 1	9,5%	8%	11,7%	13,1%	13,2%	9,9%	11,6%	11,5%
. 2	,4%	-	,4%	1%	,8%	,8%	1,6%	,7%
. 3 ou mais	,4%	,5%	,4%	,2%	-	,8%	,3%	,3%
Outros familiares	12,4%	12,7%	13,5%	11,9%	9,2%	18,2%	14,8%	12,7%
Outras pessoas	3,9%	5,2%	2,7%	4,4%	2,3%	3,3%	4,2%	3,5%

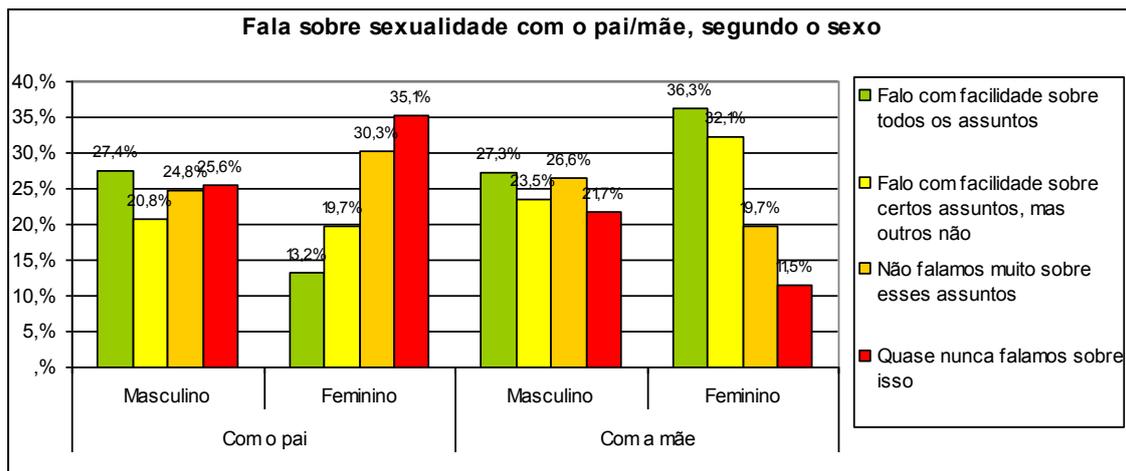
região onde a categoria é mais predominante
 região onde a categoria é menos predominante

2. Comunicação sobre sexualidade com os progenitores

Quando questionados sobre a **comunicação com o pai e a mãe** (ou a pessoa que os substituiu) sobre sexualidade, os jovens manifestam mais facilidade em falar com a mãe: cerca de 32% afirma que “Fala com facilidade sobre todos os assuntos” com a mãe e apenas 19% sentem essa facilidade com o pai. De salientar que, ao contrário, cerca de 16% diz que “Quase nunca falamos sobre isso” e 31% referem o mesmo em relação ao pai.



A facilidade com que falam sobre sexualidade varia em função do género e isso é sobretudo visível nas raparigas, pois a facilidade com que esses assuntos são abordados varia na proporção directa quando o interlocutor é a mãe e na proporção inversa quando o interlocutor é o pai. Para os rapazes, a facilidade ou dificuldade em falar sobre “esses assuntos” não apresenta grandes diferenças entre o interlocutor pai ou mãe. De salientar que no conjunto da amostra, 30% nunca fala sobre esses assuntos com o pai.



Quando observamos as variáveis “comunicação com o pai” e “comunicação com a mãe” e as cruzamos com a condição social dos mesmos, aqui revelada pela escolaridade do pai e da mãe, verificamos que há uma associação estatisticamente significativa entre as variáveis. Esta associação indica que os jovens que têm pais com mais escolaridade têm maior facilidade em falar com estes progenitores sobre assuntos sexuais ($\chi^2 = 72.955$; $p = <.001$) e o mesmo acontece com os jovens cujas mães têm níveis de escolaridade mais elevados ($\chi^2 = 42.122$; $p = <.01$).

COMENTÁRIO SÍNTESE

Uma amostra diversificada

Concluindo, temos uma amostra de jovens geograficamente diversificada, maioritariamente feminina e com idades fundamentalmente compreendidas entre os 15 e os 18 anos.

Os jovens são na sua grande maioria originários de famílias portuguesas, ainda que nas regiões de Lisboa e do Algarve a percentagem de jovens de outras origens seja significativa.

A origem social dos jovens é também muito diversificada em termos da escolaridade e profissões dos progenitores.

Uma baixa religiosidade

Os jovens identificam-se maioritariamente com a religião católica, embora a sua religiosidade seja baixa, expressa no facto de apenas 20% participarem semanalmente em cerimónias religiosas.

Uma comunicação sobre sexualidade com os progenitores limitada e prudente

A grande maioria dos jovens vive com ambos os seus progenitores biológicos e, em termos de comunicação sobre sexualidade, as raparigas preferem claramente a mãe para a abordagem de todos os assuntos.

Nos rapazes, não é tão clara a preferência por um ou outro interlocutor: os rapazes que falam “com facilidade sobre todos os assuntos”, fazem-no quer com o pai quer com a mãe, contrariando-se aqui a ideia de que os rapazes fariam destes temas mais facilmente com o pai do que com a mãe.

Há uma percentagem bastante significativa de jovens de ambos os sexos que fala muito pouco destes assuntos com os seus progenitores ou que evita a abordagem de alguns assuntos de natureza sexual. Mais uma vez é sobretudo com o pai que tal acontece.

Parte B – Conhecimentos sobre sexualidade

Os jovens foram inquiridos sobre vários tópicos relacionados com a sexualidade, num teste aos seus conhecimentos com 27 perguntas. Em todos os casos, apresenta-se uma escala de conhecimentos, isto é, uma questão com 4 ou 5 alternativas de resposta, solicitando-se que assinalem apenas uma das hipóteses (as outras opções são incompletas ou falsas).

Os temas abordados nas perguntas podem sintetizar-se da seguinte forma:

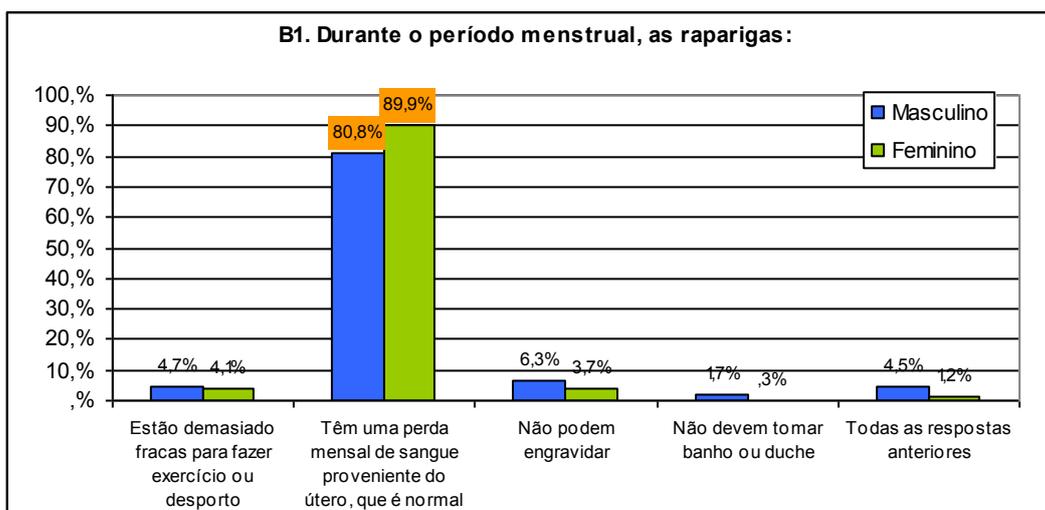
- 1- Puberdade e adolescência (questões B1, B7, B11, B14, B21 e B22)
- 2- Sexualidade Humana (questões B4, B6, B13, B15, B17 e B27)
- 3- Contraceção (questões B3, B9, B16, B23, B24 e B26)
- 4- Infecções sexualmente transmissíveis (B5, B12, B18, B19, B20 e B25)
- 5- Percepção de risco (B2, B8 e B10)

A sombreado destacamos as respostas certas para cada uma das questões.

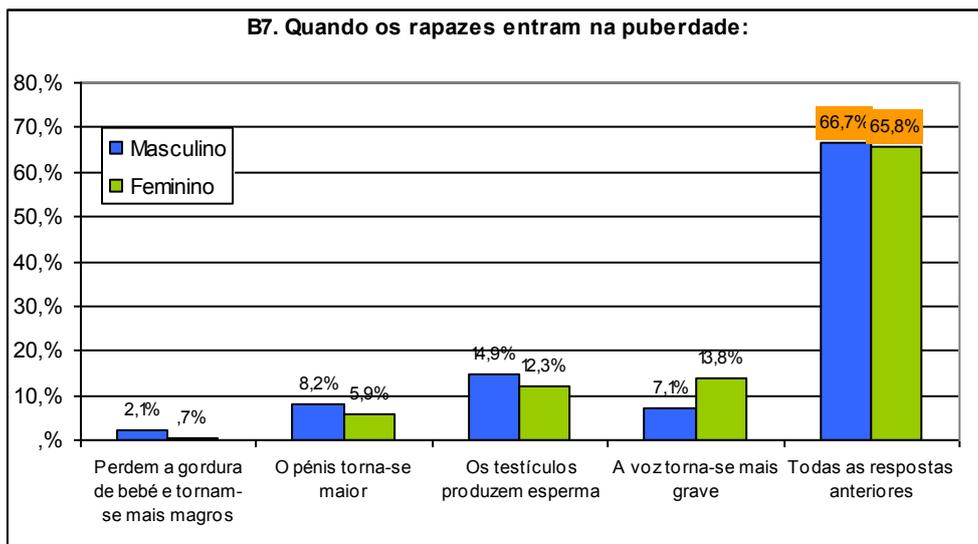
1- Puberdade e adolescência (questões B1, B7, B11, B14, B21 e B22)

Um conjunto de 6 perguntas aborda o tema da puberdade e adolescência, verificando-se que as raparigas acertam, em geral, mais do que os rapazes.

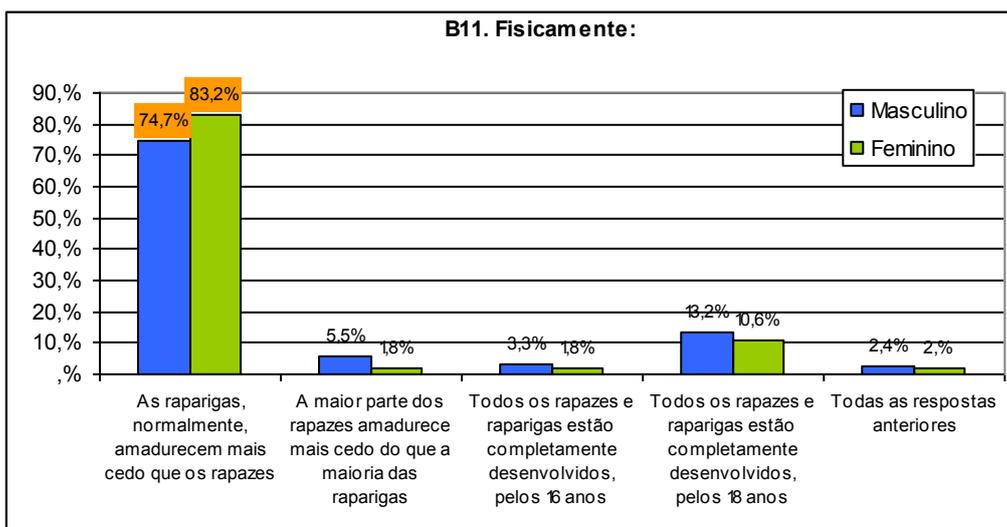
Perante a questão relacionada com a **menstruação**, a grande maioria reconhece que esta se deve a “uma perda mensal de sangue proveniente do útero, que é normal”, sendo que os rapazes acertam menos do que as raparigas (81% e 90%, respectivamente); um somatório de cerca de 14% de raparigas e rapazes não acerta na resposta.



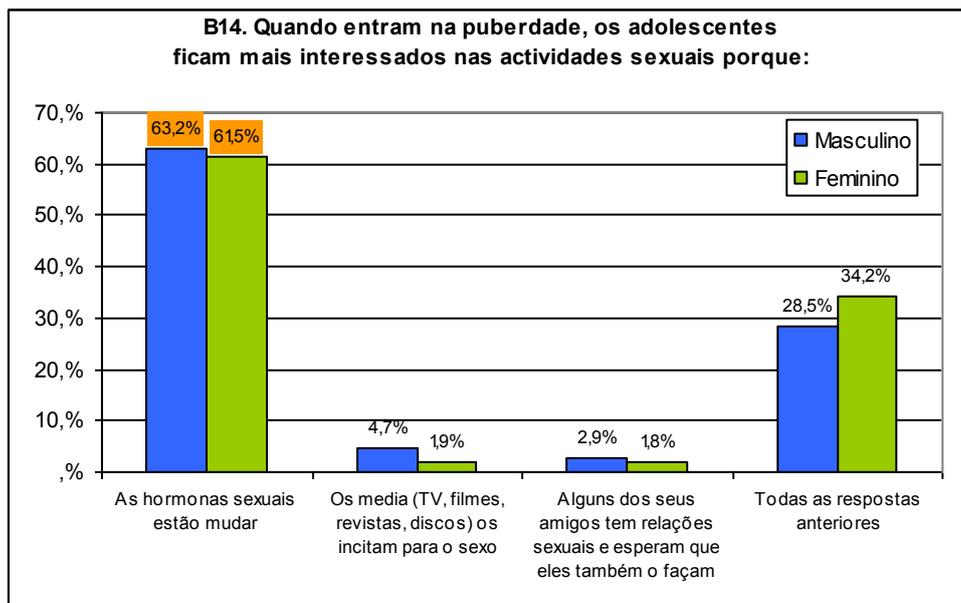
Questionados sobre as mudanças que ocorrem nos **rapazes na puberdade**, a maior parte acerta na resposta e, nesta questão, eles ligeiramente mais do que elas: 67% dos rapazes e 66% das raparigas reconhece todos os sinais enunciados. Os outros jovens dispersam-se entre as alternativas de resposta, apontando apenas um dos sinais. Entre estes, 13% das raparigas indica que “a voz torna-se mais grave”, e o mesmo é apontado por 7% dos rapazes; “é nesta fase que os testículos produzem esperma”, reconhecem 15% dos rapazes e 12% das raparigas; 8% dos rapazes e 6% das raparigas assinala que o “pénis torna-se maior” e apenas 2% dos rapazes e 1% das raparigas sabe que nesta fase os rapazes “perdem a gordura de bebé e tornam-se mais magros”.



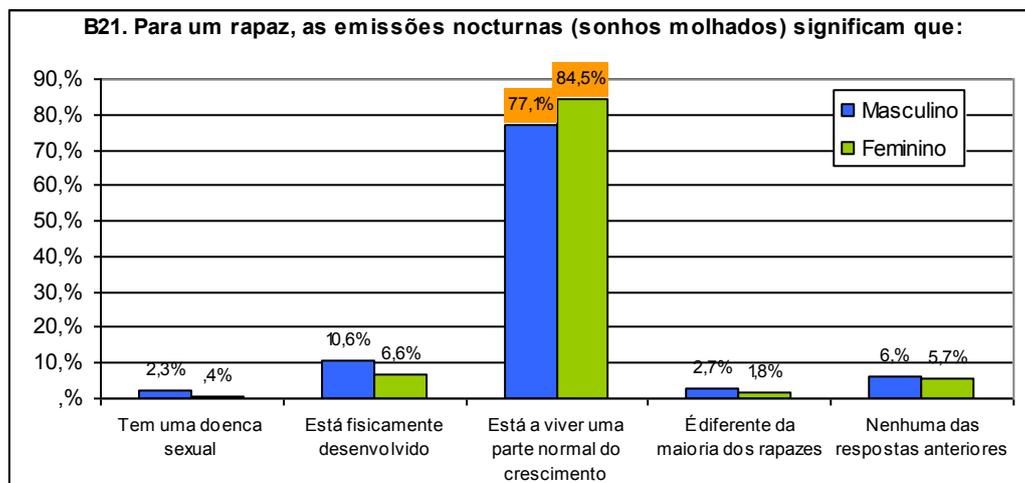
Relativamente à **maturação**, a maioria dos jovens sabe que “as raparigas, normalmente, amadurecem mais cedo do que os rapazes”, mas é maior a percentagem de raparigas que acerta (83% para 75% dos rapazes). Em contrapartida, 11% das raparigas e 13% dos rapazes considera que “todos os rapazes e raparigas estão completamente desenvolvidos pelos 18 anos”.



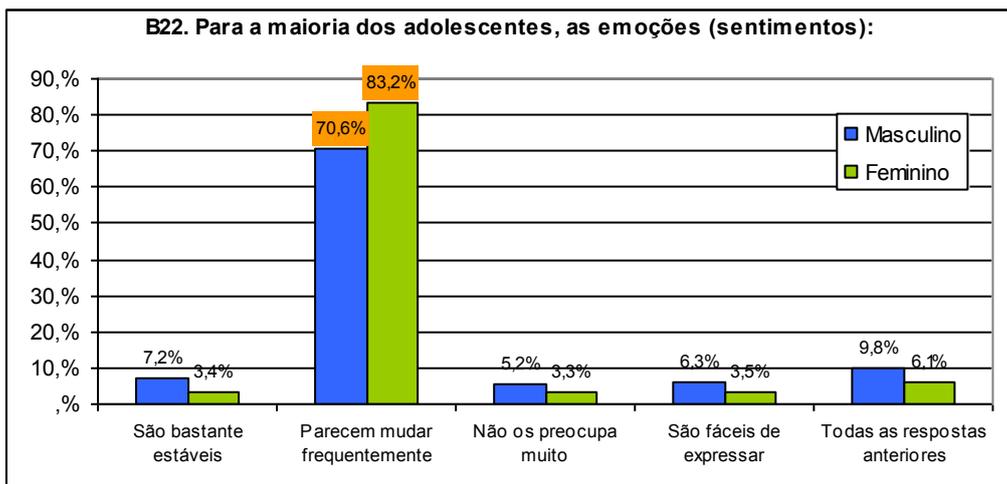
Quanto ao aumento do **interesse sexual** a partir da puberdade, este é atribuído na maioria dos casos apenas às “hormonas sexuais que estão a mudar” (63% das raparigas e 62% dos rapazes); 5% dos jovens do sexo masculino e 2% do sexo feminino acredita que este se deve aos “media (TV, filmes, revistas, discos) que os incita para o sexo” e 3% dos rapazes e 2% das raparigas justifica o interesse nas actividades sexuais com a influência dos pares: “alguns dos seus amigos que tem relações sexuais e esperam que eles também o façam”. Apenas 34% das raparigas e 29% dos rapazes considera que todas as respostas anteriores estão correctas e são motivo para o aumento do interesse sexual durante a adolescência.



A grande maioria dos inquiridos diz que as **emissões nocturnas** (*sonhos molhados*) significam que os rapazes “estão a viver uma parte normal do crescimento” (85% das raparigas e 77% dos rapazes), cerca de 11% dos rapazes e 7% das raparigas indica que os sonhos molhados estão associados ao atingir da maturidade, isto é, consideram que a partir desta fase o rapaz “está fisicamente desenvolvido” e, 2,4% dos rapazes e 0,4% das raparigas, atribui os sonhos molhados a “uma doença sexual”. Ainda 6% dos jovens nega todas as respostas anteriores.



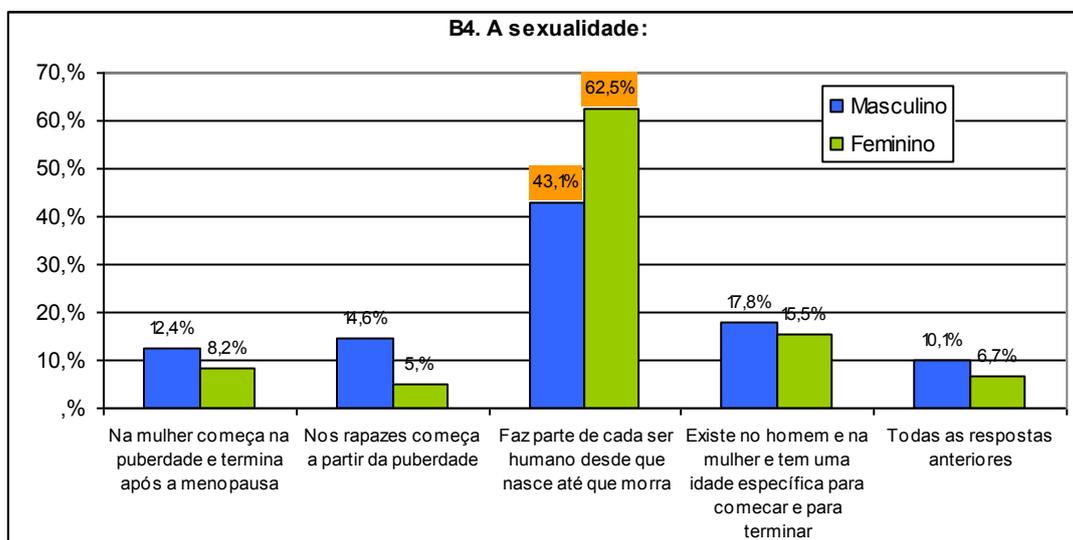
Relativamente às emoções e aos **sentimentos**, a maioria dos jovens de ambos os sexos reconhece que os adolescentes sentem que estes “parecem mudar constantemente” (83% das raparigas e 71% dos rapazes), mas cerca de 7% dos jovens do sexo masculino e 3% do sexo feminino afirma que, para os adolescentes, as emoções/sentimentos “são bastante estáveis”; quantidade equivalente indica que os sentimentos na adolescência “são fáceis de expressar” (6,3% dos rapazes e 4% das raparigas). Cerca de 5% dos rapazes e 3% das raparigas afirmam que as emoções não preocupam muito os adolescentes (4,1%). Um número importante de jovens, cerca de 10% dos rapazes e 6% das raparigas assinala como verdadeiras todas as anteriores respostas.



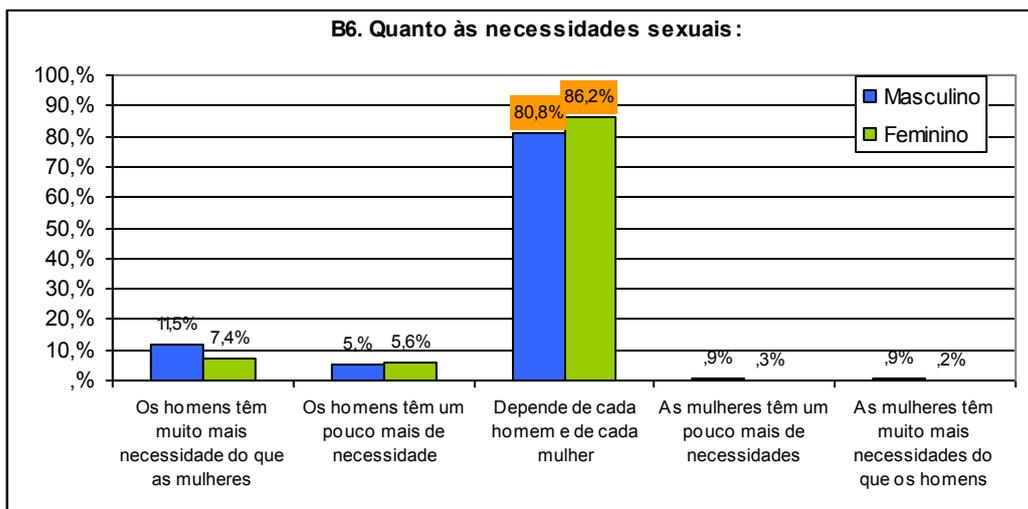
2- Sexualidade Humana (questões B4, B6, B13, B15, B17 e B27)

Seis perguntas neste questionário abordavam a sexualidade humana, mais numa perspectiva de conceitos.

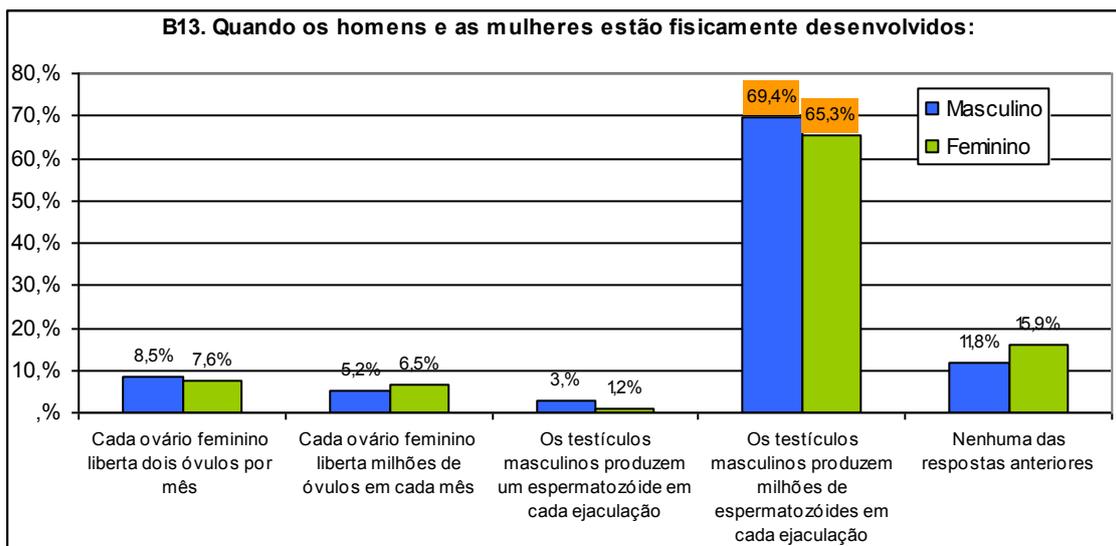
Assim, os jovens são interrogados sobre o significado de **sexualidade** e as respostas dividem-se. Cerca de 63% das raparigas refere que “faz parte de cada ser humano desde que nasce até que morre”, mas o mesmo só é reconhecido por 43% dos rapazes. Ao contrário, o resto da amostra considera que a sexualidade existe apenas num período delimitado na vida humana: 18% dos rapazes e 16% das raparigas consideram que a sexualidade “existe no homem e na mulher e tem uma idade específica para começar e terminar”, cerca de 12% dos rapazes e 8% das raparigas julga que “nas mulheres começa na puberdade e termina após a menopausa” e, por fim, 15% dos rapazes e 5% das raparigas consideram que “nos rapazes começa a partir da puberdade” (sem um fim explicitado). Cerca de 8% da amostra diz que todas as respostas anteriores são verdadeiras.



Sobre as **necessidades** sexuais segundo o género, a maioria dos inquiridos diz que “depende de cada homem e cada mulher” (86% do sexo feminino e 81% do sexo masculino). Mas, é curioso observar que, entre os que não têm essa opinião, a maioria acha que “os homens têm muito mais necessidade do que as mulheres” (12% dos rapazes e 7% das raparigas) e 5% relativiza, dizendo que “os homens têm um pouco mais de necessidade”. Quanto às necessidades sexuais das mulheres, 1% dos jovens assinala que “as mulheres têm um pouco mais de necessidade” ou “têm muito mais necessidades do que os homens”.



Relativamente à **fisiologia** dos órgãos reprodutores femininos e masculinos, entre 65% e 70% dos inquiridos sabe que “os testículos masculinos produzem milhões de espermatozoides em cada ejaculação” (mais uma vez, as raparigas acertam ligeiramente mais); erradamente, 8% afirma que “cada ovário feminino liberta dois óvulos por mês”, 6% diz que “cada ovário feminino liberta milhões de óvulos em cada mês” e ainda 3% dos rapazes e 1% das raparigas pensa que “os testículos masculinos produzem um espermatozóide em cada ejaculação”.

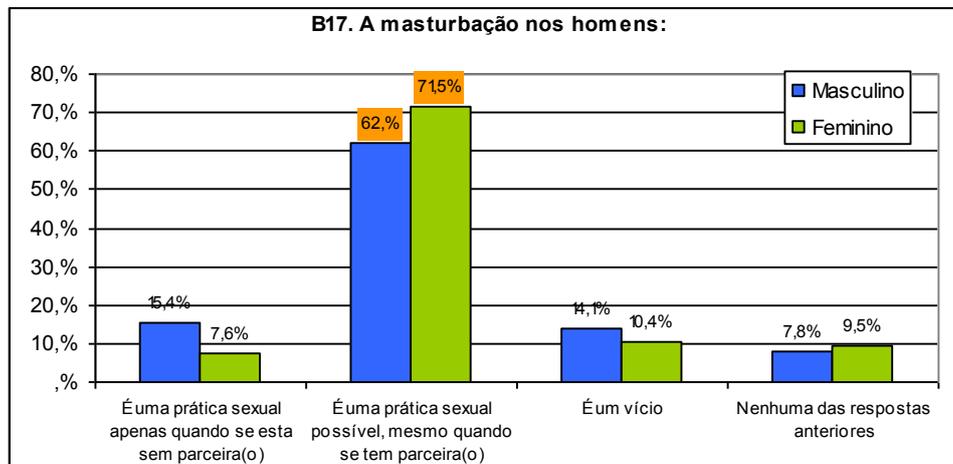
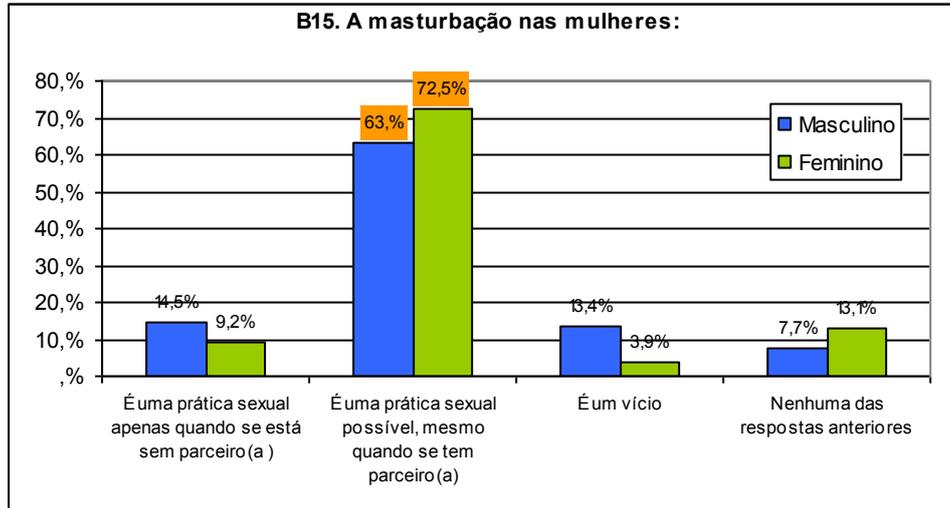


Definindo a **masturbação**, os jovens têm ideias semelhantes sobre a masturbação nos homens e a masturbação nas mulheres. Contudo, estas ideias revelam-se diferentes quando observamos o que os jovens de diferentes sexos pensam sobre esta prática sexual.

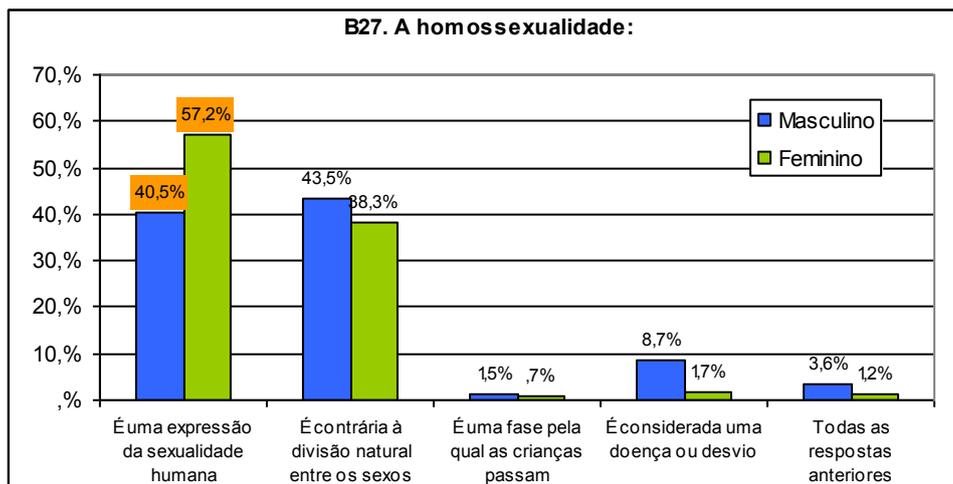
Cerca de 73% das raparigas acha que a masturbação nas mulheres é “uma prática sexual possível, mesmo quando se tem parceiro(a)”. Em oposição, 9% das raparigas considera que a masturbação nas mulheres “é uma prática sexual apenas quando se está sem parceiro(a)” e para 13% das raparigas nenhuma das respostas apresentadas estava correcta. As restantes 4% inquiridas, supõe que a masturbação feminina é “um vício”.

A propósito da masturbação nos homens, a grande maioria das raparigas considera também que se trata de “uma prática sexual possível, mesmo quando se tem parceiro(a)” (72%). Cerca de 10% das raparigas considera a masturbação nos homens “um vício” (salientamos que apenas 4% dizia o mesmo sobre a masturbação nas mulheres) ou “é uma prática sexual apenas quando se está sem parceiro(a)” (7%). Ainda para 10% das raparigas, nenhuma das respostas anteriores estava correcta.

Para os rapazes, as diferenças entre masturbação masculina e feminina são ainda mais ténues: 63% considera que a masturbação nos homens se trata de “uma prática sexual possível, mesmo quando se tem parceiro(a)”, e o mesmo dizem 62% a propósito da masturbação nas mulheres; por oposição, cerca de 15% dos rapazes considera que a masturbação nos homens e nas mulheres é uma prática sexual apenas quando se está sem parceiro(a)” e cerca de 14% considera que esta prática nas mulheres e nos homens “é um vício”. Os restantes 8% dos rapazes dizem que nenhuma das restantes hipóteses anteriores estava correcta, quer para a masturbação nas mulheres quer nos homens.

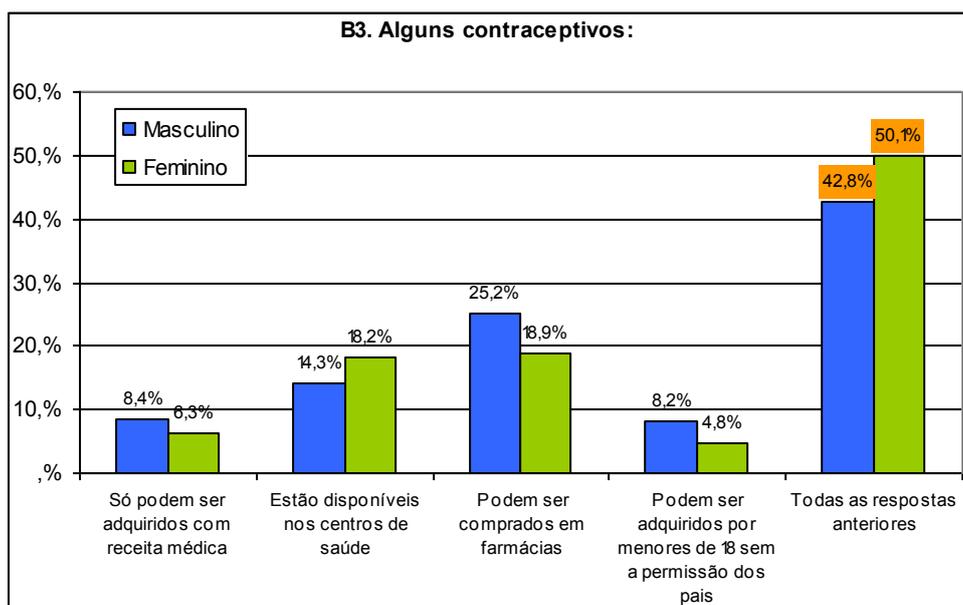


No que se refere às considerações que os jovens fazem sobre a **homossexualidade**, enquanto 57% das raparigas a define como “uma expressão da sexualidade humana”, só 41% dos rapazes tem a mesma opinião. Por oposição, 44% dos rapazes diz que esta “é contrária à divisão natural entre os sexos”, opinião que é partilhada por 38% das raparigas; 9% dos rapazes afirma que “é considerada uma doença ou um desvio”, assim como 2% das raparigas e cerca de 1% de rapazes e de raparigas diz que é “uma fase pela qual as crianças passam”; 4% dos rapazes e 1% das raparigas nega todas as respostas anteriores.

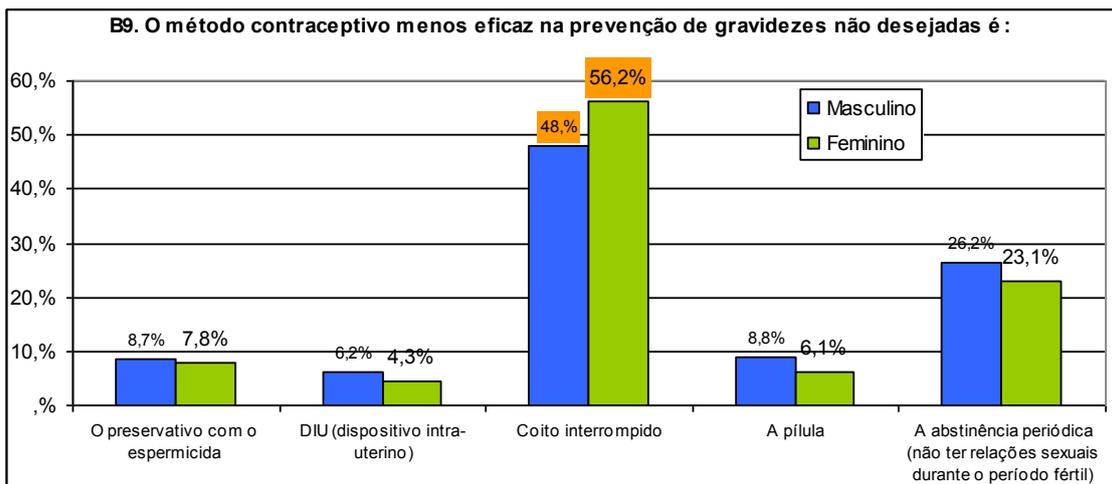


3- Contraceção (questões B3, B9, B16, B23, B24 e B26)

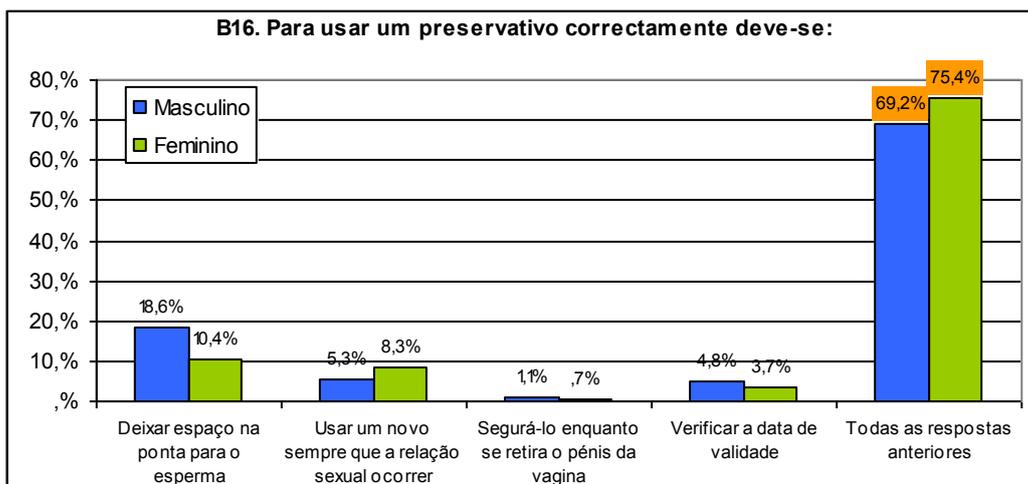
Quando questionados sobre o **acesso aos métodos contraceptivos**, apenas 50% das raparigas e 43% dos rapazes sabe que todas as opções de resposta estavam correctas: “só podem ser adquiridos com receita médica”, “estão disponíveis nos centros de saúde”, “podem ser comprados nas farmácias” e “podem ser adquiridos antes dos 18 anos sem permissão dos pais.” A outra metade de jovens dispersa-se entre apenas uma das respostas.



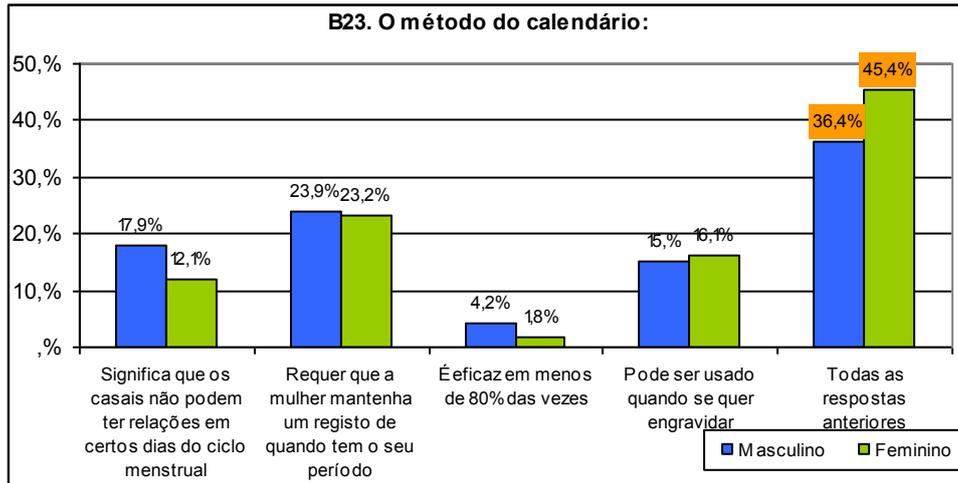
Classificando os métodos quanto à sua **eficácia** contraceptiva, cerca de 56% das raparigas e 48% dos rapazes identificam o “coito interrompido” como o menos eficaz; 23% das raparigas e 26% dos rapazes afirma que a “abstinência periódica” é o método menos eficaz; cerca de 9% das raparigas e 6% dos rapazes aponta o “preservativo com espermicida” e equivalente número de jovens identifica “a pílula” como o método menos seguro. O “DIU” é o método menos referido, assinalado por apenas 4% dos rapazes e 3% das raparigas.



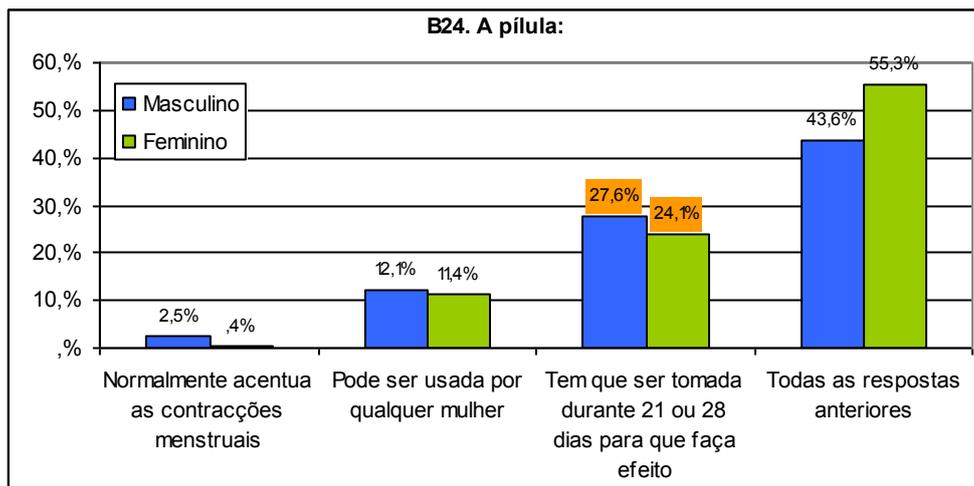
Avaliando as regras para utilização do **preservativo**, cerca de dois terços dos jovens identifica correctamente todas as hipóteses apresentadas como verdadeiras (75% das raparigas e 69% dos rapazes); mas 19% dos rapazes e 10% das raparigas assinala apenas “deixar espaço na ponta para o esperma”; 8% das raparigas e 5 dos rapazes assinalou apenas “usar um novo sempre que a relação sexual ocorrer”; cerca de 5% dos rapazes e 4% das raparigas menciona apenas “verificar a data de validade” e cerca de 1% de ambos os sexos refere a necessidade de “segurá-lo enquanto se retira o pénis da vagina”.



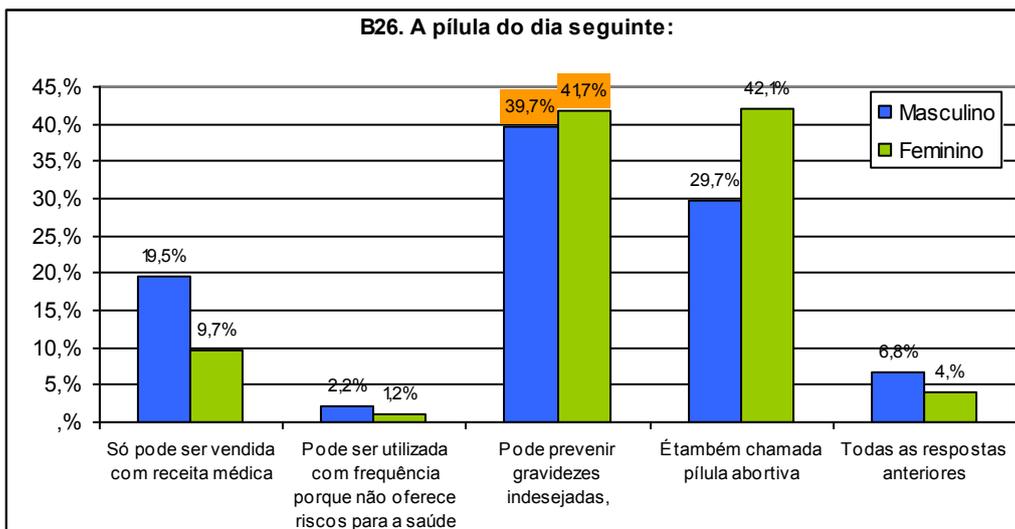
Relativamente ao **método do calendário**, as dúvidas são mais evidentes: apenas 45% das raparigas e 36% dos rapazes identifica correctamente todas as hipóteses apresentadas como verdadeiras; cerca de 24% aponta apenas que “requer que a mulher mantenha um registo de quando tem o seu período”, 16% das raparigas e 15% de rapazes assinalou apenas que “pode ser usado quando se quer engravidar”, assim como 12% de jovens do sexo feminino e 18% do sexo masculino reconhece que “significa que os casais não podem ter relações em certos dias do ciclo menstrual”; por último, 4% dos rapazes e 2% das raparigas identifica apenas a hipótese “é eficaz em menos de 80% das vezes” como verdadeira.



Quanto à **pílula**, as respostas são muito insatisfatórias e, neste contexto, os rapazes acertam ligeiramente mais: a percentagem dos que assinala a resposta “tem que ser tomada durante 21 ou 28 dias para que faça efeito” como a verdadeira é de apenas 28% do sexo masculino e 24% dos sexo feminino; erradamente, 12% diz que esta “pode ser usada por qualquer mulher”, 2% diz apenas que “normalmente acentua as contracções menstruais” e 50% diz que todas as respostas são correctas.

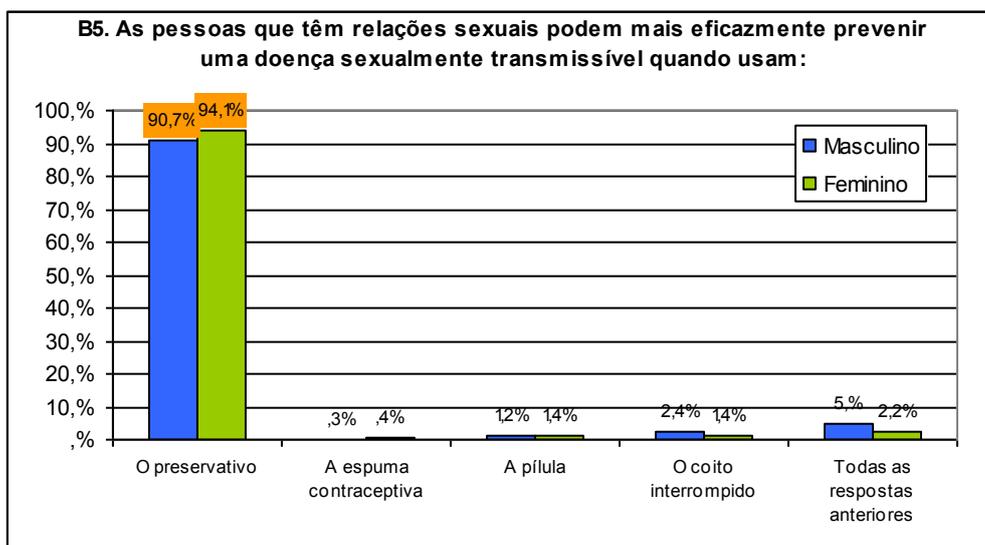


Por último, sobre a **contraceção de emergência**, 42% das raparigas e 40% dos rapazes indica como verdadeira a hipótese “pode prevenir gravidezes indesejadas”, mas quase igual número de raparigas refere que esta “também é chamada de pílula abortiva” (e o mesmo assinala 30% dos rapazes); ainda 20% dos rapazes e 10% das raparigas pensa que “só pode ser vendida com receita médica” e cerca de 2% assinala que “pode ser utilizada com frequência que não oferece riscos para a saúde”. Os restantes 5% considera todas as respostas anteriores como verdadeiras.

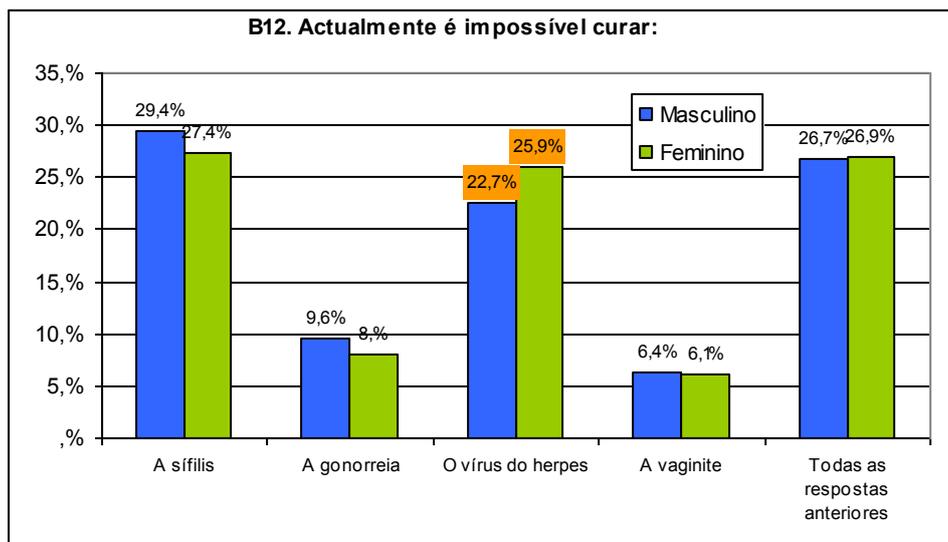


4- Infecções sexualmente transmissíveis (B5, B12, B18, B19, B20 e B25)

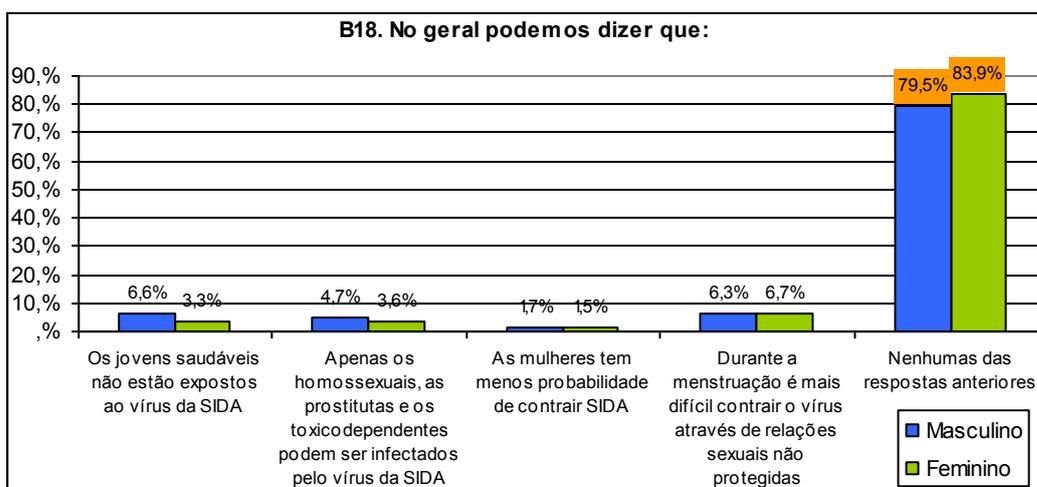
Sobre o melhor método para **prevenção** das infeções sexualmente transmissíveis, 94% dos jovens do sexo feminino e 91% dos rapazes assinala “o preservativo”; mas é significativo referir que 5% dos rapazes e 2% das raparigas considera que as outras hipóteses de resposta eram também métodos eficazes para prevenção: a espuma, a pílula e o coito interrompido. Os restantes dispersam-se entre os que assinalam, erradamente, um dos outros métodos indicados.



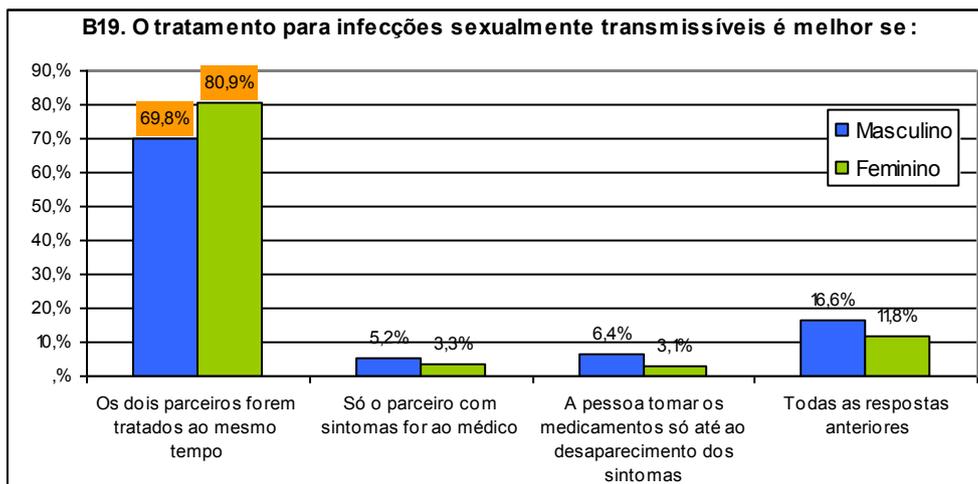
Questionados sobre as infeções sexualmente transmissíveis que não têm **cura** possível, os jovens mostram-se bastante divergentes: uma média de 28% indica “a sífilis”, 9% indica “a gonorreia”, 6% assinala “a vaginite” e apenas 26% das raparigas e 23% dos rapazes responde correctamente “o vírus do herpes”. Os restantes 27% dizem que todas as respostas anteriores eram correctas.



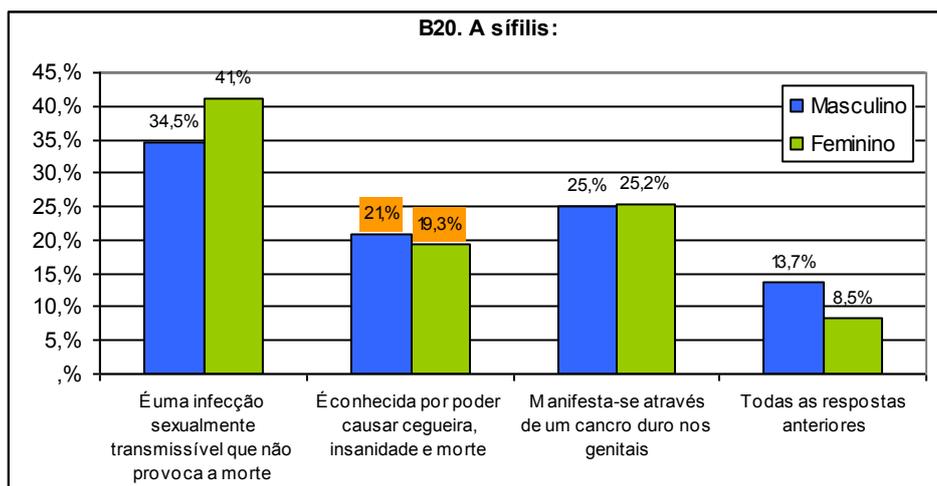
Relativamente à **SIDA**, todas as respostas apresentadas eram falsas, o que foi reconhecido por 84% das raparigas e 80% dos rapazes; ainda assim, 6% dos jovens considera que “durante a menstruação é mais difícil contrair o vírus” através de relações sexuais não protegidas, 6% dos rapazes e 3% das raparigas assinala que “os jovens saudáveis não estão expostos ao vírus da SIDA”, quase 4% pensa que “apenas os homossexuais, as prostitutas e os toxicod dependentes podem ser infectados pelo vírus da SIDA” e quase 2% assinala que “as mulheres têm menos probabilidade de contrair SIDA”.



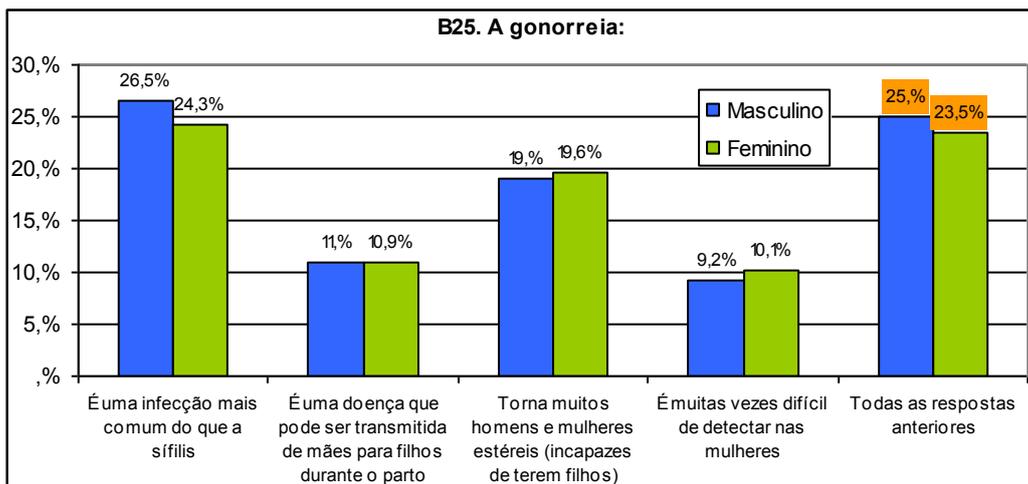
Sobre o **tratamento** das IST's, a maior parte dos inquiridos sabe que este é sempre mais eficaz “se ambos os parceiros forem tratados ao mesmo tempo” (81% das raparigas e 70% dos rapazes); porém, erradamente, 5% dos rapazes e 3% das raparigas pensa que o tratamento é melhor se “só o parceiro com sintomas for ao médico” e cerca de 3% das raparigas e 6% dos rapazes acredita que o melhor é “a pessoa tomar os medicamentos só até ao desaparecimento dos sintomas”. Quase 14% dos jovens de ambos os sexos acredita que todas as anteriores respostas são verdadeiras.



Sobre a sífilis e a gonorreia, o desconhecimento é evidente. Quanto à **sífilis**, 41% das raparigas e 35% dos rapazes pensa que “é uma IST que não provoca a morte”, 25% diz que se “manifesta através de um cancro duro nos genitais” e apenas cerca de 20% dos jovens sabe que “é conhecida por poder causar cegueira, insanidade e morte”. Ainda uma percentagem de 13% dos rapazes e 9% das raparigas pensa que todas as anteriores respostas são verdadeiras.

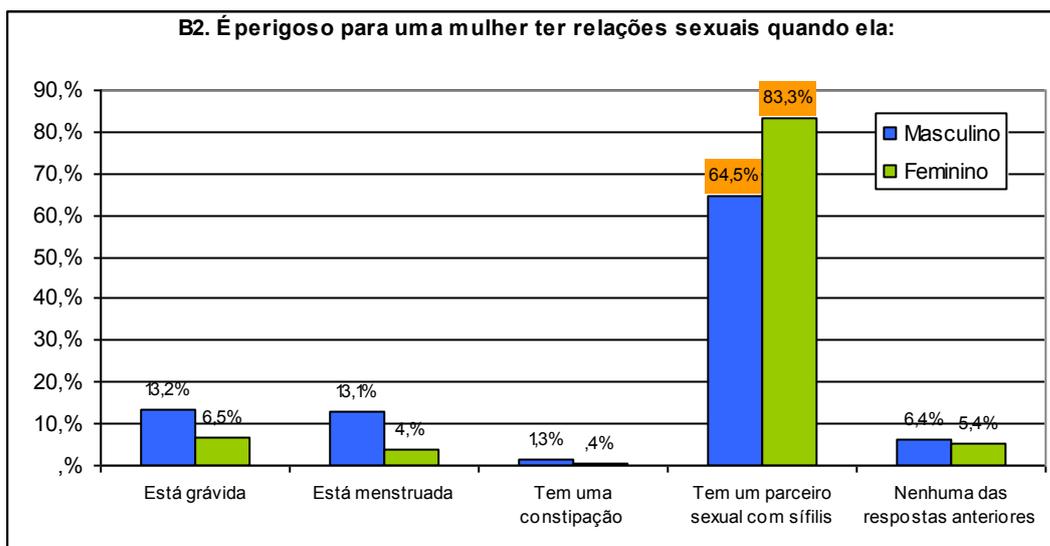


Quanto à **gonorreia**, todas as afirmações colocadas como hipótese eram verdadeiras, o que só foi identificado por 25% dos rapazes e 23% das raparigas. Todos os outros pensam que apenas uma é verdadeira, destacando-se a resposta “é uma infeção mais comum do que a sífilis” (com 27% dos rapazes e 24% das raparigas), 19% dos jovens diz que “torna muitas mulheres e homens estéreis”, cerca de 11% assinala que “é uma doença que pode ser transmitida de mães para filhos durante o parto” e perto de 10% afirma que “muitas vezes é difícil de detectar nas mulheres”.

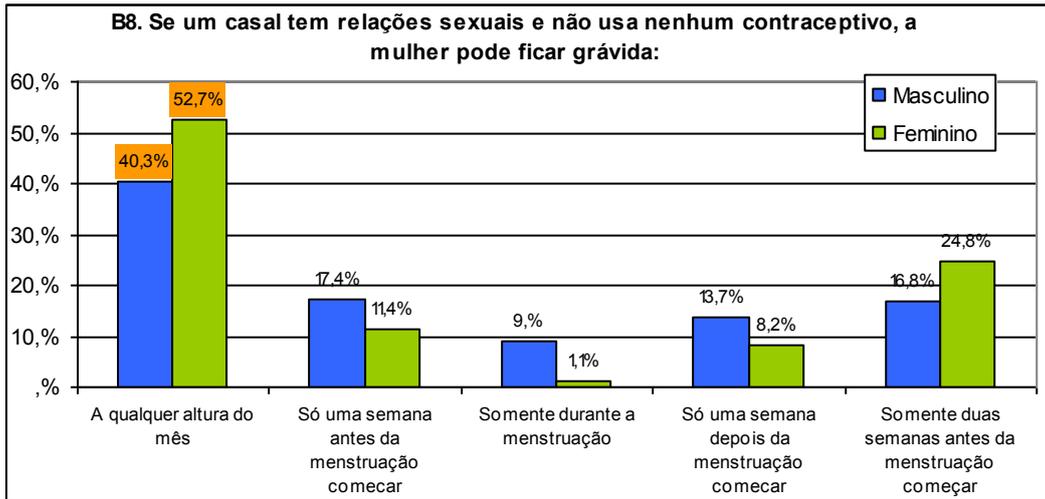


5- Percepção de risco (B2, B8 e B10)

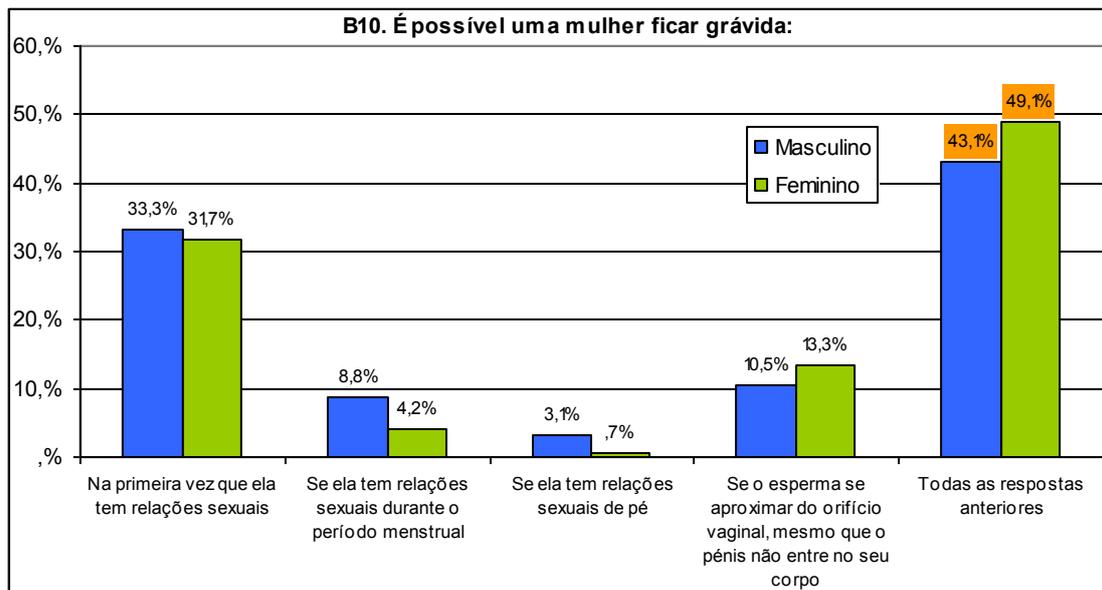
Perguntados sobre as situações em que uma mulher corria maior **risco na relação sexual**, a maior parte escolhe a hipótese “quando ela tem um parceiro com sífilis” (83% das raparigas e 65% dos rapazes). Nesta questão, são sobretudo os rapazes que assinalam as respostas incorretas: 13% indica que é perigoso ter relações sexuais com uma mulher quando ela “está grávida” (o mesmo dizem 6,5% das raparigas), equivalente número “quando ela está menstruada” (o mesmo dizem 4% das raparigas) e quase 1% “quando ela está constipada”. Cerca de 6% diz que nenhuma das respostas é verdadeira.



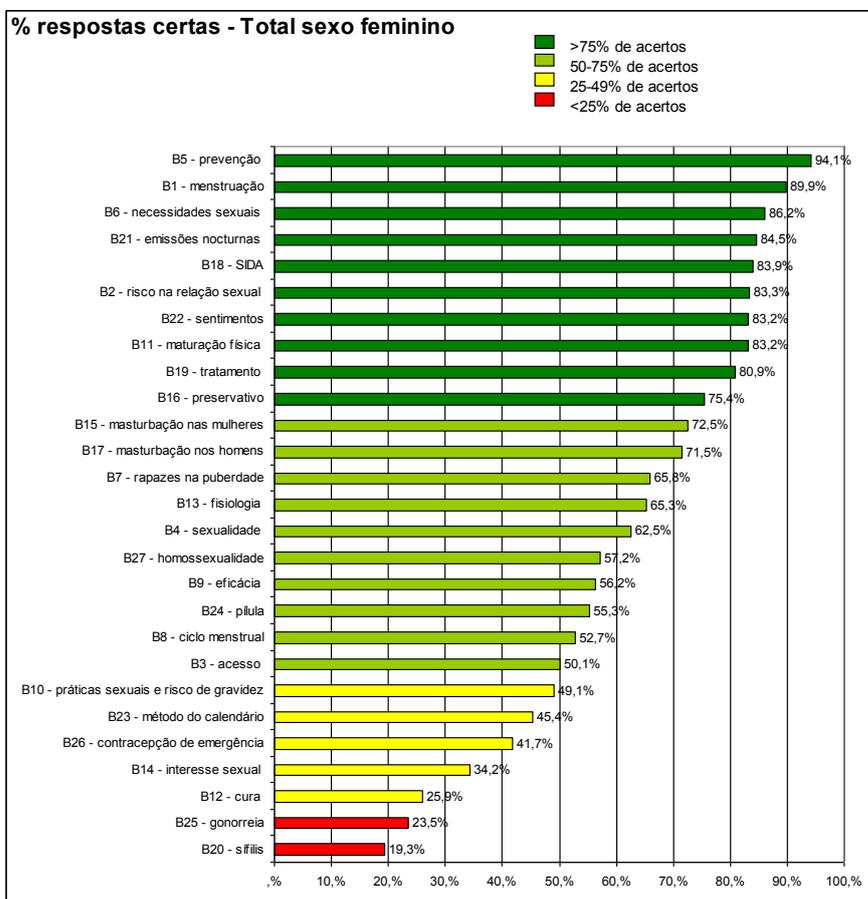
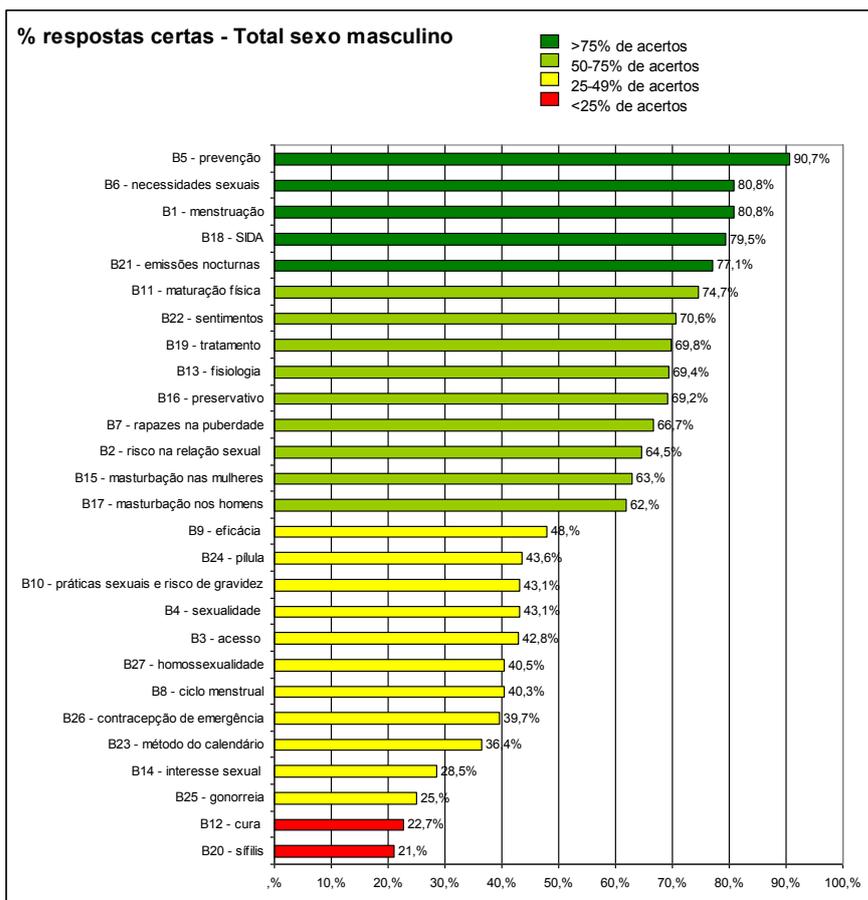
Ainda sobre a percepção do risco, questionaram-se os jovens sobre as situações em que existe maior probabilidade de ocorrer uma gravidez durante o **ciclo menstrual**: 52% das raparigas acerta na resposta, indicando que é “a qualquer altura do mês” (40% de acertos no caso dos rapazes). Erradamente, 25% das raparigas e 17% dos rapazes diz que a mulher pode engravidar “somente duas semanas antes da menstruação começar”, 17% dos rapazes e 11% das raparigas diz que é “só uma semana antes da menstruação começar” e 14% de rapazes e 8% das raparigas diz que é “só uma semana depois da menstruação começar”; 9% dos rapazes assinala que “durante a menstruação” é a fase mais fértil (o mesmo afirma 1% das raparigas).



Sobre as **práticas sexuais e risco de gravidez**, apresentava-se um conjunto de respostas verdadeiras, o que só 49% das raparigas e 43% dos jovens rapazes identificou. Todos os outros escolheram apenas uma das respostas verdadeiras, excluindo as outras hipóteses: cerca de 32% apontou que é possível uma mulher ficar grávida “na primeira vez que tem relações sexuais”, 11% das raparigas e 13% dos rapazes “se o esperma se aproximar do orifício vaginal, mesmo que o pénis não entre no seu corpo”, 9% das raparigas e 4% dos rapazes “se ela tem relações sexuais durante o período menstrual” e ainda cerca de 2% assinala “se ela tem relações sexuais de pé”.



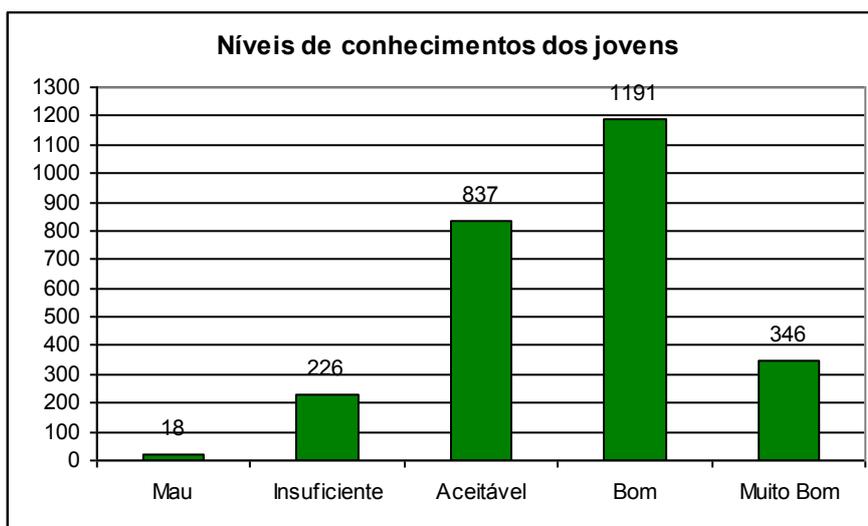
Para a globalidade dos temas, podemos verificar que aqueles onde os jovens apresentam bons níveis de conhecimentos, outros temas com razoável nível de conhecimentos, mas também temas com fracos níveis de conhecimentos. No quadro a seguir sintetizam-se, ordenadas por frequência, as percentagens de acertos por questão, para os rapazes e para as raparigas:



Qualidade dos conhecimentos

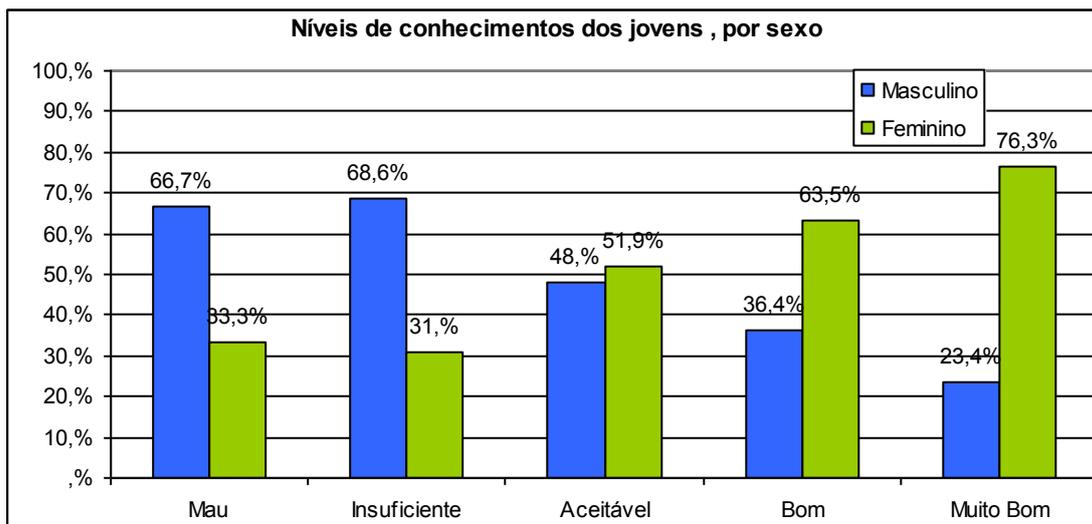
Mediante os melhores ou piores níveis de conhecimentos demonstrados pelos jovens nas 27 perguntas desta parte do questionário, os jovens foram agrupados em 5 categorias, que expressam diferentes níveis de Educação Sexual: MAU (1-5 acertos), INSUFICIENTE (6-10 acertos), ACEITÁVEL (11-15 acertos), BOM (16-20 acertos) e MUITO BOM (21-27 acertos).

Assim, para o total dos temas e para o total da amostra (relembramos que se trata de 2621 jovens de ambos os sexos) verificamos que menos de metade apresenta “Bom” nível de conhecimentos (1191 jovens), seguindo-se o nível “Aceitável” (837 jovens) e, de seguida, o nível “Muito bom” (346 jovens). Um conjunto de 226 jovens apresenta “Insuficiente” nível de conhecimentos e ainda 18 jovens têm “Mau” nível de conhecimentos.

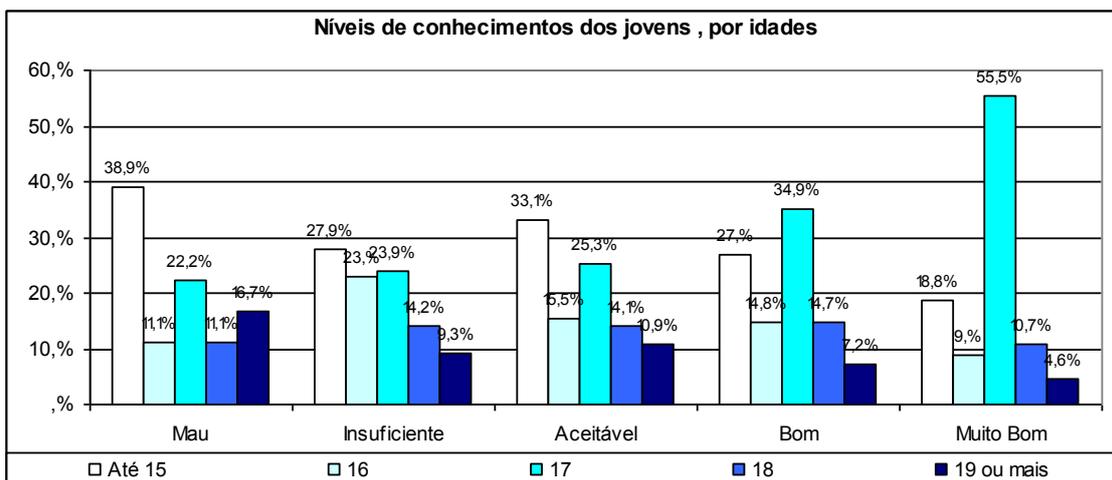


Estes níveis de conhecimentos têm diferenças muito significativas quando nos debruçamos sobre os diferentes grupos.

Em termos de sexos, a diferença é muito evidente, sendo que as raparigas têm melhores conhecimentos do que os rapazes. Como já tínhamos verificado anteriormente, foi apenas em 6 questões que as raparigas demonstraram inferiores conhecimentos. De facto, no melhor nível de conhecimentos, “Muito bom”, 76% são jovens do sexo feminino, e no nível “Bom”, 64% são igualmente do sexo feminino. No nível “Aceitável”, as percentagens estão mais equiparadas, já que são 52% do sexo feminino e 48% dos sexo masculino. Nos dois níveis inferiores de conhecimentos - “Insuficiente” e “Mau” - sobressaem os rapazes.

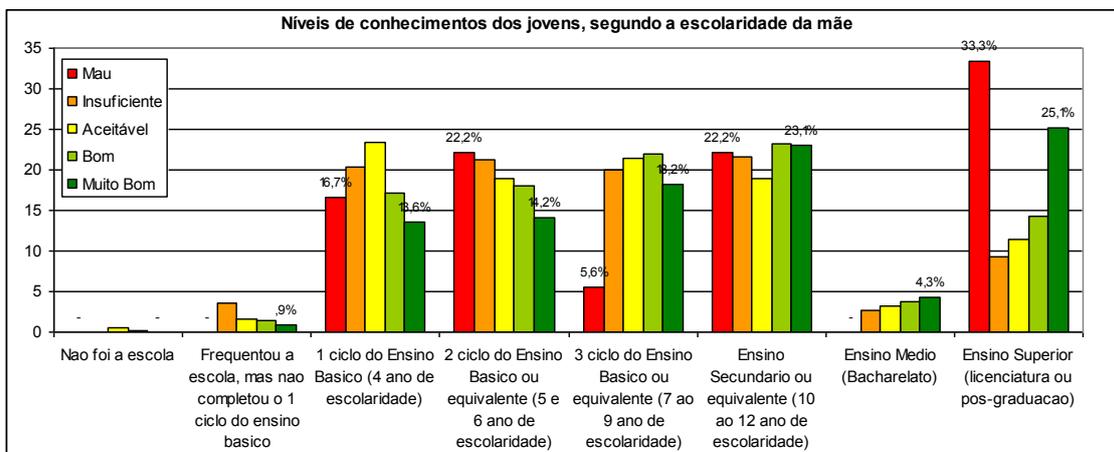
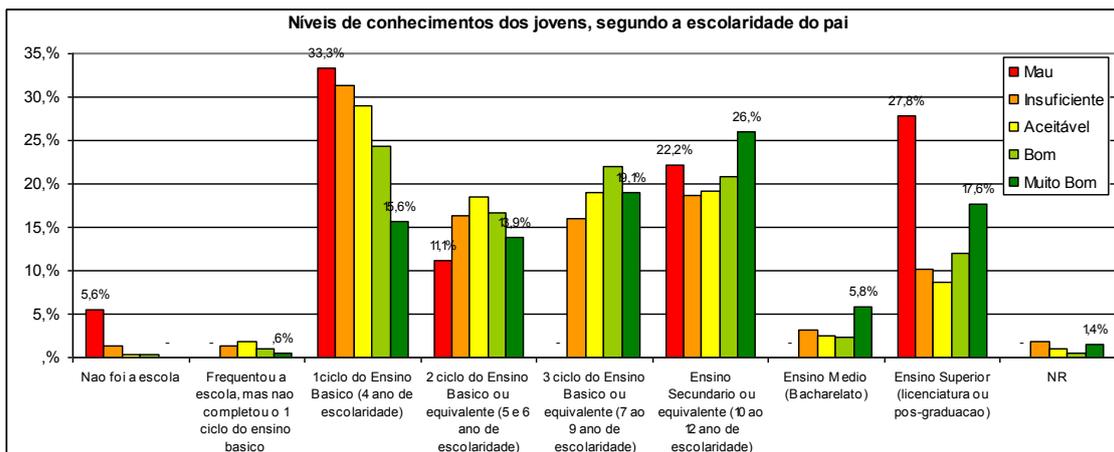


Relativamente às idades, podemos ver que aqueles que têm melhores conhecimentos são os jovens de 17 anos e os que menos sabem são os de 19 ou mais anos, como aliás já se tinha verificado quando se analisaram os temas específicos por idades.



Os jovens da regiões do Norte, Lisboa e dos Açores são os que apresentam níveis mais fracos de conhecimentos (mais de 40% tem conhecimentos ao nível de “Mau” ou “Insuficiente”), acrescentando-se ainda que no caso da RA dos Açores, a percentagem de jovens com “Muito bom” conhecimento se resume a 11%, enquanto nas outras regiões rondam os 20%. A região do Algarve destaca-se como aquela onde os níveis de conhecimentos são mais elevados.

Observámos ainda os níveis de conhecimentos dos jovens segundo a escolaridade dos pais e verificámos que há uma associação entre os piores níveis de conhecimentos dos jovens em matéria de Educação Sexual e os graus de escolaridade mais baixos do pai e da mãe. A excepção ocorre nos jovens com “Mau” nível de conhecimentos, que se dispersam entre todas as categorias de escolaridade dos pais, mas tal pode ser explicado por o número de jovens com “Mau” conhecimento se resumir a 18 no total da amostra, o que não permite extrapolações.



COMENTÁRIO SÍNTESE

Os resultados da escala de conhecimentos espelham bem as mudanças ocorridas nos últimos anos e, por outro lado, a preocupante ausência de conhecimentos dos jovens sobre prevenção de riscos associados à sexualidade e a saúde.

De forma geral, os jovens demonstram conhecer bem, ou de forma razoável, temas como a puberdade e adolescência, a SIDA e o uso do preservativo reflectindo, provavelmente, a presença destes temas no universo mediático e nas abordagens de educação sexual realizadas nas escolas. Ou seja, estamos já longe dos tempos em que a ignorância sobre estes aspectos básicos da sexualidade era muito acentuada.

Nas questões relativas à sexualidade humana, embora sejam correctamente respondidas pela maioria, existe uma parte significativa dos jovens que ignora aspectos importantes, nomeadamente a perenidade da sexualidade ao longo da vida e, sobretudo nos rapazes, as questões relativas à homossexualidade, que continua a ser associada por muitos jovens a uma actividade “não natural” ou doentia.

A mesma informação deficiente é constatada nas respostas sobre as potenciais situações de risco de gravidez não desejada, em que uma percentagem significativa de jovens (ainda que menos de metade) não responde acertadamente às perguntas formuladas.

Por outro lado ainda, verificamos uma preocupante falta de informação em alguns aspectos preventivos sobre contracepção e nas infecções sexualmente transmissíveis. Ora sendo estes aspectos uma parte obrigatória dos currículos de Ciências da Natureza, no 3º ciclo do ensino básico, questionamo-nos sobre as razões deste insucesso.

O género e a condição social são duas variáveis importantes na diversificação dos resultados sendo que as raparigas demonstram ter melhores conhecimentos que os rapazes e, por outro lado, que maiores níveis de escolaridade dos progenitores estão associados a melhores conhecimentos dos jovens.

Parte C – Fontes de educação sobre sexualidade

Nesta parte do questionário procurou-se conhecer a **importância dos diversos agentes de socialização e mais especificamente da escola** no processo de educação sexual dos jovens.

Agentes de socialização fora da escola:

Para este efeito, pergunta-se numa primeira fase quem são as pessoas com quem conversou no último ano sobre diversos tópicos, apresentando-se uma lista de interlocutores possíveis.

Assim, verificamos que os jovens conversam mais sobre sexualidade com **os/as amigos/as**, apresentando-se estes como os interlocutores favoritos em todos os temas (média de 52%), sendo de realçar que no caso das raparigas, as percentagens são em geral mais altas, atingindo os 72% por exemplo no tema “as relações amorosas nos jovens”. Também para os rapazes os/as amigos/as são a principal fonte de discussão nestes temas, sendo que apenas no tema “masturbação” apresentam uma média de respostas superior à das raparigas (55% e 48%, respectivamente).

Em 2.º lugar aparece **a mãe** como interlocutora preferencial para os assuntos relacionados com a sexualidade, sendo que as raparigas apresentam taxas mais elevadas em todos os assuntos, quando se trata de falar com as mães (mais uma vez, exceptua-se apenas o tema “masturbação”, em que os rapazes apresentam uma média de respostas superior à das raparigas). No total das respostas, destacamos os dois temas mais falados com as mães: “as mudanças no corpo durante a adolescência” (35% no caso dos rapazes e 62% no caso das raparigas) e as questões relacionadas com “o aborto” (39% dos rapazes e 54% no caso das raparigas).

De seguida, **o/a namorado/a** surge como referência na discussão sobre alguns assuntos, sobretudo nos temas “risco de engravidar”, o “uso de contraceptivos” e as “relações amorosas nos jovens”. Estes números são curiosos sob o ponto de vista dos sexos: por exemplo, no caso do tema “uso de contraceptivos”, 39% das raparigas diz ter conversado sobre o assunto no último ano com o namorado/namorada, enquanto apenas 28% dos rapazes afirma o mesmo. Igualmente, no tema “risco de engravidar”, 38% das raparigas diz ter conversado sobre o assunto com o namorado/namorada, enquanto apenas 25% dos rapazes afirma o mesmo.

Os **professores** são também fontes importantes de informação, salientando-se 4 temas nos quais apresentam uma taxa de cerca de 30%: “SIDA”, “outras IST’s”, “uso de contraceptivos” e “aborto”, não havendo diferenças significativas entre rapazes e raparigas.

O **pai** é um interlocutor privilegiado sobretudo para os rapazes, embora em apenas dois temas obtenha uma percentagem acima dos 30%: “aborto” (34% dos rapazes e 31% das raparigas) e “SIDA” (37% dos rapazes e 28% das raparigas).

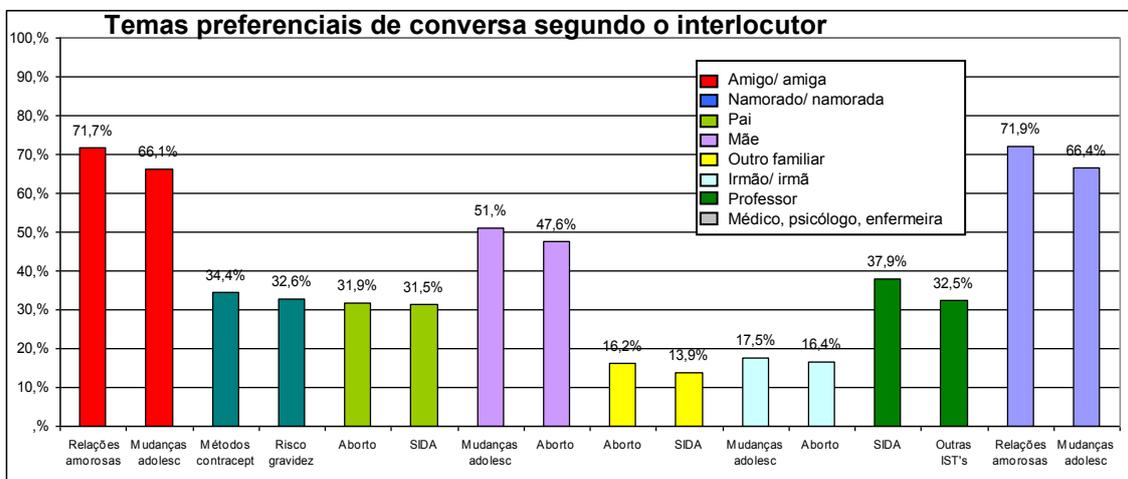
Os **profissionais de saúde** têm um peso equivalente ao dos/as **irmãos/irmãs** e **outros familiares** enquanto fontes de informação, sempre com uma média abaixo dos 20% (exceptua-se apenas o tema “mudanças no corpo na adolescência” que, no caso das raparigas, abordam com o/a irmão/irmã em cerca de 21% dos casos). O tema mais abordado com os profissionais de saúde é o da “contracepção”, rondando os 20%; este tema tem, no entanto, como contraponto taxas que rondam os 60% quando se avaliam as conversas com amigos/as.

Fonte	Mudanças no corpo na adolescência		Risco engravidar		Dúvidas sobre relações sexuais		Diferenças homens/mulheres		SIDA		Outras IST's		Uso contraceptivos		Relações amorosas nos jovens		Consultas sexualidade e contraceção	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Quem	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Amigo/amiga	62%	69%	41%	65%	48%	59%	56%	64%	50%	59%	44%	51%	52%	66%	64%	77%	27%	38%
Namorado/namorada	20%	21%	25%	38%	16%	23%	20%	22%	18%	21%	16%	19%	28%	39%	30%	33%	11%	16%
Pai	30%	14%	18%	10%	19%	7%	27%	25%	36%	27%	23%	15%	30%	15%	22%	16%	10%	5%
Mãe	34%	61%	27%	39%	20%	30%	29%	45%	41%	47%	28%	33%	32%	44%	26%	42%	12%	29%
Outro familiar	13%	14%	8%	10%	8%	9%	12%	14%	15%	13%	11%	9%	11%	12%	15%	4%	6%	
Irmão/irmã	14%	21%	8%	12%	9%	10%	12%	17%	15%	15%	10%	11%	12%	14%	13%	18%	5%	6%
Professor	14%	13%	14%	13%	15%	11%	19%	18%	37%	39%	30%	34%	28%	28%	13%	9%	14%	11%
Médico, psicólogo, enfermeira	7%	13%	4%	11%	7%	12%	4%	5%	11%	15%	9%	15%	8%	19%	4%	6%	11%	24%
Linhas telefónicas/Internet	6%	2%	4%	2%	9%	4%	6%	2%	10%	5%	7%	4%	7%	3%	5%	1%	6%	3%

(cont.)

Fonte	Linhas telefónicas de ajuda		Pílula do dia seguinte		Início vida sexual		Violência e os abusos sexuais		Aborto		Masturbação		Homossexualidade		Prostituição	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Quem	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Amigo/amiga	18%	20%	34%	54%	51%	62%	45%	56%	50%	66%	55%	47%	48%	67%	57%	59%
Namorado/namorada	5%	3%	20%	22%	28%	35%	16%	19%	21%	28%	21%	24%	15%	22%	17%	19%
Pai	5%	2%	10%	5%	20%	7%	28%	28%	34%	30%	10%	3%	23%	28%	26%	26%
Mãe	5%	6%	14%	23%	21%	31%	30%	49%	39%	53%	9%	9%	24%	43%	28%	43%
Outro familiar	2%	2%	4%	6%	8%	9%	10%	13%	14%	18%	6%	4%	11%	15%	13%	15%
Irmão/irmã	3%	2%	5%	8%	9%	10%	10%	14%	13%	19%	6%	5%	11%	18%	13%	16%
Professor	7%	6%	18%	19%	12%	7%	19%	19%	27%	27%	10%	6%	16%	17%	17%	14%
Médico, psicólogo, enfermeira	3%	3%	5%	10%	5%	10%	4%	5%	6%	8%	3%	3%	3%	4%	4%	3%
Linhas telefónicas/Internet	7%	4%	4%	2%	4%	1%	5%	3%	7%	3%	5%	2%	6%	2%	8%	2%

■ > 75%
 ■ 51-75%
 ■ 21-50%
 ■ 10-20%
 < 10%

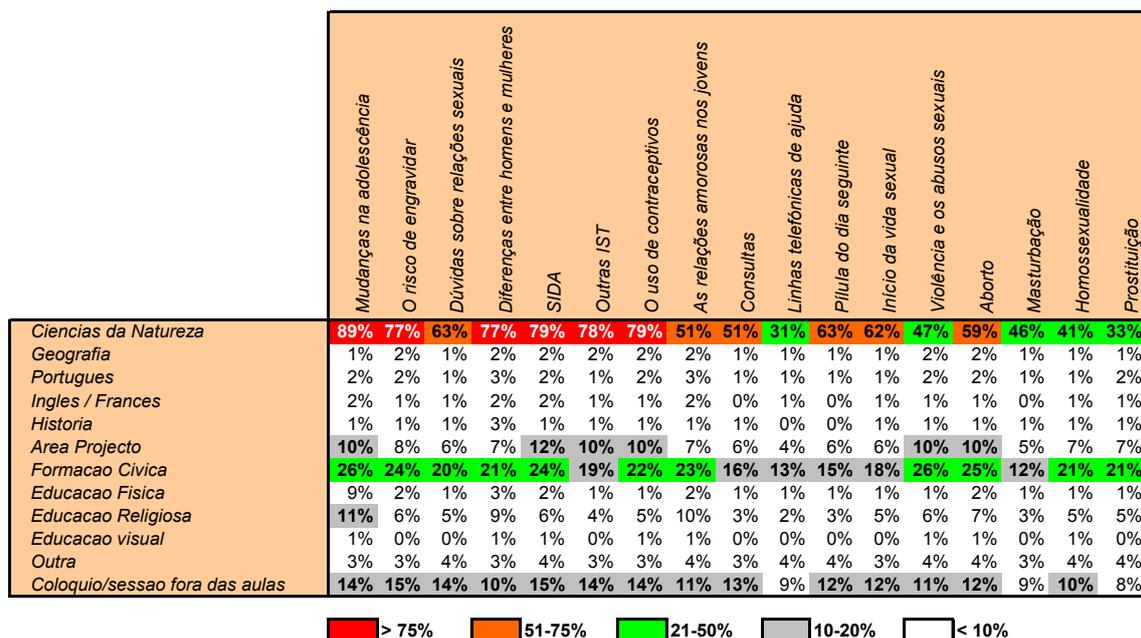


Noutra área do questionário, procura-se analisar o papel da escola na educação sexual, perguntando-se aos jovens se aqueles mesmos temas são abordados no contexto escola, durante as aulas no 3.º ciclo e secundário.

No 3.º ciclo:

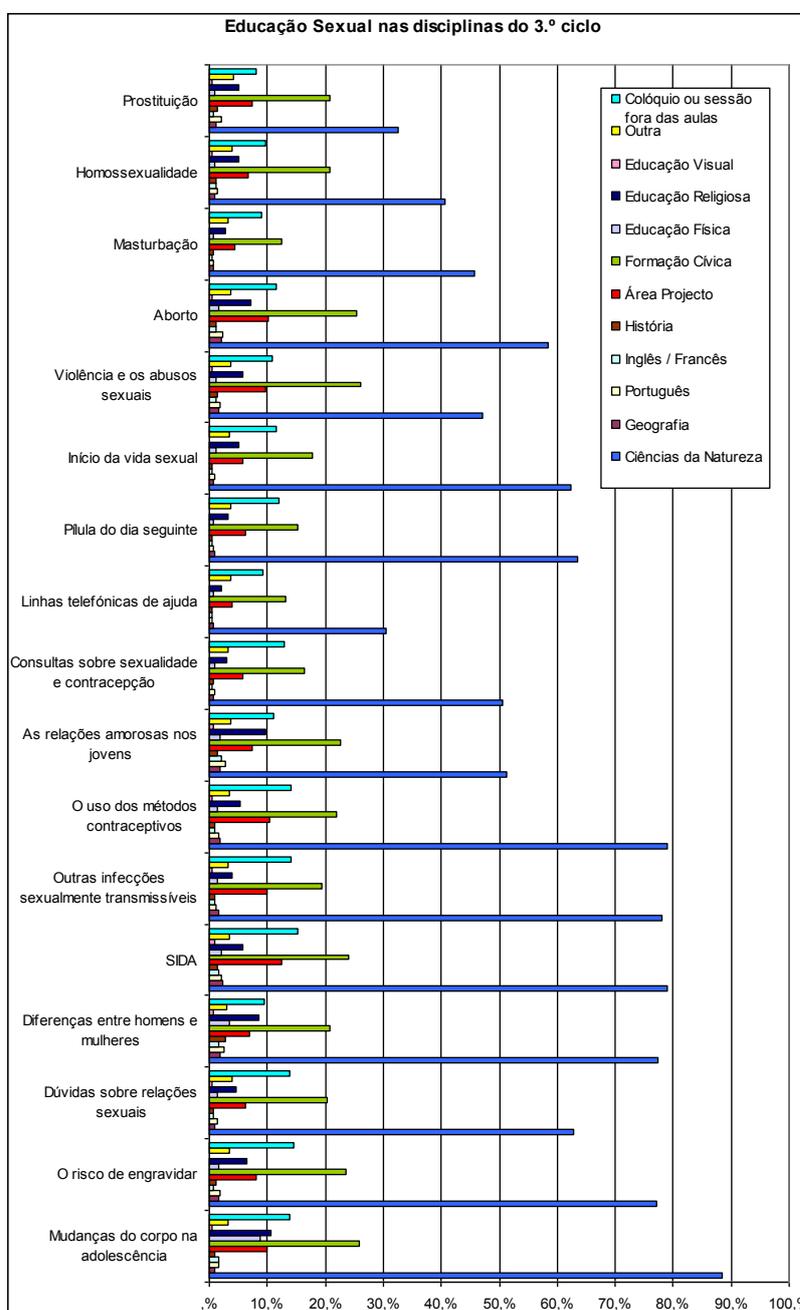
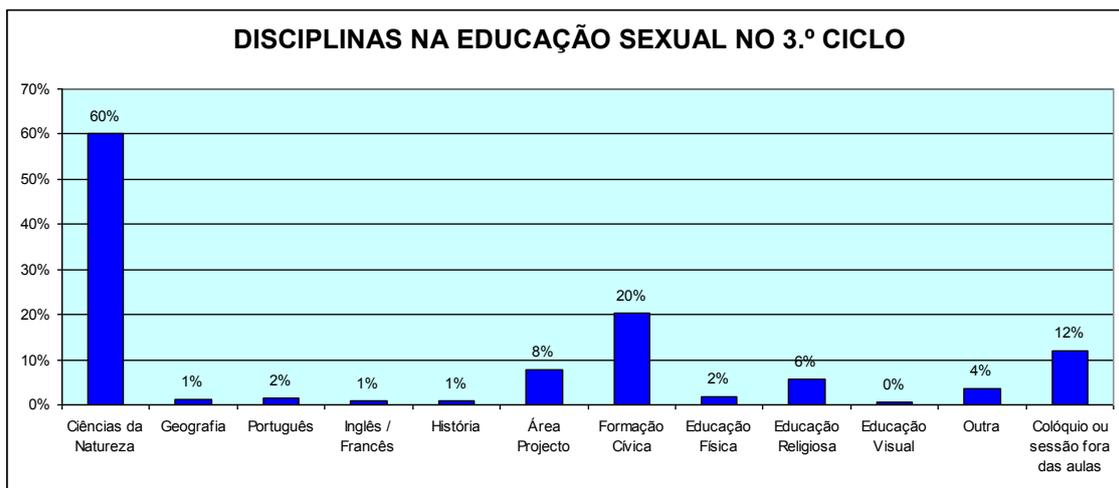
Todos os temas em causa são abordados em todas as disciplinas, destacando-se visivelmente a disciplina de **Ciências da Natureza** como aquela em que os conteúdos são mais debatidos e, em segundo plano, a disciplina de **Formação Cívica**. Esta ordem de importância mantém-se em todos os temas que tocam a sexualidade.

No pólo oposto encontra-se a disciplina de **Educação Visual**, onde só muito raramente são abordados os assuntos da sexualidade (menos de 1% em todos os temas).

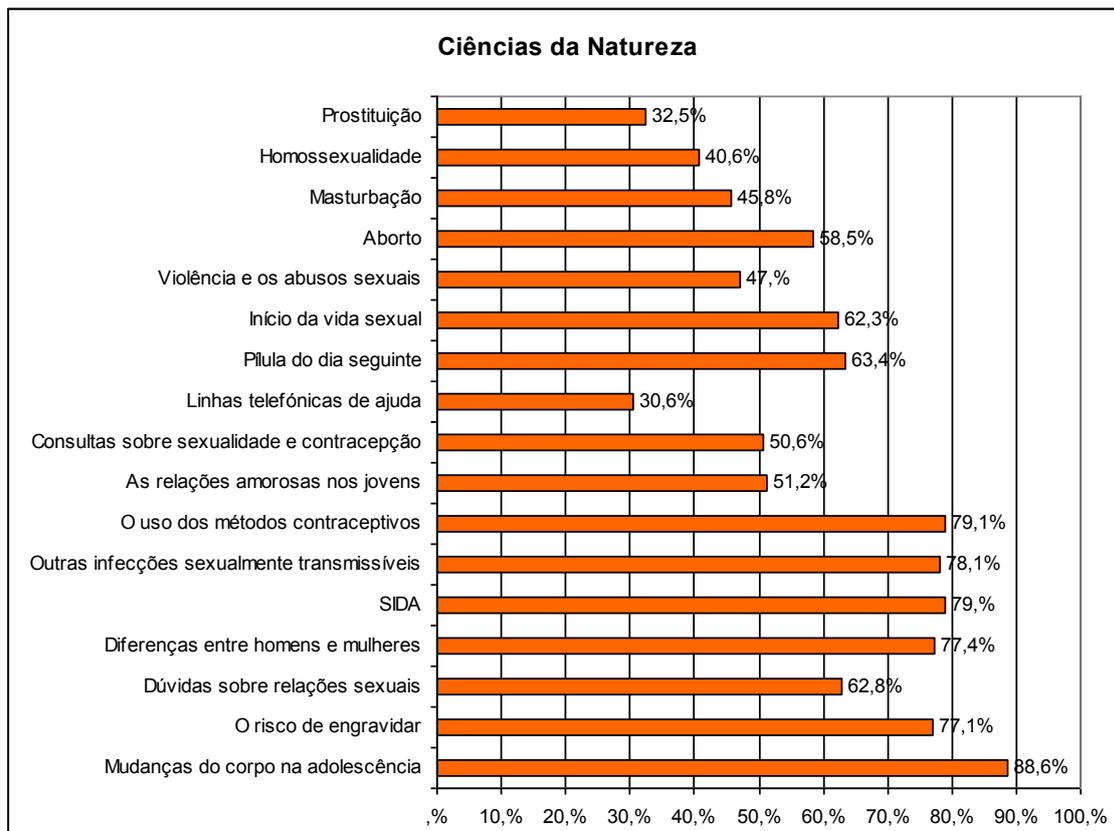


Em pormenor, seguem-se as disciplinas ordenadas pela frequência média com que abordam os temas da sexualidade:

Disciplina	Frequência com que abordam os temas	Temas mais abordados
Ciências da Natureza	60,26%	“Mudanças no corpo na adolescência” atinge os 89%
Formação Cívica	20,36%	“Violência e abusos sexuais” e “Mudanças no corpo durante a adolescência” atinge os 26%
Colóquios/sessões fora das aulas	11,83%	14 temas situam-se entre os 10% e 15%, sendo que “SIDA” e “Risco de engravidar” foram temas referidos por 15% dos jovens
Área Projecto	7,72%	atinge os 12,7% no tema “SIDA”
Educação Religiosa	5,54%	atinge os 11% no tema “Mudanças no corpo na adolescência”, mas assume uma importância entre os 5% e os 10% em temas como “Risco de engravidar”, “Dúvidas sobre relações sexuais”, “Diferenças entre os homens e as mulheres”, “SIDA”, “Métodos contraceptivos”, “Relações amorosas”, “Início das relações sexuais”, “Violência e abusos sexuais”, “Aborto”, “Homossexualidade” e “Prostituição”
Outra disciplina	3,55%	em todos os temas rondando os 3% ou 4%
Educação Física	1,82%	atinge os 9,3% no tema “Mudanças no corpo durante a adolescência”, mas em todos os outros temas reduz-se a uma importância na ordem de 1%
Português	1,54%	atinge os 2,8% no tema “Relações amorosas entre os jovens”
Geografia	1,31%	atinge os 2,4% no tema “SIDA”
História	1,03%	atinge os 2,7% no tema “Diferenças entre os homens e as mulheres”
Inglês/Português	1,01%	atinge os 2,3% no tema “Relações amorosas entre os jovens”
Educação Visual	0,47%	atinge o valor máximo de 0,8% no tema “SIDA”



E em detalhe a disciplina de Ciências da Natureza, que apresenta as maiores frequências na abordagem aos temas de Educação Sexual:



No Secundário:

Nesta parte do questionário, mais de 50% dos inquiridos não assinala resposta nenhuma, pois cerca de metade da amostra encontra-se no 10.º ano e, como tal, ainda não percorreu o ensino secundário para poder responder às questões. Assim, como seria de esperar, as frequências de resposta nesta parte do questionário são bem menores do que se verificou até ao momento.

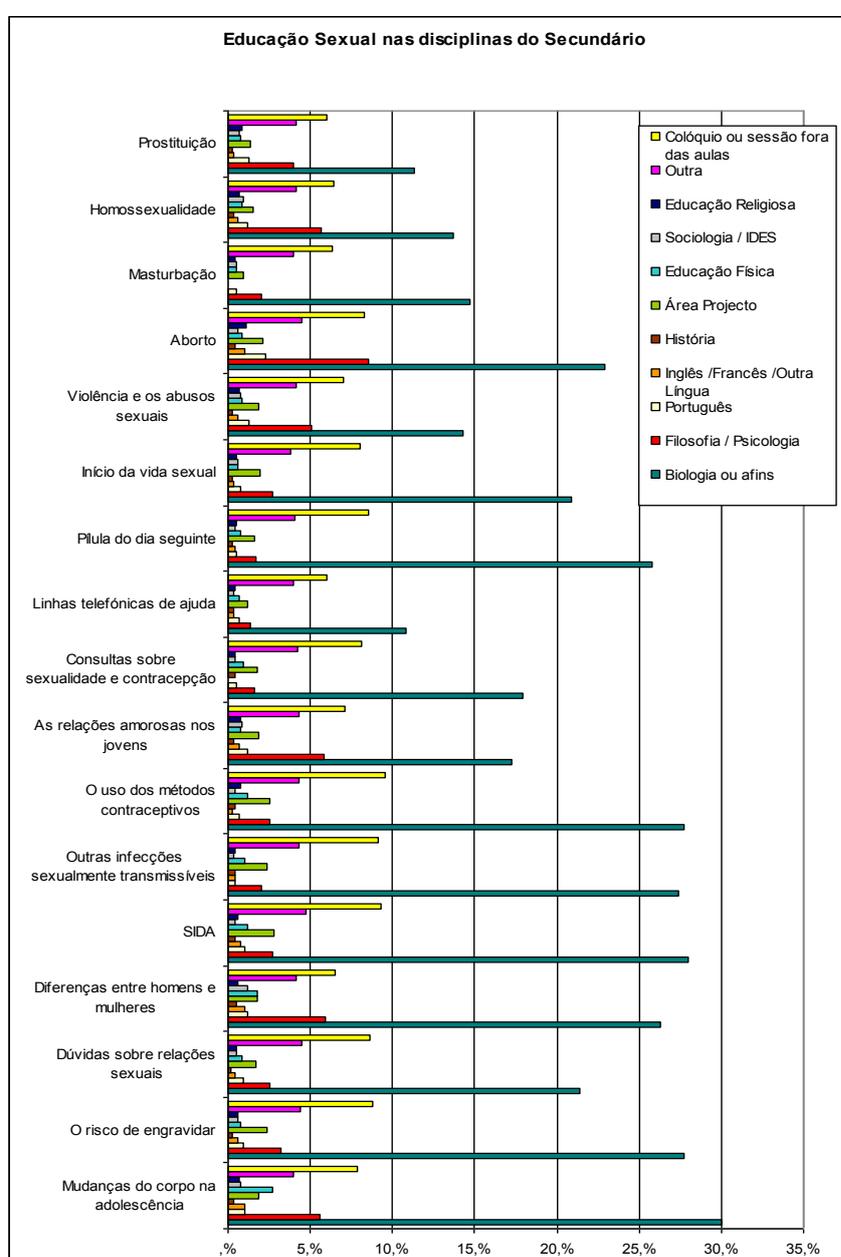
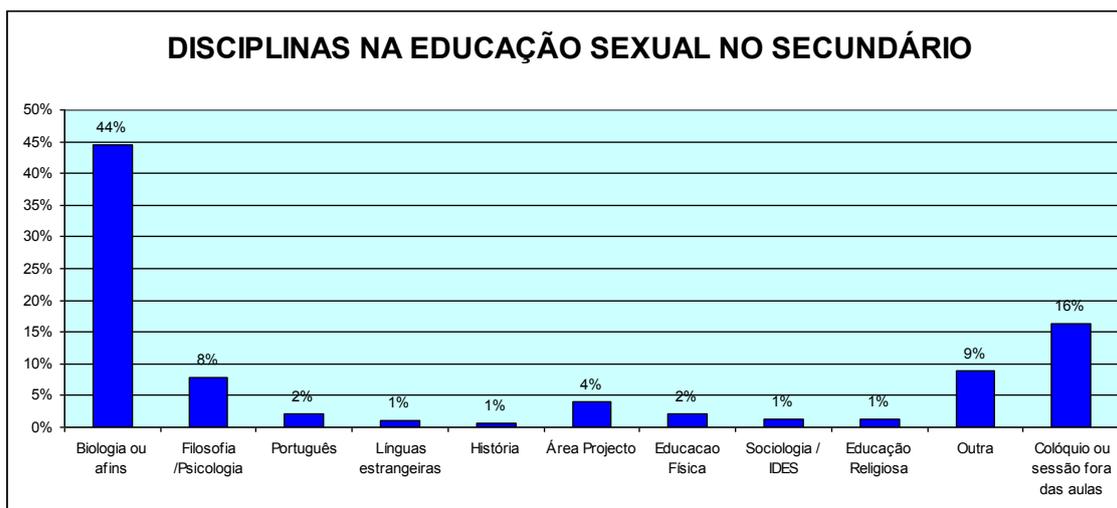
Tendo este factor em conta, verificamos que todos os temas são abordados em todas as disciplinas no Secundário, embora com muito menor frequência do que no 3.º ciclo. Destaca-se mais uma vez a disciplina de **Biologia e afins** como aquela em que os conteúdos são mais debatidos e em segundo lugar surgem agora os **Colóquios/sessões**. Neste nível de ensino, a disciplina que menos toca a Educação Sexual é, segundo os inquiridos, a de **História**.

	Mudanças na adolescência	O risco de engravidar	Dúvidas sobre relações sexuais	Diferenças entre homens e mulheres	SIDA	Outras IST	O uso de contraceptivos	As relações amorosas nos jovens	Consultas	Linhas telefónicas de ajuda	Pílula do dia seguinte	Início da vida sexual	Violência e os abusos sexuais	Aborto	Masturbação	Homossexualidade	Prostituição
Biologia ou afins	63%	58%	45%	56%	59%	58%	58%	36%	38%	23%	54%	44%	30%	48%	31%	29%	24%
Filosofia / Psicologia	12%	7%	5%	13%	6%	4%	5%	12%	3%	3%	4%	6%	11%	18%	4%	12%	8%
Portugues	2%	2%	2%	2%	2%	1%	1%	2%	1%	1%	1%	2%	3%	5%	1%	2%	3%
Ingles /Frances Outra Lingua	2%	1%	1%	2%	2%	1%	1%	1%	0%	1%	1%	1%	1%	2%	0%	1%	1%
Historia	1%	1%	0%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%	0%	1%	0%
Area Projecto	4%	5%	4%	4%	6%	5%	5%	4%	4%	3%	3%	4%	4%	5%	2%	3%	3%
Educacao Fisica	6%	2%	2%	4%	2%	2%	3%	2%	2%	1%	2%	1%	2%	2%	1%	2%	2%
Sociologia / IDES	2%	1%	1%	2%	1%	1%	1%	2%	1%	1%	1%	1%	2%	1%	1%	2%	1%
Educacao Religiosa	1%	1%	1%	1%	1%	1%	2%	2%	1%	1%	1%	1%	1%	2%	1%	1%	2%
Outra	8%	9%	9%	9%	10%	9%	9%	9%	9%	8%	9%	8%	9%	10%	8%	9%	9%
Coloquio ou sessao fora das aulas	17%	19%	18%	14%	20%	19%	20%	15%	17%	13%	18%	17%	15%	17%	13%	14%	13%

> 75%
 51-75%
 21-50%
 10-20%
 < 10%

Em pormenor, seguem-se os temas mais referidos nas respectivas disciplinas pelo conjunto dos inquiridos:

Disciplina	Frequência com que abordam os temas	Temas mais abordados
Biologia ou Afins	21,06%	atinge os 30% no tema “Mudanças no corpo na adolescência”
Colóquios/sessões	7,74%	em todos os temas sem excepção entre os 6% e 9%
Outras disciplinas	4,21%	em todos os temas sem excepção ronda os 4%
Filosofia/Psicologia	3,70%	atinge os 8,5% no tema “Aborto”
Área Projecto	1,86%	apresenta também constância, não ultrapassando os 3% em nenhum tema
Português	0,95%	o tema mais abordado foi o “Aborto”, com 2,3%
Educação Física	1,00%	tal como no 3.º ciclo, o único tema que se demarca nesta disciplina é o das “Mudanças no corpo na adolescência”, não ultrapassando no entanto os 3%
Educação Religiosa	0,61%	sendo que todas os temas apresentam percentagens abaixo de 1%, exceptuando-se o tema “Aborto”, que atinge 1,1%
Sociologia/IDES (Introdução ao Desenv. Económico e Social)	0,60%	sendo que todos os temas apresentam percentagens abaixo de 1%, exceptuando-se o tema “Diferenças entre homens e mulheres” que atinge 1,1%
Inglês/Francês ou outra Língua	0,52%	atinge o valor mais elevado de 1% nos temas “Mudanças no corpo na adolescência”, “Diferenças entre homens e mulheres” e “Aborto”
História	0,32%	os temas mais abordados foram “O Uso do Métodos Contraceptivos” e as “Diferenças entre homens e mulheres”, não ultrapassando no entanto os 0,5%



COMENTÁRIO SÍNTESE

Os espaços e actores da aprendizagem sexual

É importante, em primeiro lugar, salientar o papel dos amigos como fonte de informação/educação sexual, sobretudo para as raparigas, denotando a preferência dos jovens por abordar estes assuntos em contextos informais e em que não se têm de expor a um adulto.

Em segundo lugar, de realçar o significativo papel das mães, sobretudo para as raparigas sendo, no entanto, este papel claramente limitado para a maior parte dos jovens no tocante à abordagem dos temas relacionados com a sexualidade juvenil, nomeadamente o início da vida sexual e as dúvidas sobre relações sexuais. O papel do pai é secundário, sendo aparentemente mais relevante em temas exteriores à intimidade dos jovens.

Os namorados e namoradas ocupam um lugar menos importante do que as mães, excepto quando as dúvidas se relacionam com o início das relações sexuais.

Os professores são menos relevantes enquanto fontes de informação, destacando-se nos temas como a SIDA e a contracepção, que integram o modelo de educação sexual predominante nas escolas, ou seja, o modelo preventivo.

É ainda de salientar o recurso diminuto a técnicos fora da escola, como por exemplo, os profissionais de saúde.

O papel da escola na educação sexual dos jovens

A educação sexual no 3º ciclo ocorre sobretudo nas disciplinas ligadas às Ciências da Natureza/Biologia que parecem não se limitar aos aspectos preventivos e são referidas, pela maioria dos jovens, como espaços de abordagem de muitos outros temas de educação sexual.

O único espaço curricular com alguma relevância, para além deste é a área curricular não disciplinar na Formação Cívica.

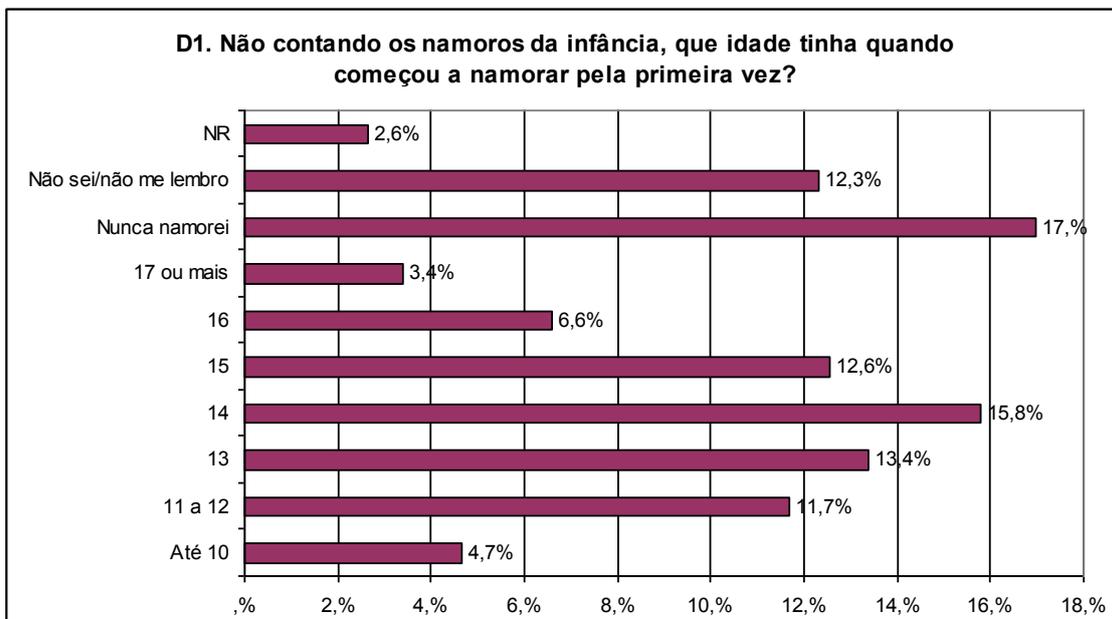
Também no Ensino Secundário, a área que mais aborda temas de educação sexual é a “Biologia ou Afins”, referida no entanto por bastante menos jovens comparativamente ao 3º Ciclo, o que resulta do facto de nem todos os jovens terem esta disciplina. Somente a Filosofia aparece como uma área significativa na promoção da educação sexual, em conjunto com os Colóquios, estes ligados a temas de natureza preventiva.

O papel da escola na educação sexual dos jovens é referido por uma percentagem significativa o que, de certa forma, revela as mudanças ocorridas nos últimos anos no sentido de um maior envolvimento dos estabelecimentos de ensino e professores na promoção deste tipo de actividades e programas.

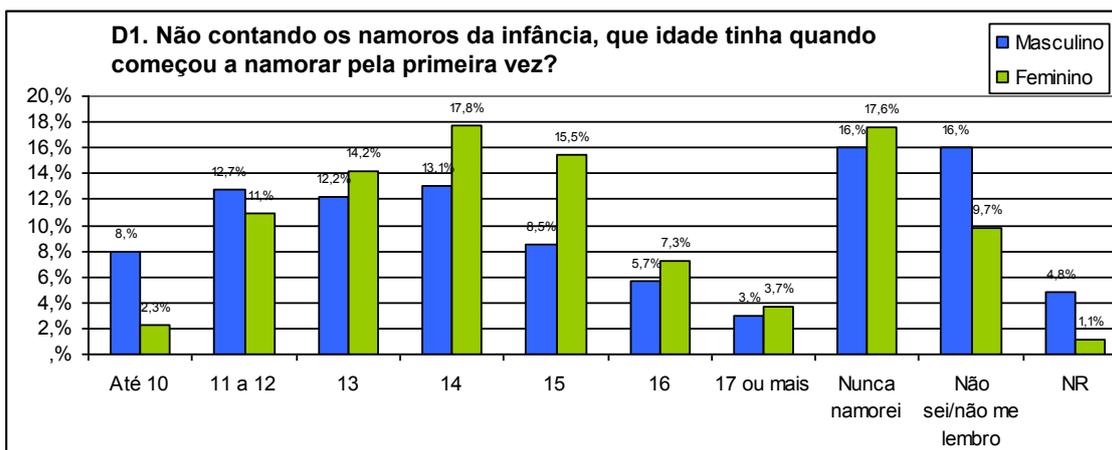
Parte D – As relações afectivas e o início das relações sexuais nos jovens

Nesta parte do questionário procurou-se conhecer as práticas dos jovens no âmbito da sexualidade, designadamente sobre o início das relações amorosas e sexuais.

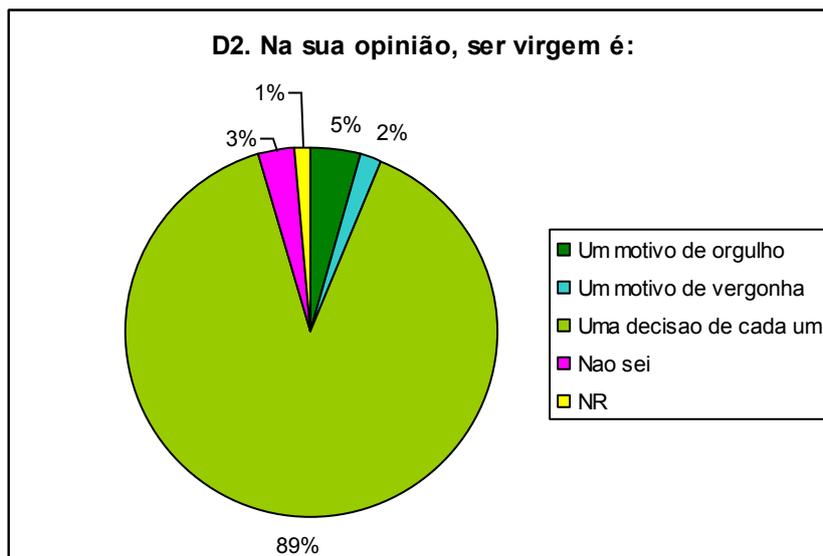
Quase 70% da amostra revela que já **namorou**, sendo que a maioria destes iniciou esse relacionamento pelos 14 anos.



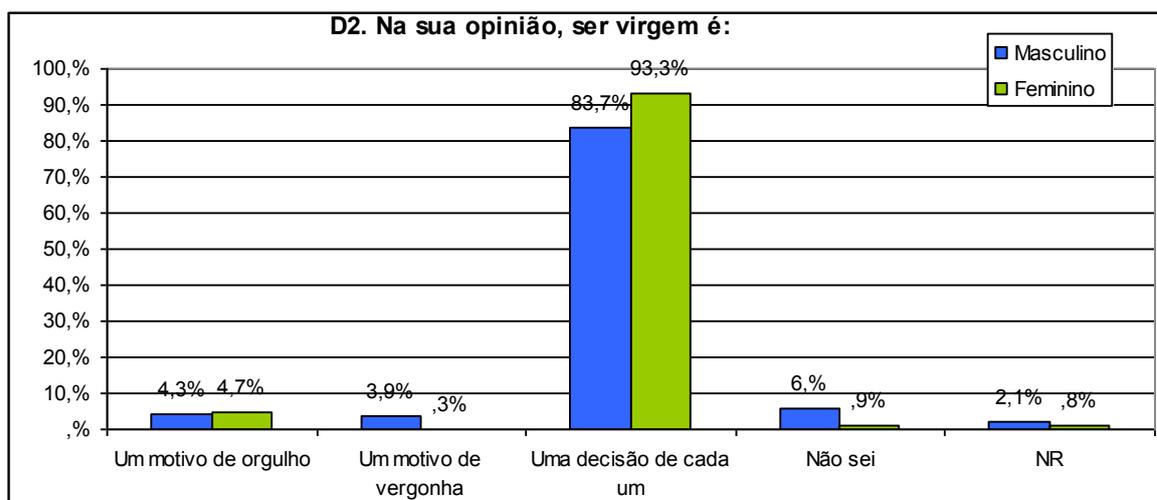
Relativamente à **idade com que começou a namorar**, os rapazes afirmam ter iniciado mais cedo (8% diz ter começado antes dos 10 anos, contra 2,3% das raparigas), e as raparigas dizem ter começado mais tarde. É de assinalar que 17% afirma que “nunca namorou” (nestes, são mais as raparigas), e 12,3% “não se lembra” (nestes, são mais os rapazes).



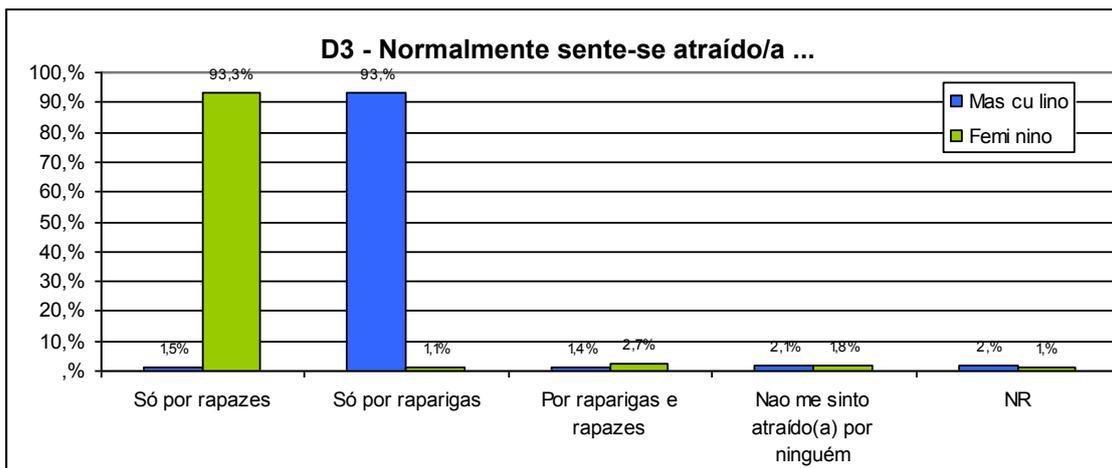
Para a grande maioria dos jovens, a expressão “**ser virgem**” associa-se a uma decisão pessoal, já que quase 90% considera que é “uma decisão de cada um”; para 5% dos jovens, ser virgem “é um motivo de orgulho” e para 2% um “motivo de vergonha”.



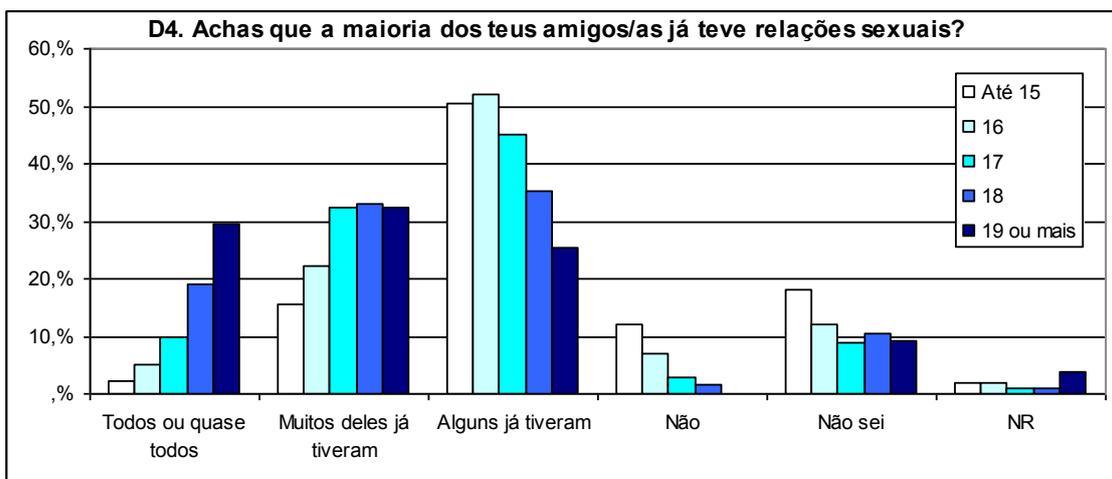
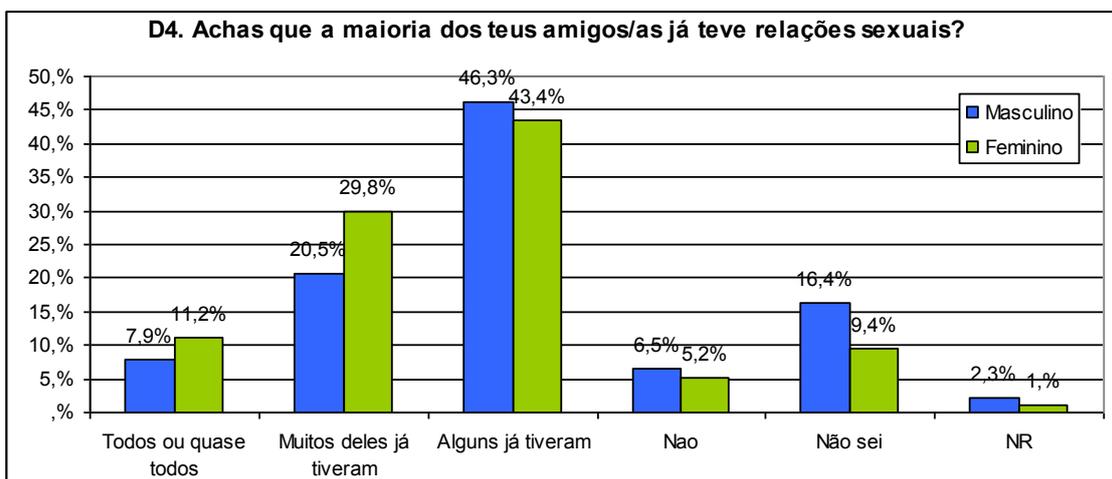
Analisando a mesma questão segundo os sexos, verificamos que as raparigas são mais da opinião que é “uma decisão de cada um” (93% do sexo feminino para 84% do sexo masculino); as restantes respostas dividem-se entre os que acham que é “motivo de vergonha”(3,9% do sexo masculino para apenas ,3% do sexo feminino), um “motivo de orgulho” (4,3% dos rapazes e 4,7% das raparigas) e os que respondem “não sei” (6% dos rapazes e apenas 0,8% das raparigas).



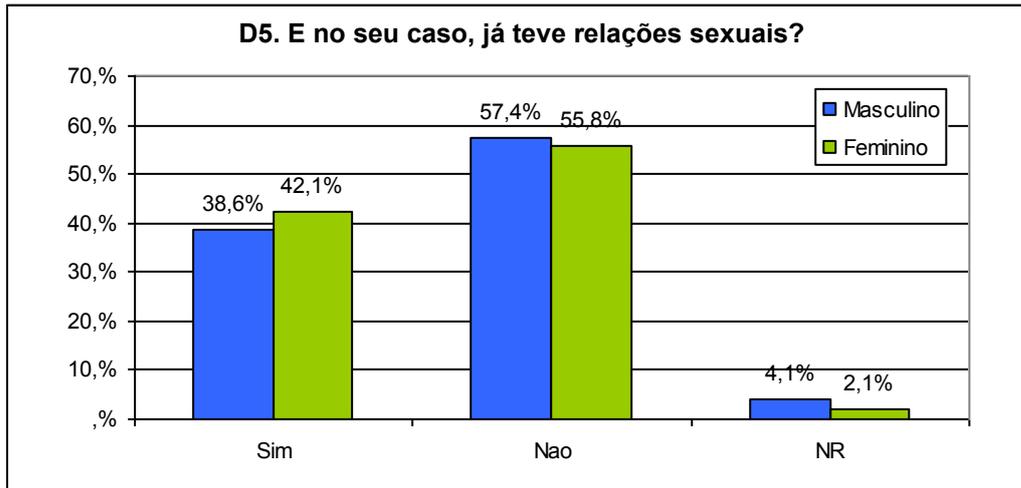
Relativamente à **orientação sexual**, 93% dos rapazes e 93,3% das raparigas dizem sentir-se atraídos(as) apenas por pessoas do sexo oposto ao seu, ao passo que 1,5% dos rapazes e 1,1% das raparigas afirmam que normalmente se sentem atraídos(as) por pessoas do mesmo sexo. Para além destes, 1,4% dos rapazes e 2,7% das raparigas dizem sentir-se atraídos(as) por pessoas de ambos os sexos, enquanto 2,1% de rapazes e 1,8% de raparigas dizem não se sentir atraídos(as) por ninguém.



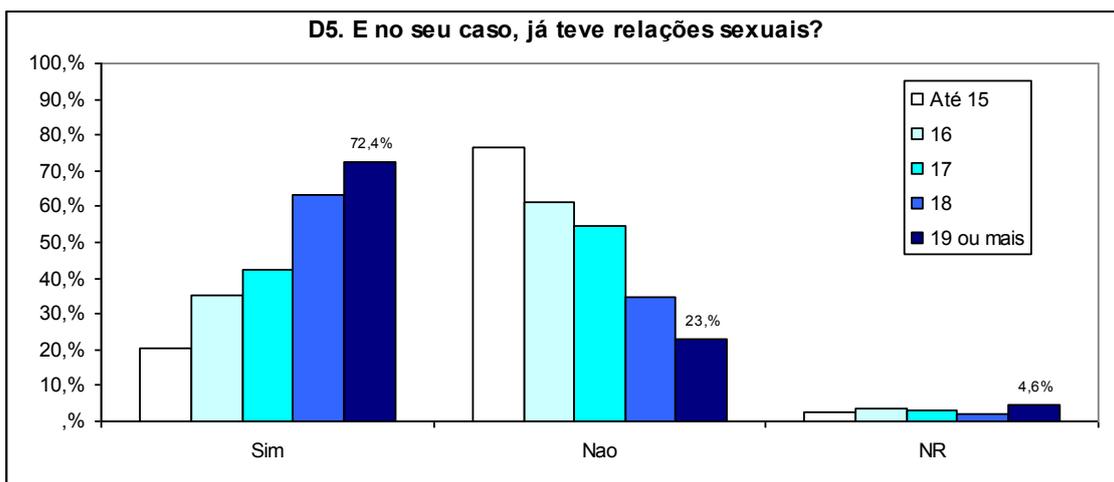
Questionaram-se ainda os jovens sobre **relações sexuais**, numa primeira fase pronunciando-se sobre “os outros”: cerca de metade dos rapazes (46%) e metade das raparigas (43%) acredita que a maioria dos seus amigos já teve relações sexuais. Esta perspectiva apresenta uma relação directa com a idade: quanto mais velhos são os jovens, mais afirmam que os seus amigos já tiveram relações sexuais.



Quando se pergunta concretamente no caso dos inquiridos, se já tiveram relações sexuais, 57% dos rapazes e 56% das raparigas afirma que não, ao passo que 42% das raparigas e 37% dos rapazes afirma que já teve relações sexuais.



Mais uma vez verificamos que existe neste aspecto uma relação directa com a idade, como seria aliás de esperar: quanto mais velhos são os jovens, maior é o número daqueles que dizem já ter iniciado as relações sexuais (72% dos que têm 19 ou mais anos dizem que já tiveram relações sexuais e em contraponto 20% dos jovens com 15 anos ou menos afirmam o mesmo).



Quando cruzamos a variável “já teve relações sexuais” no caso das raparigas e rapazes e a “qualidade da informação” que têm nos temas da sexualidade, verificamos que há uma associação entre estas variáveis. No caso dos rapazes, esta associação é estatisticamente significativa, indicando que os jovens com piores níveis de educação sexual envolvem-se com maior frequência em relações sexuais, enquanto que os jovens rapazes com melhores conhecimentos apresentam envolvimento menos frequente em relações sexuais ($\chi^2 = 17,911$; $p = <.001$). No caso das raparigas, esta associação entre as variáveis não existe.

A1. Sexo			SCORE GRUPO B					Total
			Mau (1-5)	Insuficiente (6-10)	Aceitável (11-15)	Bom (16-20)	Muito Bom (21-27)	
Masculino	D5. E no seu caso, ja teve relacoes sexuais?	Sim	7 70,00%	75 50,70%	160 42,10%	154 36,40%	23 28,80%	419 40,20%
		Nao	3 30,00%	73 49,30%	220 57,90%	269 63,60%	57 71,20%	622 59,80%
Feminino	D5. E no seu caso, ja teve relacoes sexuais?	Sim	2 50,00%	26 38,80%	186 43,90%	325 43,80%	106 40,60%	645 43,10%
		Nao	2 50,00%	41 61,20%	238 56,10%	417 56,20%	155 59,40%	853 56,90%

Quando cruzamos a variável “já teve relações sexuais” e a escolaridade dos pais e mães, verificamos também que existe associação estatisticamente significativa entre estas variáveis: de média intensidade no que diz respeito aos pais, o que indica que os jovens cujos pais têm níveis mais elevados de escolaridade se envolvem menos em relações sexuais ($\chi^2 = 20,615$; $p = <.01$); de forte intensidade no caso das mães, o que indica que os jovens cujas mães têm níveis mais elevados de escolaridade se envolvem igualmente menos em relações sexuais ($\chi^2 = 23,564$; $p = <.001$). Por oposição, são os jovens cujos pais têm menores níveis de escolaridade que mais se envolvem em relações sexuais.

D5. E no seu caso, já teve relações sexuais? * A7. Grau de escolaridade do pai? Crosstabulation									
	A7. Grau de escolaridade do pai?								
	Não foi a escola	Frequentou a escola, mas não completou o 1º ciclo do ensino b	1º ciclo do Ensino Básico (4 anos de escolaridade)	2º ciclo do Ensino Básico ou equivalente (5 e 6 anos de escola)	3º ciclo do Ensino Básico ou equivalente (7 ao 9 anos de escol)	Ensino Secundário ou equivalente (10 ao 12 anos de escolaridade)	Ensino Médio (Bacharelato)	Ensino Superior (licenciatura ou pós-graduação)	Total
Sim	5 50,00%	17 56,70%	300 46,40%	193 45,10%	197 38,70%	213 40,60%	23 31,10%	108 35,90%	1056 41,80%
Não	5 50,00%	13 43,30%	347 53,60%	235 54,90%	312 61,30%	312 59,40%	51 68,90%	193 64,10%	1468 58,20%
Total	10 100,00%	30 100,00%	647 100,00%	428 100,00%	509 100,00%	525 100,00%	74 100,00%	301 100,00%	2524 100,00%

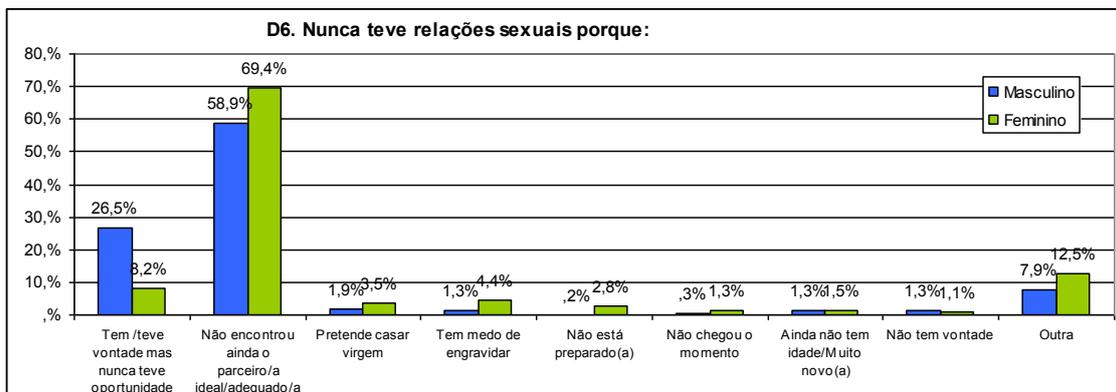
D5. E no seu caso, já teve relações sexuais? * A8. Grau de escolaridade da mãe? Crosstabulation									
	A8. Grau de escolaridade da mãe?								
	Não foi a escola	Frequentou a escola, mas não completou o 1º ciclo do ensino b	1º ciclo do Ensino Básico (4 anos de escolaridade)	2º ciclo do Ensino Básico ou equivalente (5 e 6 anos de escola)	3º ciclo do Ensino Básico ou equivalente (7 ao 9 anos de escol)	Ensino Secundário ou equivalente (10 ao 12 anos de escolaridade)	Ensino Médio (Bacharelato)	Ensino Superior (licenciatura ou pós-graduação)	Total
Sim	6 75,00%	18 45,00%	223 46,20%	198 42,70%	229 43,00%	226 41,00%	42 47,20%	118 32,10%	1060 41,80%
Não	2 25,00%	22 55,00%	260 53,80%	266 57,30%	304 57,00%	325 59,00%	47 52,80%	250 67,90%	1476 58,20%
Total	8 100,00%	40 100,00%	483 100,00%	464 100,00%	533 100,00%	551 100,00%	89 100,00%	368 100,00%	2536 100,00%

Por último, analisando a questão “já teve relações sexuais” segundo a “religião” dos jovens, verificamos também que existe uma associação significativa de média intensidade entre as variáveis ($\chi^2 = 20,879$; $p = <.01$). Embora em todos os casos a maioria dos jovens ainda não tenha iniciado relações sexuais, dos que já o fizeram, é sobretudo entre os que se dizem “ateus”, “indiferentes”, “agnósticos” e “católicos não praticantes” que as proporções mais se aproximam. Por outras palavras, entre os “católicos praticantes”, “protestantes” e os jovens com “outra crença religiosa” a proporção dos que ainda não iniciaram relações sexuais é significativamente maior do que a daqueles que já iniciaram relações sexuais.

D5. E no seu caso, já teve relações sexuais? * A6. Em relação a religião, diria que é Crosstabulation								
	A6. Em relação a religião, diria que é							
	Indiferente	Ateu	Agnostico	Catolico praticante	Catolico nao praticante	Protestante	Outra crença religiosa.	Total
Sim	107 46,90%	75 43,40%	79 47,30%	299 36,30%	455 44,30%	6 33,30%	15 30,00%	1036 41,70%
Não	121 53,10%	98 56,60%	88 52,70%	524 63,70%	572 55,70%	12 66,70%	35 70,00%	1450 58,30%
Total	228 100,00%	173 100,00%	167 100,00%	823 100,00%	1027 100,00%	18 100,00%	50 100,00%	2486 100,00%

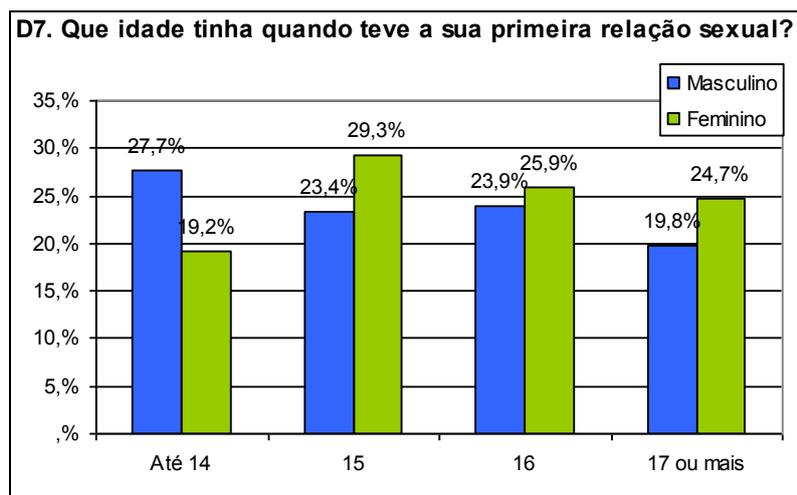
No total da amostra, e como já vimos, uma média de 57% dos inquiridos responde que ainda não iniciou relações sexuais e para tal apresentam diferentes **motivos**, sobretudo se olharmos sob uma perspectiva de género; destes, a maioria diz que não o fez porque “não encontrou ainda o parceiro/a ideal” (69% das raparigas e 59% dos rapazes). Podemos ainda observar que são mais os rapazes que dizem “já ter/ter tido vontade mas não oportunidade” (27% dos rapazes e 8% das raparigas). Os dados indicam que as raparigas apresentam como motivo para adiar as relações sexuais a intenção “de casar virgem” (3,5% das raparigas e 1,9% dos rapazes), o “medo de engravidar” (4,4% de raparigas e 1,3% de rapazes) e ainda o facto de “não estar preparada” (2% das raparigas e apenas 0,2% dos rapazes). As outras razões invocadas não apresentam diferenças a assinalar entre rapazes e raparigas e têm frequências muito baixas.

A variável idade não apresenta neste aspecto diferenças significativas, já que as proporções de motivos invocados pelos jovens se mantêm em todas as idades.



Jovens que já tiveram relações sexuais

Para aqueles que já tiveram relações sexuais, isto é, para cerca de 40% dos jovens, perguntou-se **que idade tinham quando da 1.ª relação**. Os resultados demonstram-nos que a média dos rapazes iniciou ligeiramente mais cedo: a maioria dos rapazes teve a 1.ª relação sexual aos 14 anos, enquanto que as raparigas o fizeram aos 15 anos.



Quando cruzamos a “qualidade da informação” que os jovens têm nos temas da sexualidade e “a idade com que iniciaram relações sexuais”, verificamos que os níveis mais elevados de educação sexual estão associados a um envolvimento mais tardio em relações sexuais. Esta associação é estatisticamente significativa no caso dos rapazes ($x^2 = 21,667$; $p < .05$) e não é significativa no caso do sexo feminino.

D7. Que idade tinha quando teve a sua primeira relação sexual? * SCORE GRUPO B * A1. Sexo Crosstabulation

A1. Sexo		SCORE GRUPO B						Total
		Mau (1-5)	Insuficiente (6-10)	Aceitável (11-15)	Bom (16-20)	Muito Bom (21-27)		
Masculino	D7. Que idade tinha quando teve a sua primeira relação sexual?	Ate 14	3 60,00%	26 40,60%	49 31,40%	34 22,80%	4 17,40%	116 29,20%
		15	1 20,00%	19 29,70%	39 25,00%	36 24,20%	3 13,00%	98 24,70%
		16	0 0,00%	10 15,60%	35 22,40%	44 29,50%	11 47,80%	100 25,20%
		17 ou mais	1 20,00%	9 14,10%	33 21,20%	35 23,50%	5 21,70%	83 20,90%
Feminino	D7. Que idade tinha quando teve a sua primeira relação sexual?	Ate 14	0 0,00%	4 15,40%	39 21,40%	63 19,40%	18 17,10%	124 19,40%
		15	1 50,00%	6 23,10%	52 28,60%	98 30,20%	32 30,50%	189 29,60%
		16	0 0,00%	7 26,90%	40 22,00%	86 26,50%	34 32,40%	167 26,10%
		17 ou mais	1 50,00%	9 34,60%	51 28,00%	77 23,80%	21 20,00%	159 24,90%

Analisando “a idade com que iniciaram relações sexuais” e a “escolaridade dos pais e mães”, verificamos o seguinte: a idade de início das relações sexuais é mais tardia entre os jovens cujas mães têm mais elevados níveis de escolaridade ($\chi^2 = 38413$; $p = <.05$). A associação não é significativa entre as variáveis “idade da 1.ª relação sexual” e “escolaridade do pai”.

D7. Que idade tinha quando teve a sua primeira relação sexual? * A7. Grau de escolaridade do pai? Crosstabulation

	A7. Grau de escolaridade do pai?								Total
	Não foi a escola	Frequentou a escola, mas não completou o 1º ciclo do ensino b	1º ciclo do Ensino Básico (4 anos de escolaridade)	2º ciclo do Ensino Básico ou equivalente (5 e 6 anos de escola)	3º ciclo do Ensino Básico ou equivalente (7 ao 9 anos de escola)	Ensino Secundário ou equivalente (10 ao 12 anos de escolaridade)	Ensino Médio (Bacharelato)	Ensino Superior (licenciatura ou pós-graduação)	
Menos de 15	2 40,00%	1 5,90%	66 22,30%	45 23,80%	45 23,60%	51 24,80%	4 17,40%	24 23,80%	238 23,20%
15	1 20,00%	5 29,40%	80 27,00%	48 25,40%	64 33,50%	53 25,70%	11 47,80%	23 22,80%	285 27,70%
16	0 0,00%	3 17,60%	67 22,60%	50 26,50%	47 24,60%	60 29,10%	3 13,00%	35 34,70%	265 25,80%
17 ou mais	2 40,00%	8 47,10%	83 28,00%	46 24,30%	35 18,30%	42 20,40%	5 21,70%	19 18,80%	240 23,30%
Total	5 100,00%	17 100,00%	296 100,00%	189 100,00%	191 100,00%	206 100,00%	23 100,00%	101 100,00%	1028 100,00%

D7. Que idade tinha quando teve a sua primeira relação sexual? * A8. Grau de escolaridade da mãe? Crosstabulation

	A8. Grau de escolaridade da mãe?								Total
	Não foi a escola	Frequentou a escola, mas não completou o 1º ciclo do ensino b	1º ciclo do Ensino Básico (4 anos de escolaridade)	2º ciclo do Ensino Básico ou equivalente (5 e 6 anos de escola)	3º ciclo do Ensino Básico ou equivalente (7 ao 9 anos de escola)	Ensino Secundário ou equivalente (10 ao 12 anos de escolaridade)	Ensino Médio (Bacharelato)	Ensino Superior (licenciatura ou pós-graduação)	
Menos de 15	3 50,00%	2 11,80%	46 21,30%	56 28,90%	48 21,30%	45 20,50%	8 20,00%	31 27,20%	239 23,20%
15	2 33,30%	3 17,60%	55 25,50%	46 23,70%	66 29,30%	65 29,50%	13 32,50%	36 31,60%	286 27,70%
16	0 0,00%	2 11,80%	47 21,80%	52 26,90%	59 26,20%	63 28,60%	11 27,50%	32 28,10%	266 25,80%
17 ou mais	1 16,70%	10 58,80%	68 31,50%	40 20,60%	52 23,10%	47 21,40%	8 20,00%	15 13,20%	241 23,40%
Total	6 100,00%	17 100,00%	216 100,00%	194 100,00%	225 100,00%	220 100,00%	40 100,00%	114 100,00%	1032 100,00%

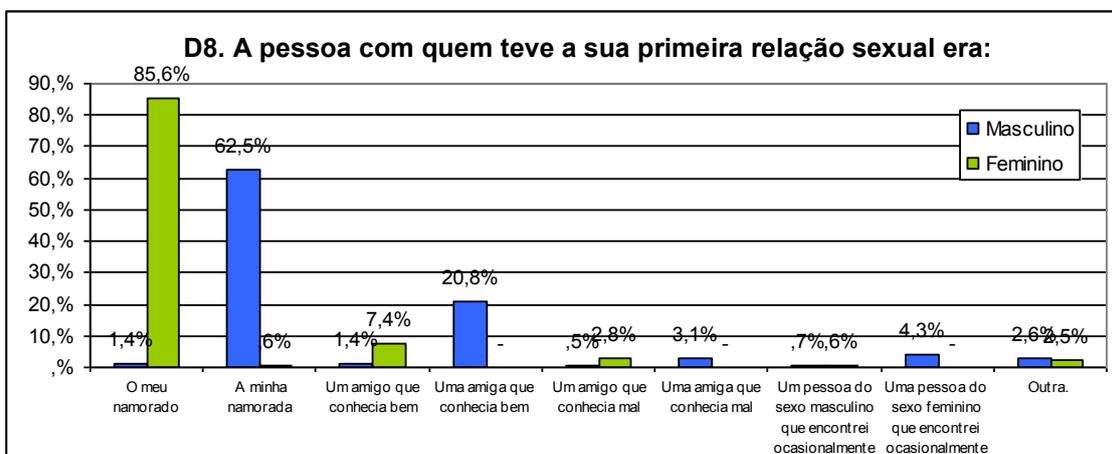
Também não existe associação significativa entre as variáveis “idade da primeira relação sexual” e a variável “religião”.

D7. Que idade tinha quando teve a sua primeira relação sexual? * A6. Em relação a religião, diria que é

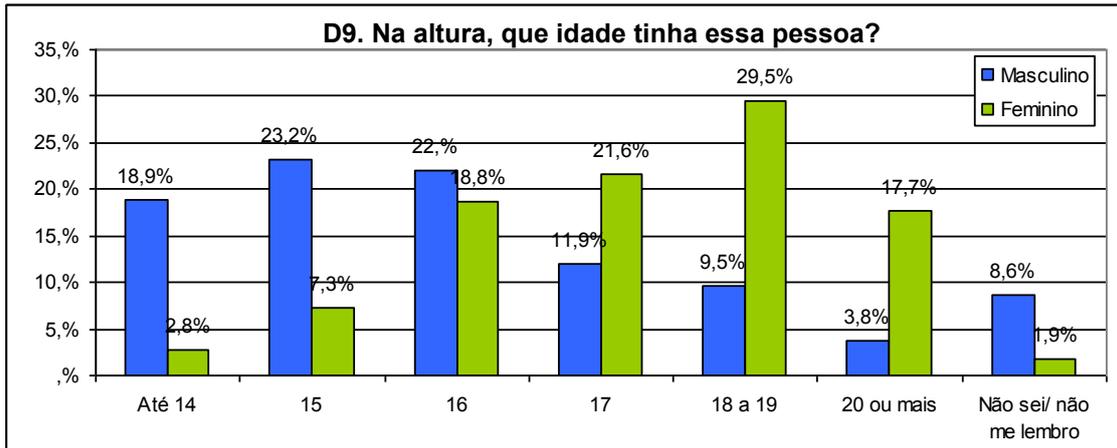
	A6. Em relação a religião, diria que é							
	Indiferente	Ateu	Agnóstico	Católico praticante	Católico não praticante	Protestante	Outra crença religiosa.	Total
Menos de 15	38 36,50%	19 26,40%	17 22,10%	52 17,80%	100 22,50%	40,00%	2 26,70%	4 23,00%
15	29 27,90%	20 27,80%	14 18,20%	85 29,10%	131 29,50%	20,00%	1 26,70%	4 28,10%
16	21 20,20%	17 23,60%	30 39,00%	73 25,00%	112 25,20%	20,00%	1 26,70%	4 25,60%
17 ou mais	16 15,40%	16 22,20%	16 20,80%	82 28,10%	101 22,70%	20,00%	1 20,00%	3 23,30%
Total	104 100,00%	72 100,00%	77 100,00%	292 100,00%	444 100,00%	5 100,00%	15 100,00%	1009 100,00%

Os **parceiros** na primeira relação sexual foram, para a maior parte das raparigas (86%) “o namorado”, ao passo que para os rapazes esta primeira relação sexual foi em 63% dos casos com “a namorada” e em 21% dos casos com “uma amiga que conhecia bem”. Para as raparigas, o “amigo que conhecia bem” foi o parceiro 7,4% dos casos. “Um amigo que conhecia mal” e “uma pessoa do sexo masculino que encontrei ocasionalmente” foi o parceiro de 2,8% e 0,6% das raparigas, respectivamente. Relativamente aos rapazes, “uma amiga que conhecia mal” e “uma pessoa do sexo feminino que encontrei ocasionalmente” foram as parceiras em 3,1% e 4,3% das primeiras relações sexuais, respectivamente.

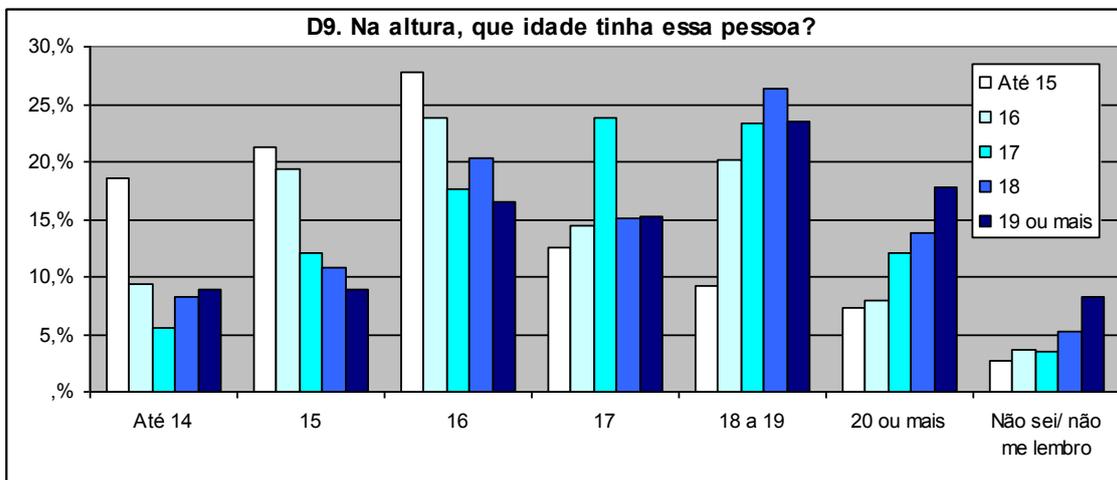
Com parceiros do mesmo sexo: 1,4% dos rapazes iniciou as relações sexuais “com o namorado” e o mesmo número “com um amigo que conhecia bem”, e 0,6% das raparigas “com a namorada”. Em 0,5% dos casos dos rapazes, a primeira relação sexual foi com “um amigo que conhecia mal” e em 0,7% com “uma pessoa do sexo masculino que encontrei ocasionalmente”. Não se registou nenhuma rapariga que tenha referido como parceira na primeira relação sexual “uma amiga que conhecia bem”, “uma amiga que conhecia mal” ou “uma pessoa do sexo feminino que encontrei ocasionalmente”.



Relativamente à **idade do/a parceiro/a** nessa primeira relação sexual, no caso das raparigas, era mais velho do que no caso dos rapazes: em 64% dos casos, a parceira dos rapazes tinha 16 anos ou menos e para apenas 29% das raparigas o parceiro estava nessa faixa de idades. Em contrapartida, cerca de 68% dos parceiros das raparigas tinha 16 anos ou mais, enquanto que apenas 26% das parceiras dos rapazes se encontrava nessa idade.

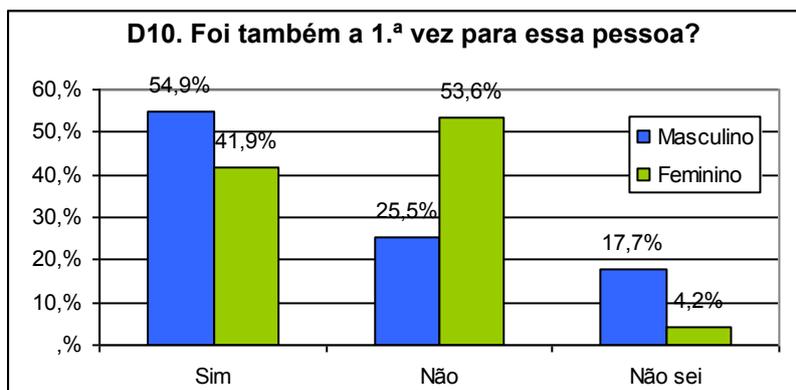


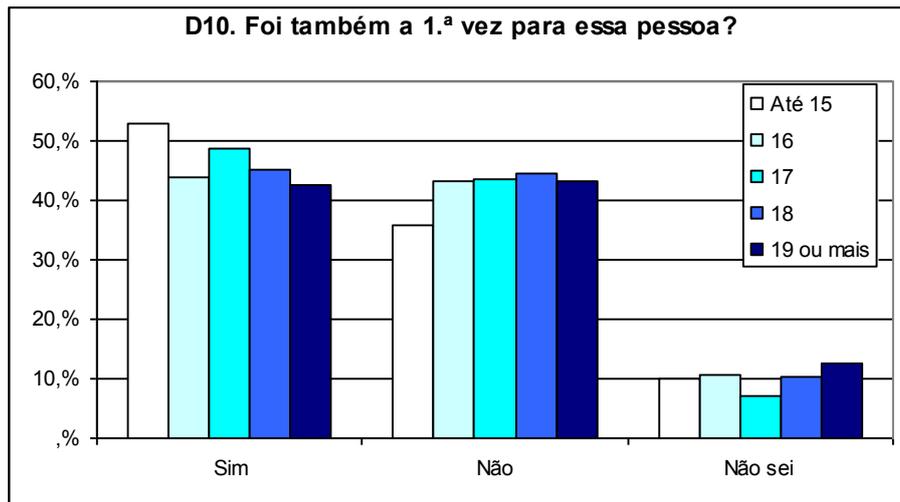
Observando a mesma questão sob a perspectiva das idades dos inquiridos, podemos concluir que quanto mais velhos estes são, maior tende ser a idade indicada para o/a parceiro/a da primeira relação sexual.



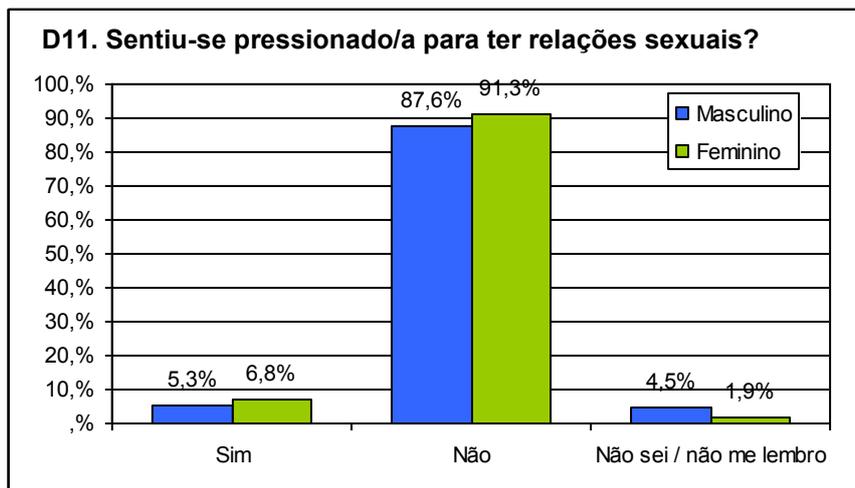
Para 55% dos rapazes, a/o parceira/o nessa primeira relação sexual também nunca tinha tido relações sexuais, ao passo que só para 42% dos/as parceiros/as das raparigas terá sido também a 1.ª vez. Em 18% dos casos, os rapazes não têm conhecimento sobre esta questão e o mesmo acontece com 4% das raparigas.

Neste aspecto, os dados mostram-nos que, quanto mais novos são os jovens, maior tende a ser a proporção dos que teve como parceiro alguém que também nunca tinha tido relações sexuais.





A maior parte dos jovens não se sentiu **pressionado/a** na primeira relação sexual (91% dos jovens do sexo feminino e 88% dos jovens de sexo masculino), mas 7% das raparigas diz que se “sentiu pressionada para ter relações sexuais” e o mesmo acontece com 5% dos rapazes. Esta questão não apresenta relevância quando se observam as idades dos inquiridos.



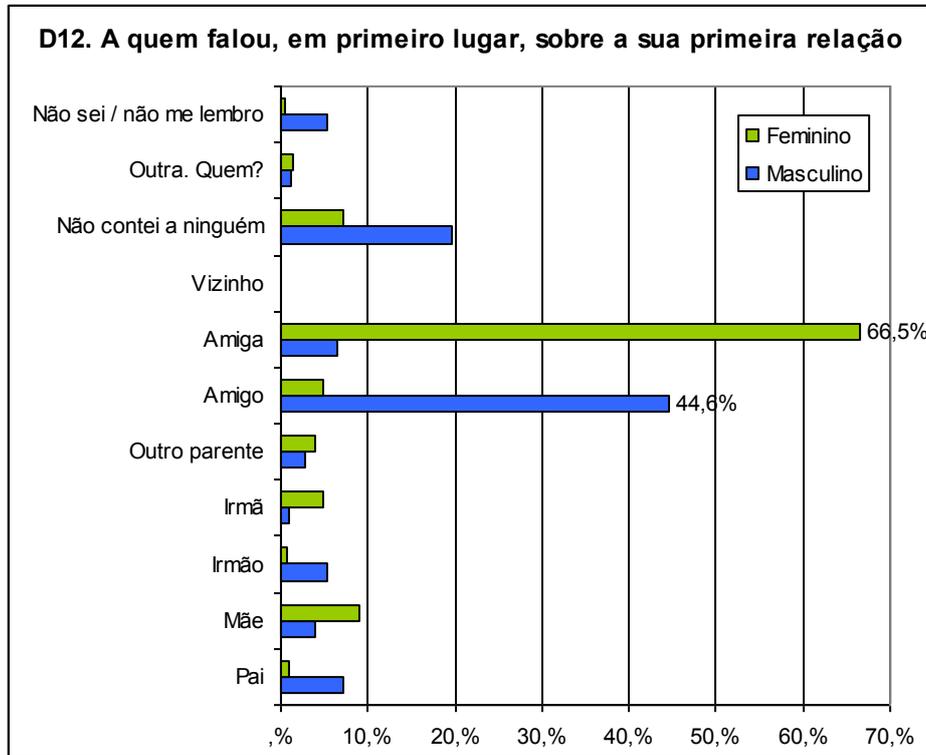
Quando cruzamos a “qualidade da informação” que os jovens têm nos temas da sexualidade e a resposta à questão “sentiu-se pressionado/a para ter relações sexuais”, verificamos uma associação significativa entre estas variáveis em ambos os sexos, embora seja mais significativa no caso das raparigas: os jovens rapazes com níveis mais elevados de educação sexual referem menos vezes que se sentiram pressionados no início das relações sexuais ($\chi^2 = 12,612$; $p = <.05$), e a associação é de forte intensidade no caso das raparigas ($\chi^2 = 30,699$; $p = <.001$), demonstrando que as raparigas com melhores níveis de educação sexual referem menos terem-se sentido pressionadas no início das relações sexuais.

D11. Sentiu-se pressionado/a para ter relacoes sexuais? * SCORE GRUPO B * A1. Sexo Crosstabulation

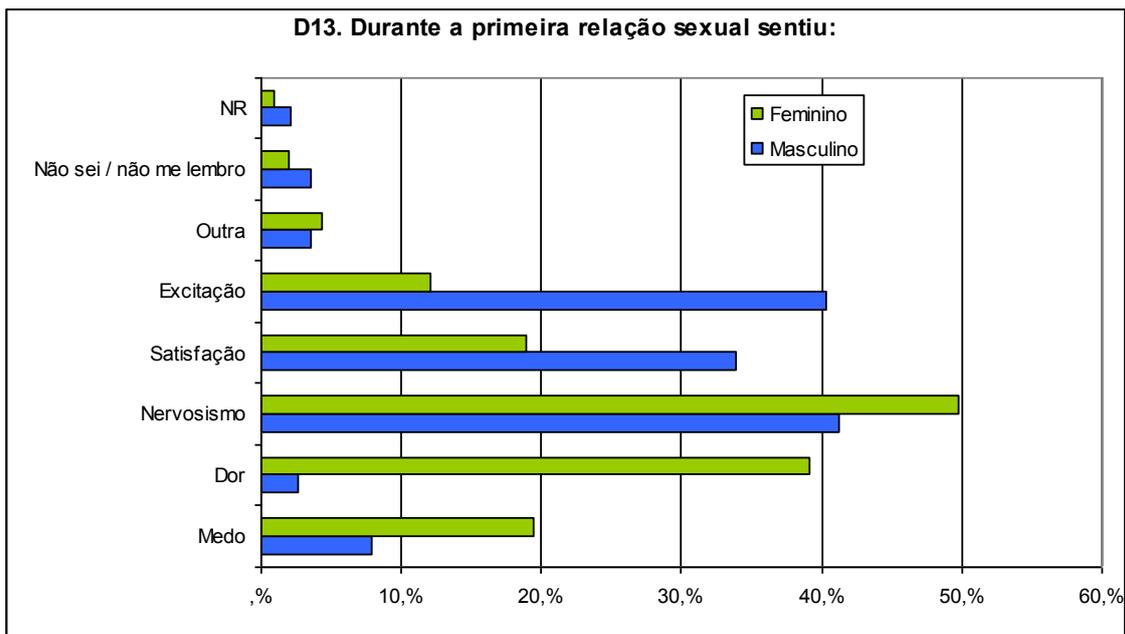
A1. Sexo			SCORE GRUPO B					
			Mau (1-5)	Insuficiente (6-10)	Acetavel (11-15)	Bom (16-20)	Muito Bom (21-27)	Total
Masculino	D11. Sentiu-se pressionado/a para ter relacoes sexuais?	Sim	1 16,70%	9 14,10%	6 4,00%	6 4,10%	0 0,00%	22 5,70%
		Nao	5 83,30%	55 85,90%	143 96,00%	142 95,90%	22 100,00%	367 94,30%
Feminino	D11. Sentiu-se pressionado/a para ter relacoes sexuais?	Sim	2 100,00%	1 4,00%	17 9,40%	20 6,20%	4 3,80%	44 7,00%
		Nao	0 0,00%	24 96,00%	163 90,60%	301 93,80%	101 96,20%	589 93,00%

A **primeira pessoa a quem falaram** desta relação sexual foi, no caso de 67% das raparigas, “um/a amigo/a”, e o mesmo acontece com 45% dos rapazes, sendo de destacar que, para 20% dos rapazes, essa questão não foi partilhada com ninguém. Em quase 10% das raparigas, a primeira relação sexual foi falada com a mãe e em quase 10% dos rapazes foi falada com o pai.

As irmãs e irmãos são também interlocutores importantes nesta questão, sendo de assinalar que as raparigas privilegiam as irmãs e os rapazes os irmãos.



Nos **sentimentos e sensações** associados a essa primeira relação sexual afigura-se relevante a questão do género, sendo que o sentimento mais coerente para ambos os sexos na primeira relação sexual é o “nervosismo”, mas nas outras sensações a diferença é significativa entre os rapazes e as raparigas: para o sexo feminino os sentimentos mais negativos são os que prevalecem, como a “dor” (quase 40% nas raparigas e 3% dos rapazes) e o “medo” (em quase 20% das raparigas e 8% dos rapazes) e para os rapazes os sentimentos são mais positivos, como a “excitação” (40% dos rapazes e apenas 12% das raparigas) e a “satisfação” (33% dos rapazes e menos de 20% das raparigas).



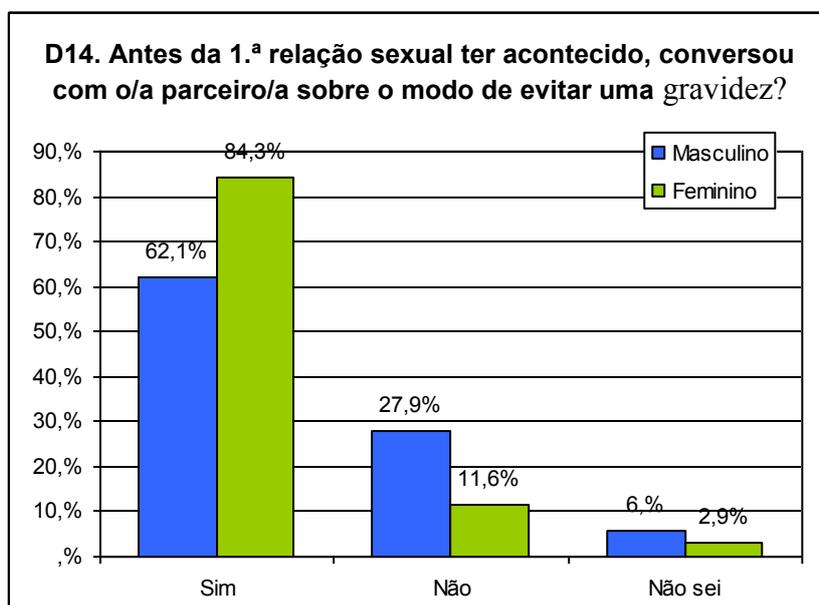
Observamos de seguida, e separadamente, alguns destes sentimentos ou emoções na primeira relação sexual cruzados com a variável “qualidade da informação” em ambos os sexos. Relativamente à resposta “medo” e “dor” verificamos que, em ambos os sexos, os jovens com mais elevados níveis de educação sexual referem-nos menos vezes no início das relações sexuais. Em contrapartida, nas raparigas, níveis elevados de educação sexual estão associados a níveis mais intensos de satisfação e de excitação na vivência das relações sexuais.

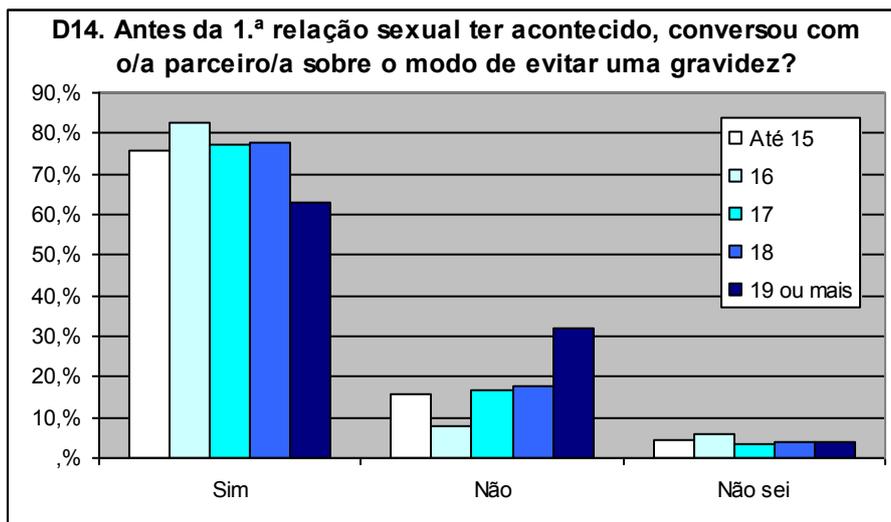
A1. Sexo			SCORE GRUPO B					
			Mau (1-5)	Insuficiente (6-10)	Aceitavel (11-15)	Bom (16-20)	Muito Bom (21-27)	Total
Masculino	D13C: Medo	-	7	68	146	143	22	386
			100,00%	90,70%	91,20%	92,90%	95,70%	92,10%
Feminino	D13C: Medo	-	0	7	14	11	1	33
			0,00%	9,30%	8,80%	7,10%	4,30%	7,90%
Masculino	D13C: Dor	-	7	72	155	151	23	408
			100,00%	96,00%	96,90%	98,10%	100,00%	97,40%
Feminino	D13C: Dor	-	0	3	5	3	0	11
			0,00%	4,00%	3,10%	1,90%	0,00%	2,60%
Masculino	D13C: Satisfação	-	1	15	127	191	59	393
			50,00%	57,70%	68,30%	58,80%	55,70%	60,90%
Feminino	D13C: Satisfação	-	1	11	59	134	47	252
			50,00%	42,30%	31,70%	41,20%	44,30%	39,10%

A1. Sexo			SCORE GRUPO B					
			Mau (1-5)	Insuficiente (6-10)	Aceitavel (11-15)	Bom (16-20)	Muito Bom (21-27)	Total
Masculino	D13C: Satisfacao	-	6 85,70%	40 53,30%	104 65,00%	111 72,10%	16 69,60%	277 66,10%
		+	1 14,30%	35 46,70%	56 35,00%	43 27,90%	7 30,40%	142 33,90%
Feminino	D13C: Satisfacao	-	2 100,00%	23 88,50%	159 85,50%	266 81,80%	73 68,90%	523 81,10%
		+	0 0,00%	3 11,50%	27 14,50%	59 18,20%	33 31,10%	122 18,90%

A1. Sexo			SCORE GRUPO B					
			Mau (1-5)	Insuficiente (6-10)	Aceitavel (11-15)	Bom (16-20)	Muito Bom (21-27)	Total
Masculino	D13C: Excitacao	-	4 57,10%	45 60,00%	92 57,50%	96 62,30%	13 56,50%	250 59,70%
		+	3 42,90%	30 40,00%	68 42,50%	58 37,70%	10 43,50%	169 40,30%
Feminino	D13C: Excitacao	-	2 100,00%	25 96,20%	166 89,20%	284 87,40%	90 84,90%	567 87,90%
		+	0 0,00%	1 3,80%	20 10,80%	41 12,60%	16 15,10%	78 12,10%

Relativamente a questões de **prevenção de gravidez** não desejada antes da 1.^a relação sexual, são sobretudo as raparigas que dizem ter conversado com o parceiro sobre o modo de evitar uma gravidez (84% do sexo feminino e 62% dos rapazes). Observando a variável das idades, verificamos que quanto mais velhos são, menos terão abordado esta questão com o/a parceiro/a.



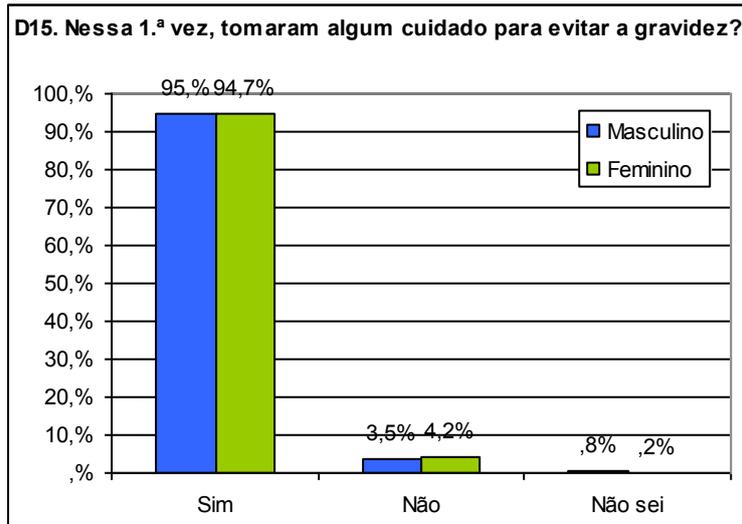


Em ambos os sexos, quando se avalia a qualidade da informação cruzada com as conversas sobre contraceção com o parceiro anteriores à primeira relação sexual, verificamos que em ambos os sexos, a percentagem daqueles que falaram sobre formas de evitar uma gravidez é mais alta entre os jovens que têm mais elevados níveis de conhecimentos. Esta associação entre as variáveis é estatisticamente significativa em ambos os sexos, apresentando equivalentes níveis de significância: no caso dos rapazes $\chi^2 = 19.156$; $p = <.0.05$ e, no caso das raparigas, $\chi^2 = 18.911$; $p = <.0.05$.

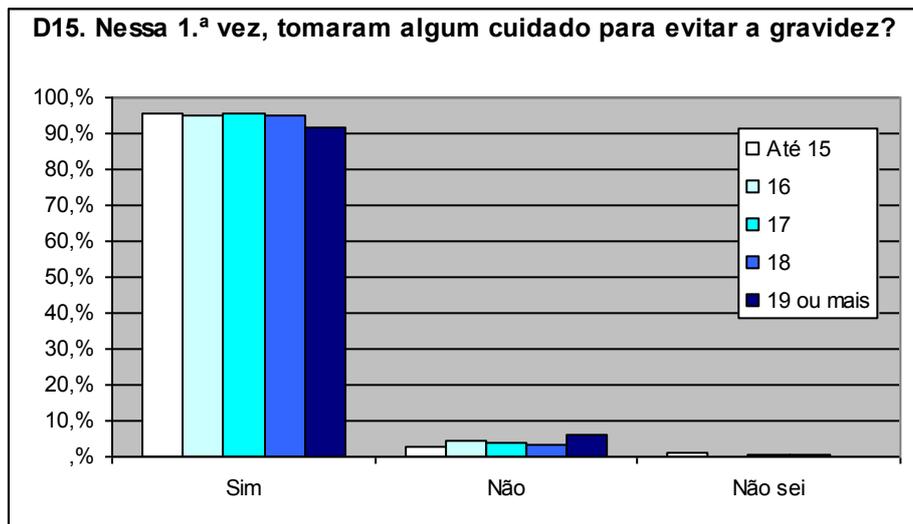
D14. Antes da primeira relação sexual ter acontecido, conversou com o seu/sua parceiro/a sobre o modo de evitar a gravidez?
* SCORE GRUPO B * A1. Sexo Crosstabulation

A1. Sexo			SCORE GRUPO B					
			Mau (1-5)	Insuficiente (6-10)	Aceitável (11-15)	Bom (16-20)	Muito Bom (21-27)	Total
Masculino	D14. Antes da primeira relação sexual ter acontecido, conversou com o seu/sua parceiro/a sobre o modo de evitar a gravidez?	Sim	2 50,00%	38 62,30%	103 71,00%	97 66,90%	20 90,90%	260 69,00%
		Não	2 50,00%	23 37,70%	42 29,00%	48 33,10%	2 9,10%	117 31,00%
Feminino	D14. Antes da primeira relação sexual ter acontecido, conversou com o seu/sua parceiro/a sobre o modo de evitar a gravidez?	Sim	1 100,00%	20 80,00%	154 86,00%	278 89,10%	91 89,20%	544 87,90%
		Não	0 0,00%	5 20,00%	25 14,00%	34 10,90%	11 10,80%	75 12,10%

Dos que já iniciaram relações sexuais (num total de 1065 jovens), cerca de 95% utilizou na primeira relação sexual alguma forma de prevenção da gravidez, (quer os rapazes quer as raparigas). Ao contrário, cerca de 4% dos rapazes e também das raparigas, diz que não utilizou qualquer método.



Observando a mesma questão à luz das idades, concluímos que os mesmos níveis de prevenção se mantêm em todas as idades, excepto nos mais velhos (com 19 ou mais anos), que apresentam a taxa mais baixa de “cuidado”, ao nível dos 92%.



Quando se cruza esta variável com a condição social da mãe e do pai, não se encontra associação significativa.

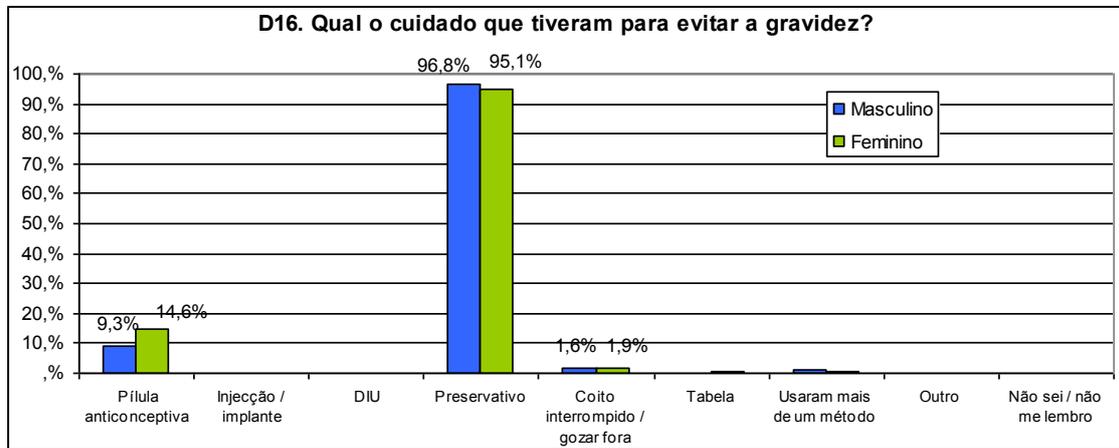
D15. Nessa primeira vez, tomaram algum cuidado para evitar a gravidez? * A7. Grau de escolaridade do pai? Crosstabulation

	A7. Grau de escolaridade do pai?								Total
	Nao foi a escola	Frequentou a escola, mas nao completou o 1 ciclo do ensino b	1 ciclo do Ensino Basico (4 ano de escolaridade)	2 ciclo do Ensino Basico ou equivalente (5 e 6 ano de escola)	3 ciclo do Ensino Basico ou equivalente (7 ao 9 ano de escol)	Ensino Secundario ou equivalente (10 ao 12 ano de escolarida	Ensino Medio (Bacharelato)	Ensino Superior (licenciatura ou pos-graduacao)	
Sim	2 66,70%	11 100,00%	205 94,50%	145 95,40%	146 95,40%	155 98,10%	18 94,70%	75 96,20%	757 95,70%
Nao	1 33,30%	0 0,00%	11 5,10%	6 3,90%	7 4,60%	3 1,90%	0 0,00%	3 3,80%	31 3,90%
Nao sei	0 0,00%	0 0,00%	1 0,50%	1 0,70%	0 0,00%	0 0,00%	1 5,30%	0 0,00%	3 0,40%
Total	3 100,00%	11 100,00%	217 100,00%	152 100,00%	153 100,00%	158 100,00%	19 100,00%	78 100,00%	791 100,00%

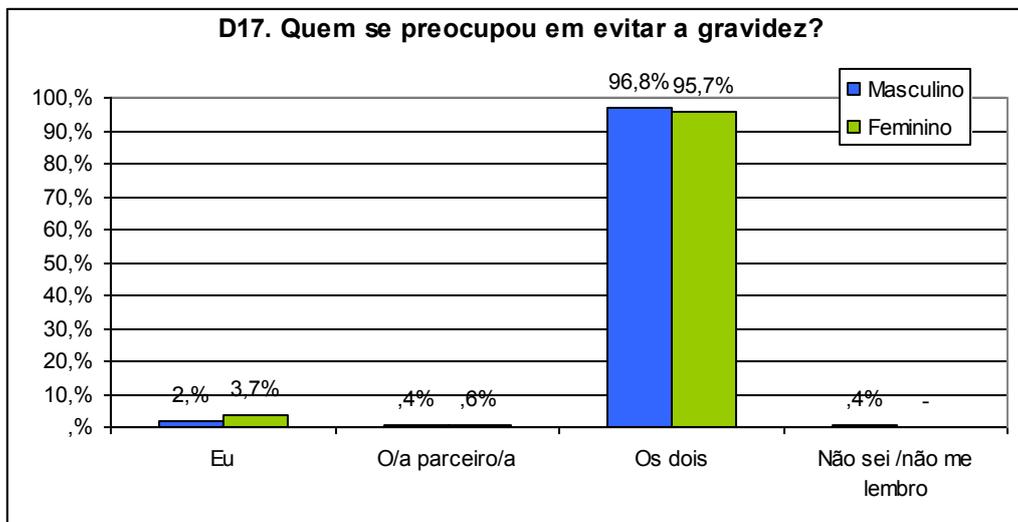
D15. Nessa primeira vez, tomaram algum cuidado para evitar a gravidez? * A8. Grau de escolaridade da mae? Crosstabulation

	A8. Grau de escolaridade da mae?								Total
	Nao foi a escola	Frequentou a escola, mas nao completou o 1 ciclo do ensino b	1 ciclo do Ensino Basico (4 ano de escolaridade)	2 ciclo do Ensino Basico ou equivalente (5 e 6 ano de escola)	3 ciclo do Ensino Basico ou equivalente (7 ao 9 ano de escol)	Ensino Secundario ou equivalente (10 ao 12 ano de escolarida)	Ensino Medio (Bacharelato)	Ensino Superior (licenciatura ou pos-graduacao)	
Sim	2 66,70%	13 100,00%	151 95,60%	137 94,50%	171 95,00%	167 96,50%	28 96,60%	90 96,80%	759 95,60%
Nao	1 33,30%	0 0,00%	7 4,40%	8 5,50%	9 5,00%	4 2,30%	0 0,00%	3 3,20%	32 4,00%
Nao sei	0 0,00%	0 0,00%	0 0,00%	0 0,00%	0 0,00%	2 1,20%	1 3,40%	0 0,00%	3 0,40%
Total	3 100,00%	13 100,00%	158 100,00%	145 100,00%	180 100,00%	173 100,00%	29 100,00%	93 100,00%	794 100,00%

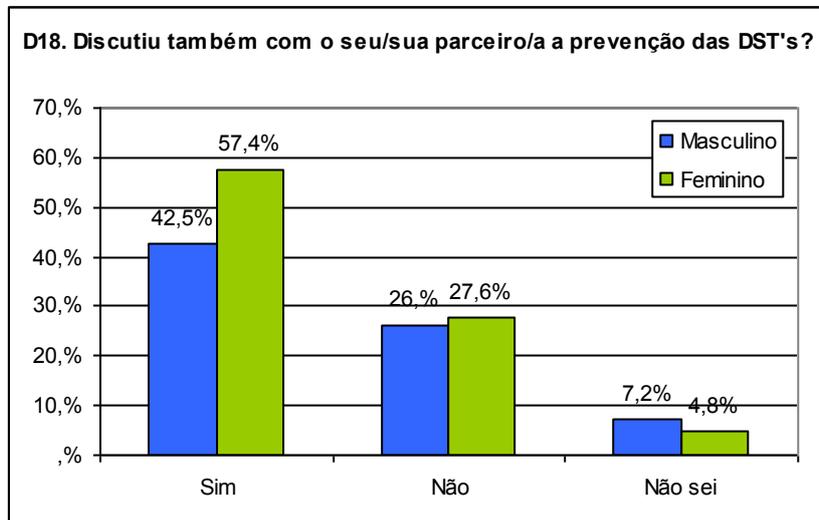
Dos que **utilizaram métodos contraceptivos** na primeira relação sexual, a grande maioria utilizou o preservativo: 97% dos rapazes e 95% das raparigas. No caso delas, em 15% foi utilizada a pílula e para os rapazes, em 9% dos casos. O 3.º método com mais significado é o coito interrompido, utilizado em 2% das situações, quer para as raparigas, quer para os rapazes. Neste item, observa-se uma ligeira diferença no que toca ao uso do preservativo na primeira relação sexual dos mais velhos (19 ou mais anos), ficando-se pelos 91% e atingindo os 2,2% de utilização do coito interrompido.



Os jovens dizem que o cuidado em evitar uma gravidez na primeira relação sexual foi **iniciativa** de ambos os parceiros (cerca de 97% dos rapazes e 96% das raparigas), sendo que quase 4% das raparigas diz que a iniciativa foi delas.



Tal como se verificou na prevenção da gravidez, também relativamente à **prevenção de doenças sexualmente transmissíveis** na primeira relação sexual, são as raparigas que mais dizem ter conversado com o parceiro sobre a questão (57% do sexo feminino e 42% do sexo masculino). Observando a variável das idades, verificamos que quanto mais velhos são, menos terão abordado esta questão com o/a parceiro/a, sendo de destacar que 31% dos jovens com 19 ou mais anos não discutiu a prevenção das IST's aquando da 1.^a relação sexual.



Quando se avalia a qualidade da informação cruzada com as conversas sobre prevenção das IST's com o parceiro anteriores à primeira relação sexual, verificamos que não há associação significativa entre as variáveis.

**D18. Discutiu também com o seu parceiro/a a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST)? * SCORE GRUPO B *
A1. Sexo Crosstabulation**

A1. Sexo			SCORE GRUPO B					Total
			Mau (1-5)	Insuficiente (6-10)	Aceitável (11-15)	Bom (16-20)	Muito Bom (21-27)	
Masculino	D18. Discutiu também com o seu parceiro/a a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST)?	Sim	2 66,70%	33 70,20%	64 59,30%	66 61,10%	13 61,90%	178 62,00%
		Não	1 33,30%	14 29,80%	44 40,70%	42 38,90%	8 38,10%	109 38,00%
Feminino	D18. Discutiu também com o seu parceiro/a a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST)?	Sim	1 50,00%	16 80,00%	105 67,30%	189 67,50%	59 65,60%	370 67,50%
		Não	1 50,00%	4 20,00%	51 32,70%	91 32,50%	31 34,40%	178 32,50%

Mais uma vez, cruzando esta variável com a condição social da mãe e do pai, não se encontra associação significativa.

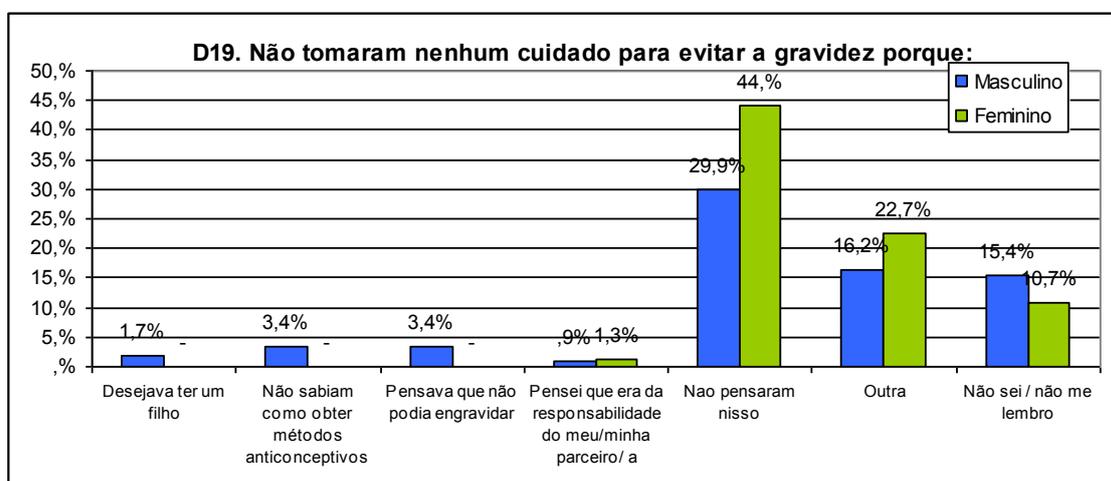
D18. Discutiu também com o seu parceiro/a a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST)? * A7. Grau de escolaridade do pai? Crosstabulation

	A7. Grau de escolaridade do pai?								Total
	Não foi a escola	Frequentou a escola, mas não completou o 1 ciclo do ensino b	1 ciclo do Ensino Básico (4 ano de escolaridade)	2 ciclo do Ensino Básico ou equivalente (5 e 6 ano de escola)	3 ciclo do Ensino Básico ou equivalente (7 ao 9 ano de escol)	Ensino Secundário ou equivalente (10 ao 12 ano de escolaridade)	Ensino Médio (Bacharelato)	Ensino Superior (licenciatura ou pós-graduação)	
Sim	3 100,00%	7 53,80%	153 61,20%	109 66,50%	99 58,60%	106 60,20%	11 52,40%	55 59,80%	543 61,10%
Não	0 0,00%	5 38,50%	80 32,00%	42 25,60%	60 35,50%	60 34,10%	6 28,60%	32 34,80%	285 32,10%
Não sei	0 0,00%	1 7,70%	17 6,80%	13 7,90%	10 5,90%	10 5,70%	4 19,00%	5 5,40%	60 6,80%
Total	3 100,00%	13 100,00%	250 100,00%	164 100,00%	169 100,00%	176 100,00%	21 100,00%	92 100,00%	888 100,00%

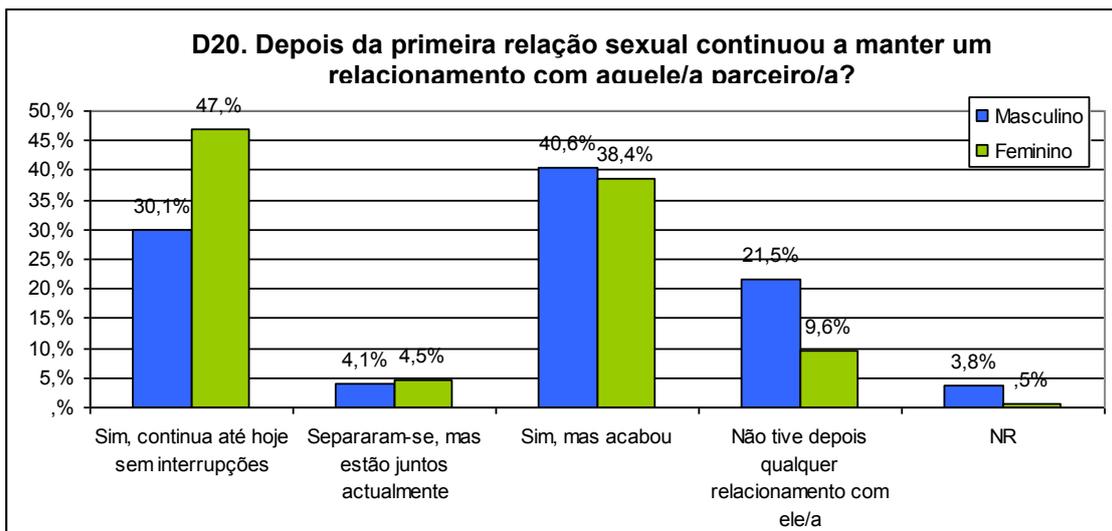
D18. Discutiu também com o seu parceiro/a a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST)? * A8. Grau de escolaridade da mãe? Crosstabulation

	A8. Grau de escolaridade da mãe?								
	Não foi a escola	Frequentou a escola, mas não completou o 1 ciclo do ensino b	1 ciclo do Ensino Básico (4 ano de escolaridade)	2 ciclo do Ensino Básico ou equivalente (5 e 6 ano de escola)	3 ciclo do Ensino Básico ou equivalente (7 ao 9 ano de escol)	Ensino Secundário ou equivalente (10 ao 12 ano de escolaridade)	Ensino Médio (Bacharelato)	Ensino Superior (licenciatura ou pós-graduação)	Total
Sim	1 25,00%	11 73,30%	113 61,40%	98 59,40%	137 69,20%	109 57,10%	16 47,10%	61 60,40%	546 61,20%
Não	3 75,00%	4 26,70%	60 32,60%	54 32,70%	49 24,70%	70 36,60%	12 35,30%	34 33,70%	286 32,10%
Não sei	0 0,00%	0 0,00%	11 6,00%	13 7,90%	12 6,10%	12 6,30%	6 17,60%	6 5,90%	60 6,70%
Total	4 100,00%	15 100,00%	184 100,00%	165 100,00%	198 100,00%	191 100,00%	34 100,00%	101 100,00%	892 100,00%

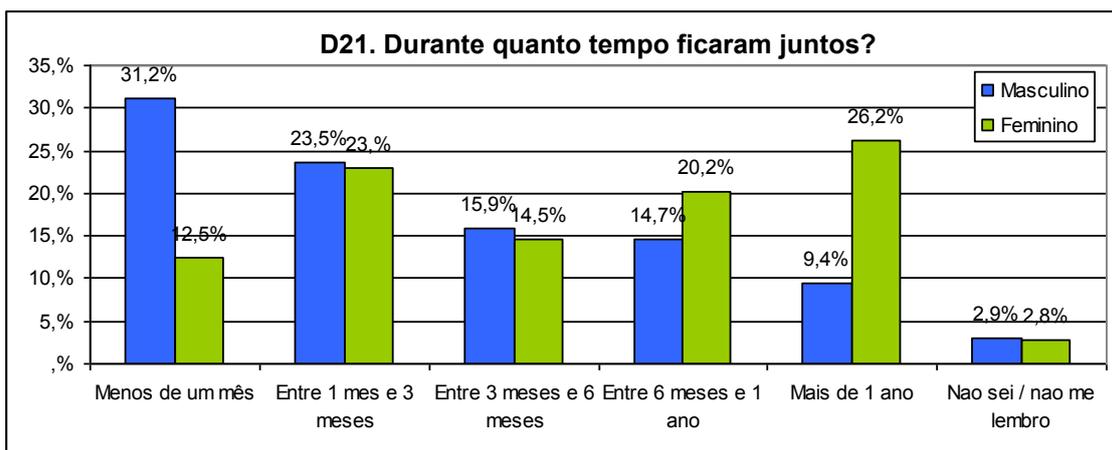
Agora observando apenas aqueles que **não utilizaram métodos contraceptivos** na 1.^a relação sexual (e que, recordamos, são cerca de 4% dos jovens que respondeu a esta questão), a maioria justifica que “não pensou nisso” (44% das raparigas e 30% dos rapazes). É de salientar a quantidade de rapazes que “pensava que não podia engravidar” e que “não sabia como obter métodos anticoncepcionais” (3,4% em cada resposta) e ainda 1,7% que “desejava ter um filho”. Em oposição, nenhuma rapariga assinala estas respostas.



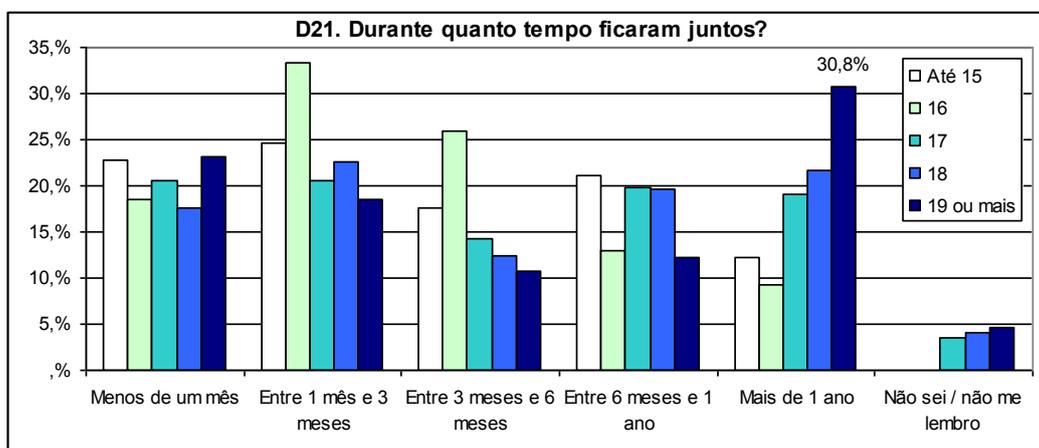
Para todos os jovens que já iniciaram relações sexuais, perguntou-se se **mantiveram o relacionamento** com o parceiro/a da 1.^a relação sexual, e os resultados são os seguintes: para 47% das raparigas o parceiro mantém-se até ao momento e o mesmo acontece com 30% dos rapazes. Para cerca de 40% dos rapazes e das raparigas, esse relacionamento terminou; para 21% dos rapazes, não houve qualquer relacionamento posterior à relação sexual, e o mesmo aconteceu com 10% das raparigas.



Daqueles cujo relacionamento se manteve por algum tempo e depois terminou, verificamos que para os rapazes a duração foi menor (para 31% não chegou a durar um mês e só em 12,5% das raparigas teve essa curta duração); para as raparigas esse relacionamento foi mais prolongado (em 26% das raparigas durou mais de um ano, ao passo que tal só aconteceu com menos de 10% dos rapazes).



E são os inquiridos mais velhos (com 19 ou mais anos) que mantiveram o relacionamento com o/a parceiro/a da 1.ª relação sexual por mais tempo (em cerca de 30% dos casos, durou mais de um ano); para os mais novos, esse relacionamento foi menos duradouro.



COMENTÁRIO SÍNTESE

Os dados revelam, em primeiro lugar, que a maior parte dos jovens já se envolveu numa relação amorosa com alguma duração, que reconhecem como “relação de namoro”.

Em relação à sua orientação sexual, os jovens revelam uma orientação predominantemente heterossexual – 93% afirmam sentir-se atraídos por pessoas do sexo oposto, e 3,8% afirmam o contrário.

Dos jovens que participaram no estudo, cerca de 43% das raparigas e 39% dos rapazes afirmaram já ter tido relações sexuais. Este dado é surpreendente quando comparado aos estudos existentes em Portugal sobre o comportamento sexual dos jovens, em que são maioritariamente os rapazes a afirmar ter iniciado relações sexuais.

Os nossos dados confirmam, pois, um processo de aproximação de atitudes e comportamentos entre os géneros. De referir também que os jovens que não iniciaram ainda relações sexuais, não o fizeram sobretudo porque ainda não encontraram o “parceiro” ou “parceira” ideal ou porque não surgiu a oportunidade. Em termos de saúde sexual e reprodutiva, estes dados trazem implicações importantes na necessidade de uma educação contraceptiva eficaz e de um acesso fácil aos métodos contraceptivos para os jovens que deles necessitam.

As relações sexuais aconteceram maioritariamente com o namorado/a ou com “um/a amigo/a que conhecia bem”, o que afasta a ideia de um modelo predominante de relação pontual ou ocasional. Estes dados são ainda reforçados pelo facto de 47% das raparigas e 30% dos rapazes afirmarem manter até à data esse mesmo relacionamento.

Por outro lado, a maior parte dos jovens que tiveram relações sexuais afirmam não se terem sentido pressionados. Se o nervosismo foi o sentimento predominante para ambos os sexos, as raparigas vivenciaram mais negativamente as suas primeiras experiências sexuais com sentimentos de medo e, sobretudo, de dor.

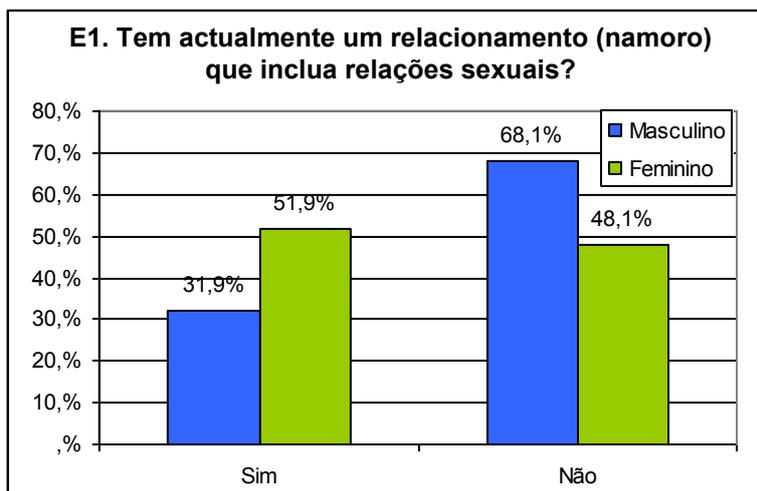
A maior parte dos jovens conversou sobre a prevenção dos riscos e utilizou o preservativo na 1.ª relação sexual, o que denota a interiorização de hábitos preventivos em termos da saúde sexual e reprodutiva.

Finalmente, realçamos que os rapazes que iniciaram mais tardiamente as relações sexuais, aqueles que abordaram previamente a prevenção e as raparigas que tiveram uma vivência mais positiva da primeira experiência sexual demonstraram melhores resultados na escala de conhecimentos.

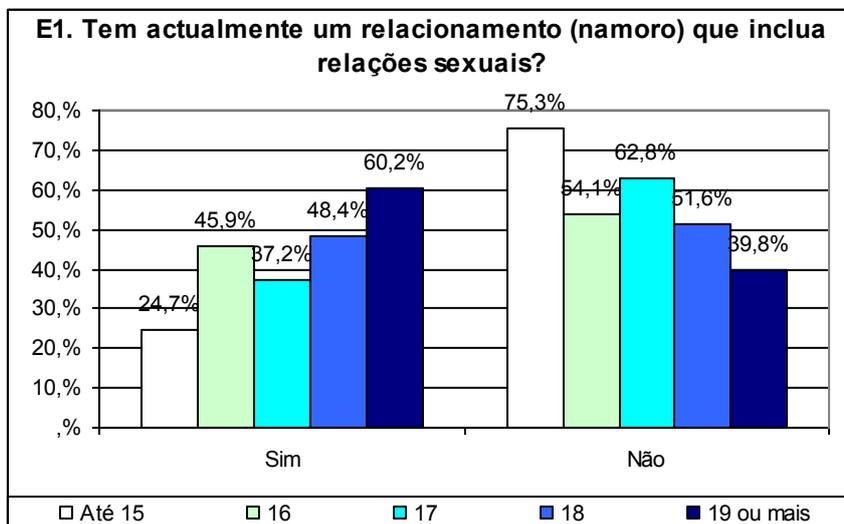
Parte E – Relações afectivas e sexuais: a situação actual

Nesta parte do estudo aborda-se a situação actual no que respeita aos relacionamentos afectivos e sexuais dos jovens.

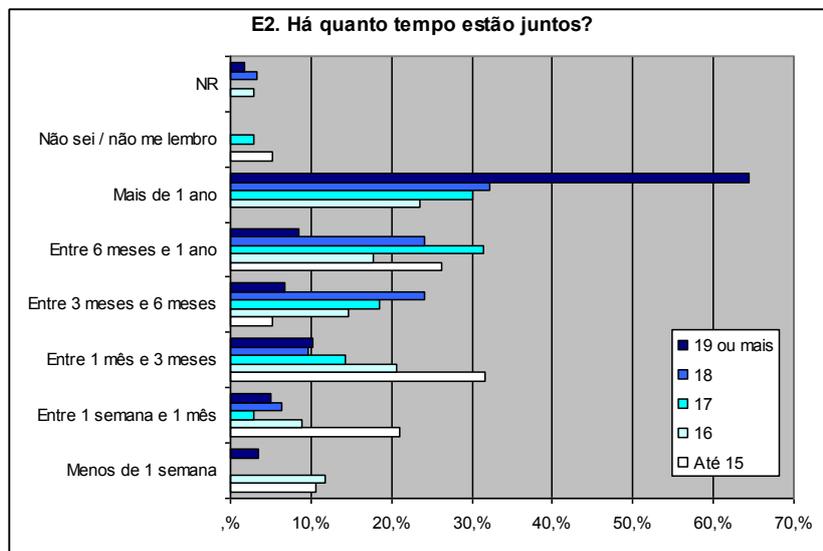
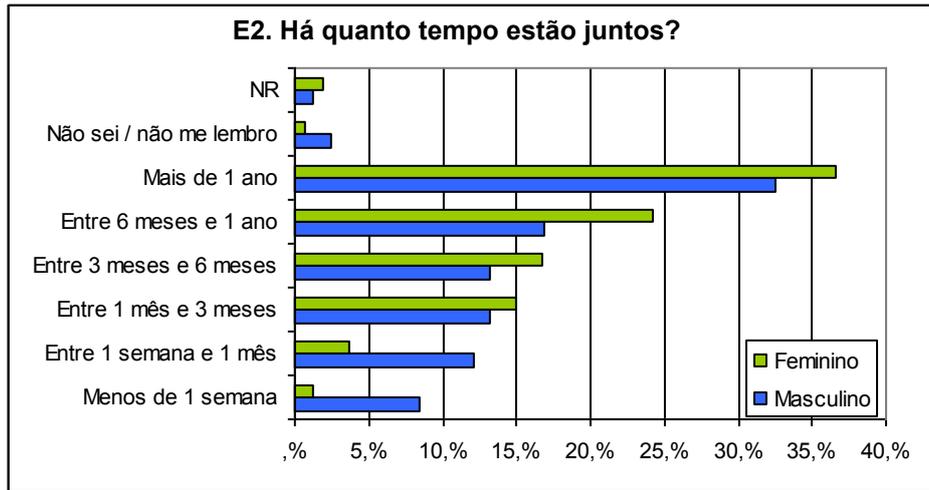
Dos jovens que têm experiência de relações sexuais, verificamos que uma média de 43% **namora** actualmente e tem relações sexuais. Nestes, são mais numerosas as raparigas (52%), enquanto que 68% dos rapazes dizem que não mantêm actualmente qualquer relacionamento que inclua relações sexuais.



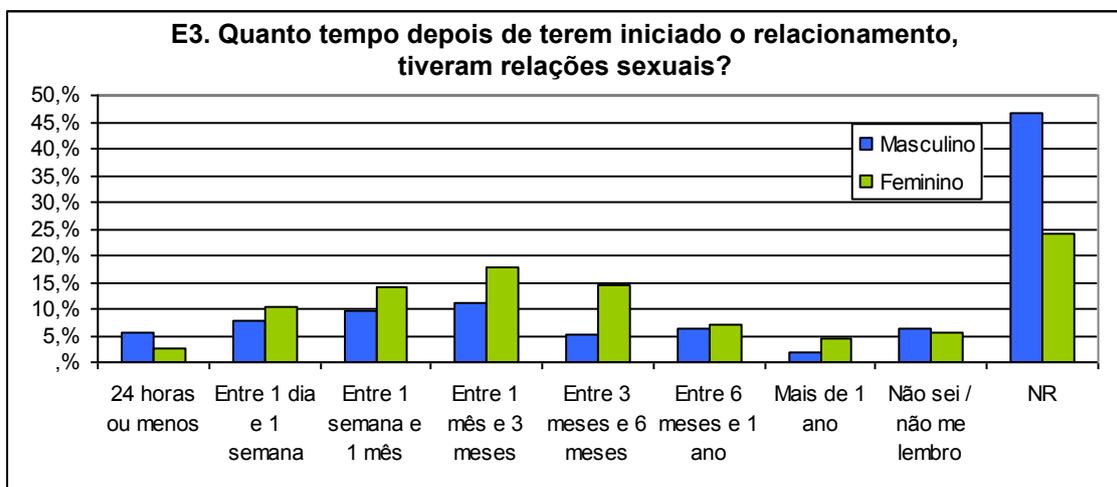
Numa perspectiva etária, observamos que quanto mais velhos são os jovens, maior tende a ser a proporção daqueles que namora actualmente.



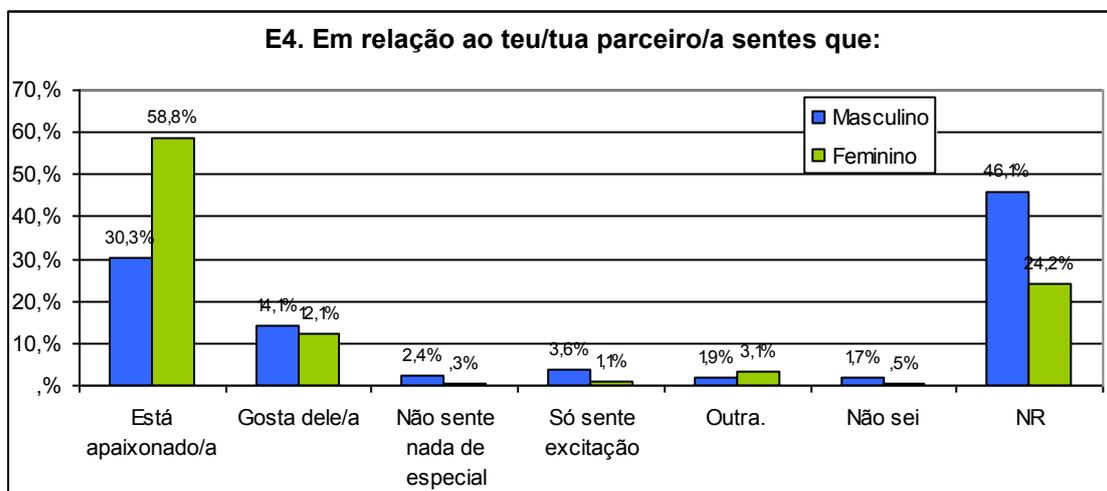
Dos que mantêm actualmente um relacionamento, a maioria estão juntos há mais de um ano, mas podemos observar que em geral as relações dos rapazes são menos duradouras e a mesma coisa ocorre com as relações amorosas dos inquiridos mais jovens.



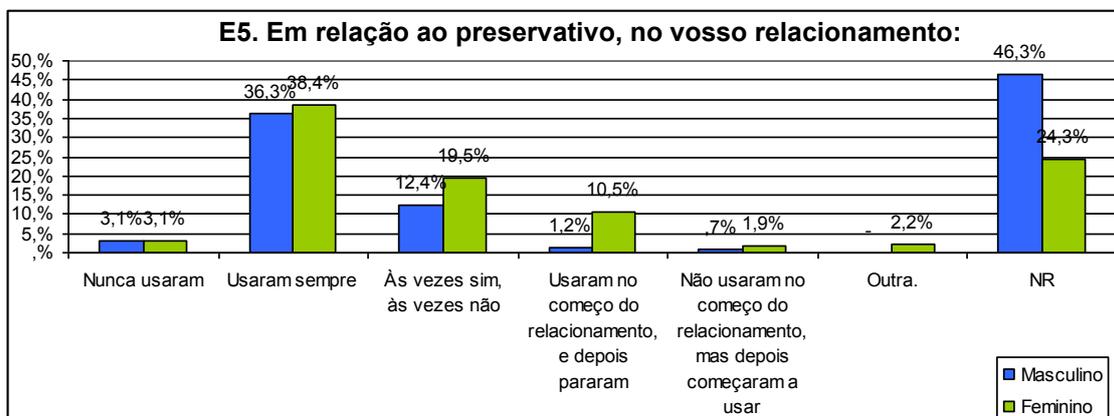
Para os rapazes, o **tempo entre o início do relacionamento e a data em que têm relações sexuais** é em média menor do que no caso das raparigas, sendo que o tempo médio para ambos é “entre 1 mês e 3 meses”. Estes resultados não se mostram diferentes quando observamos a variável idade.



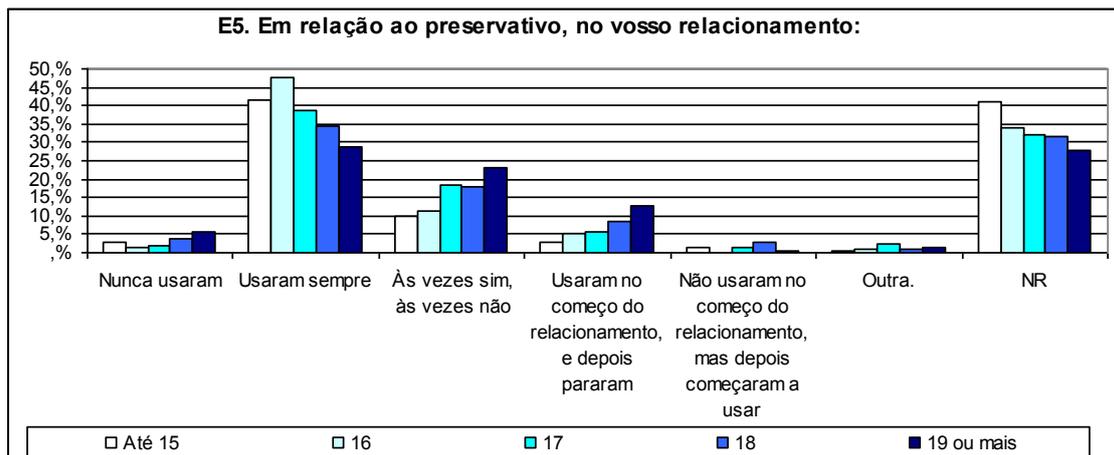
Os **sentimentos** expressos a propósito do/a parceiro/ são também diferentes consoante o género: as raparigas afirmam estar “apaixonadas” em 59% das situações e, em contrapartida, só 30% dos rapazes afirma o mesmo. Mais uma vez, esta questão não apresenta diferenças segundo as idades.



Em relação ao **preservativo**, cerca de 36% dos rapazes e 38% das raparigas dizem que o “usaram sempre”, por oposição aos que “nunca usaram” (3,1% dos rapazes e das raparigas). Cerca de 20% das raparigas dizem que usaram “às vezes sim, às vezes não” e 10,5% “usaram no começo do relacionamento e depois pararam”. Aproximadamente metade dos rapazes não responde a esta questão.



No que diz respeito às idades, quanto mais velhos são, mais inconsistente é a utilização do preservativo.

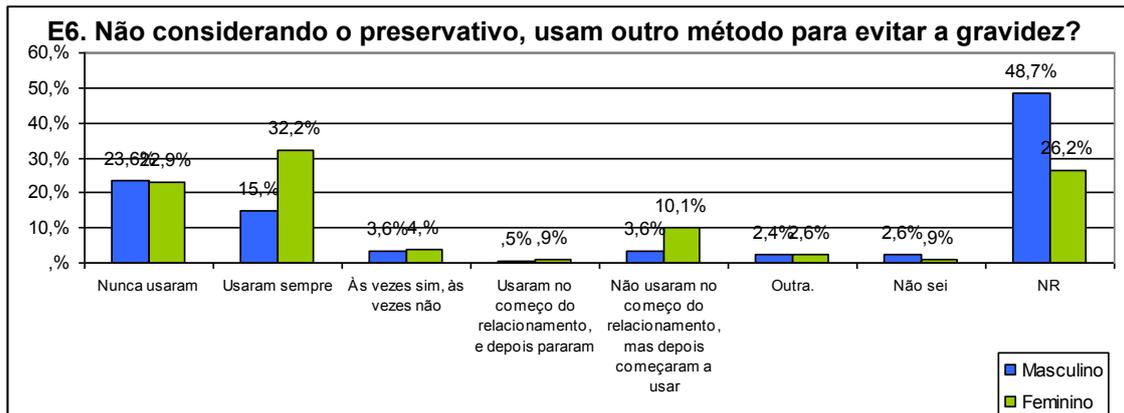


Ainda relativamente ao uso do preservativo, verifica-se que existe uma associação estatisticamente significativa entre níveis elevados de educação sexual e o uso mais frequente do preservativo ($\chi^2 = 27,170$; $p = <.0,05$).

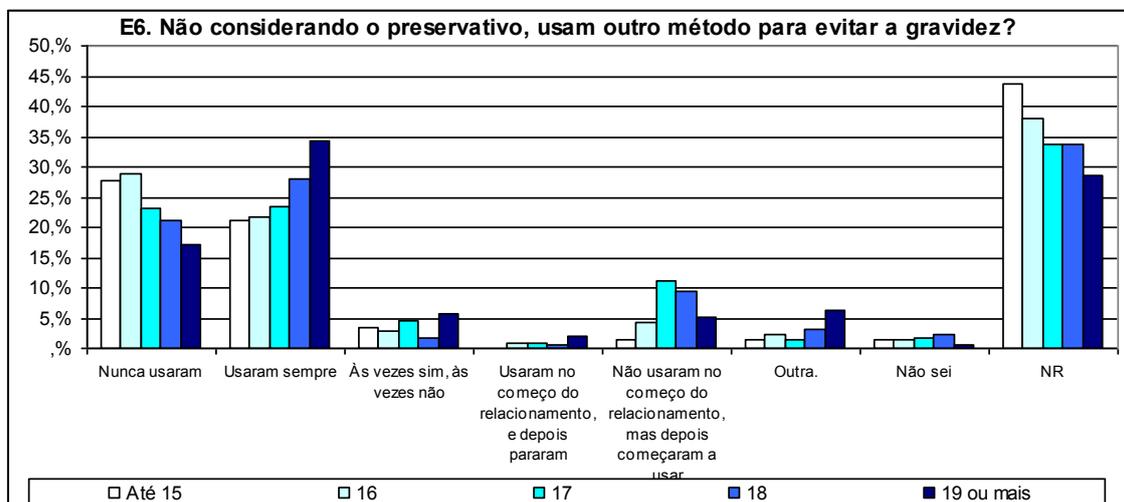
E5. Em relação ao preservativo, no vosso relacionamento: * SCORE GRUPO B * A1. Sexo Crosstabulation

A1. Sexo			SCORE GRUPO B					Total
			Mau (1-5)	Insuficiente (6-10)	Aceitavel (11-15)	Bom (16-20)	Muito Bom (21-27)	
Masculino	E5. Em relação ao preservativo, no vosso relacionamento:	Nunca usaram	0	7	4	2	0	13
			0,00%	17,90%	4,80%	2,40%	0,00%	5,80%
		Usaram sempre	2	24	57	60	9	152
			50,00%	61,50%	68,70%	72,30%	56,20%	67,60%
		Às vezes sim, às vezes não	2	7	18	20	5	52
			50,00%	17,90%	21,70%	24,10%	31,20%	23,10%
Feminino	E5. Em relação ao preservativo, no vosso relacionamento:	Usaram no começo do relacionamento, e depois pararam	0	0	4	0	1	5
			0,00%	0,00%	4,80%	0,00%	6,20%	2,20%
		Não usaram no começo do relacionamento, mas depois começaram	0	1	0	1	1	3
			0,00%	2,60%	0,00%	1,20%	6,20%	1,30%
		Outra.	0	0	2	10	2	14
			0,00%	0,00%	1,50%	4,00%	2,40%	2,90%

Não considerando o preservativo, 32% das raparigas “utiliza sempre” **outro método**, assim como 15% dos rapazes. Cerca de 23% dos rapazes e também das raparigas, “nunca usaram” outro método. Perto de 10% das raparigas “não utilizavam no início do relacionamento, mas depois começaram a utilizar”.



Ao contrário do que se verificou com o preservativo (cujo uso era mais inconsistente com a idade), quando se questionam os jovens sobre a utilização de outro método para evitar a gravidez, estes demonstram um uso tendencialmente mais consistente com o avançar da idade.

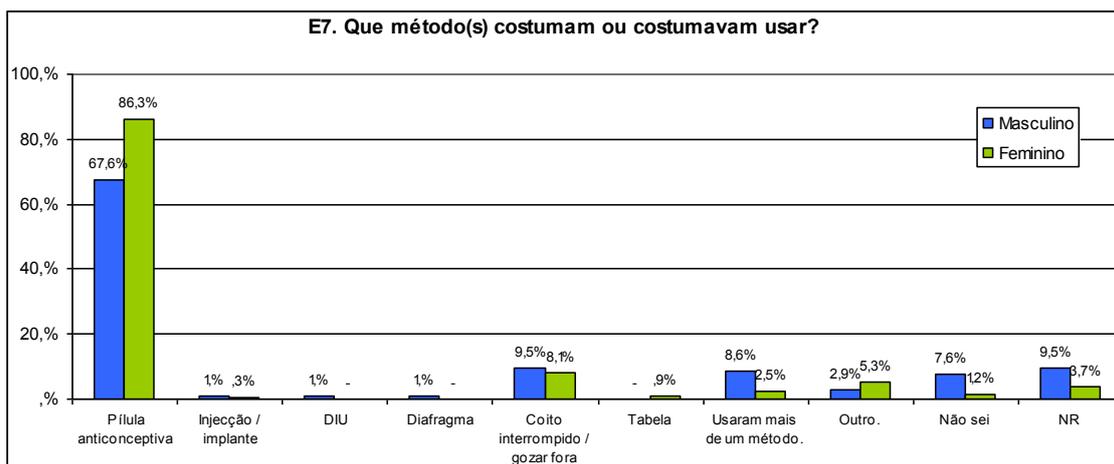


Ainda relativamente ao uso de métodos contraceptivos na primeira relação sexual, verifica-se que existe uma associação estatisticamente significativa entre níveis elevados de educação sexual e o uso mais frequente de contraceptivos ($\chi^2 = 41,029$; $p = <.0,05$).

E6. Não considerando o preservativo, usam outro método para evitar a gravidez? * SCORE GRUPO B * A1. Sexo Crosstabulation

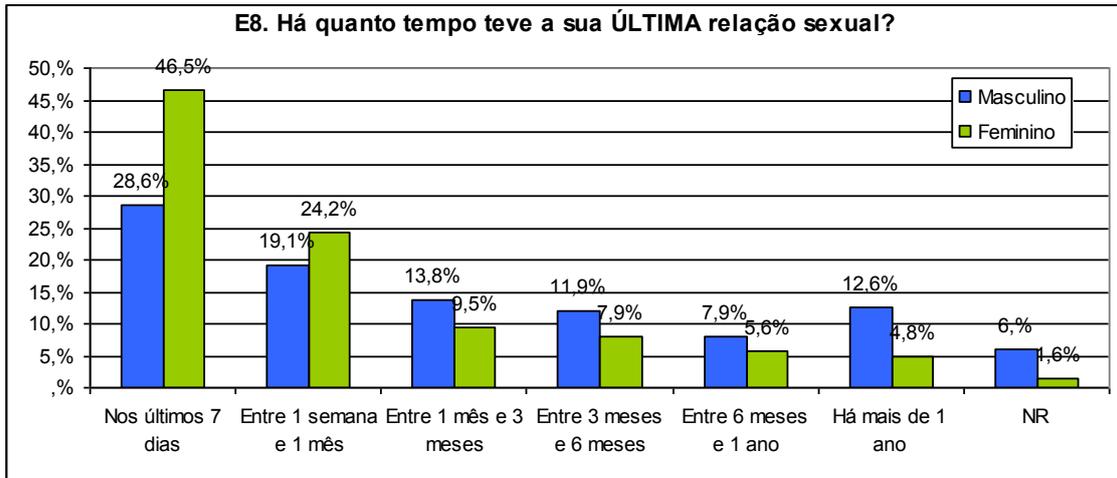
A1. Sexo			SCORE GRUPO B					Total
			Mau (1-5)	Insuficiente (6-10)	Aceitavel (11-15)	Bom (16-20)	Muito Bom (21-27)	
Masculino	E6. Não considerando o preservativo, usam outro método para evitar a gravidez?	Nunca usaram	2 50,00%	14 41,20%	32 40,00%	47 57,30%	4 26,70%	99 46,00%
		Usaram sempre	0 0,00%	9 26,50%	24 30,00%	23 28,00%	7 46,70%	63 29,30%
		As vezes sim, as vezes não	0 0,00%	3 8,80%	7 8,80%	3 3,70%	2 13,30%	15 7,00%
		Usaram no começo do relacionamento, e depois pararam	0 0,00%	0 0,00%	2 2,50%	0 0,00%	0 0,00%	2 0,90%
		Não usaram no começo do relacionamento, mas depois começaram	0 0,00%	1 2,90%	5 6,20%	7 8,50%	2 13,30%	15 7,00%
		Outro.	1 25,00%	1 2,90%	6 7,50%	2 2,40%	0 0,00%	10 4,70%
Feminino	E6. Não considerando o preservativo, usam outro método para evitar a gravidez?	Nunca usaram	0 0,00%	6 30,00%	51 38,90%	66 27,30%	25 30,50%	148 31,10%
		Usaram sempre	1 100,00%	13 65,00%	52 39,70%	114 47,10%	28 34,10%	208 43,70%
		As vezes sim, as vezes não	0 0,00%	1 5,00%	5 3,80%	13 5,40%	7 8,50%	26 5,50%
		Usaram no começo do relacionamento, e depois pararam	0 0,00%	0 0,00%	1 0,80%	4 1,70%	1 1,20%	6 1,30%
		Não usaram no começo do relacionamento, mas depois começaram	0 0,00%	0 0,00%	12 9,20%	35 14,50%	18 22,00%	65 13,70%
		Outro.	0 0,00%	0 0,00%	7 5,30%	7 2,90%	3 3,70%	17 3,60%

Quando afirmam que utilizam algum **método contraceptivo** além do preservativo, os jovens estão a referir-se em 82% dos casos à “pílula contraceptiva” (e apresentam a maior percentagem na região do Algarve, com 90%), mas também ao “coito interrompido”, que apresenta taxas de utilização de 8% para as raparigas e 10% para os rapazes (12% nos Açores). Estes resultados não têm expressões diferentes consoante as idades.



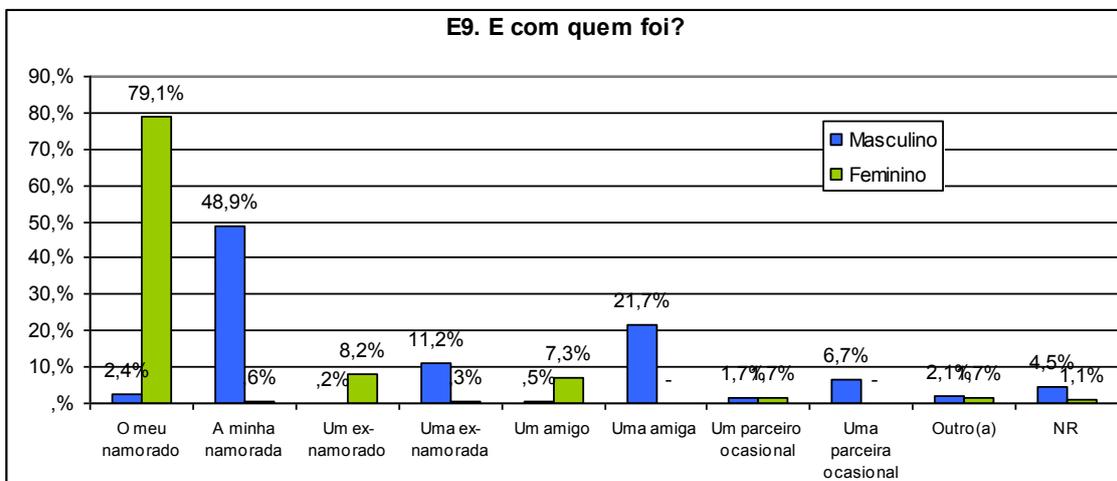
A todos os jovens que já iniciaram relações sexuais, independentemente de manterem actualmente um relacionamento, perguntou-se **quando ocorreu a última relação sexual**. Para as raparigas esta relação sexual foi mais recente e para os rapazes, há relativamente mais tempo: 47% das raparigas diz que foi “nos últimos 7 dias” (para os rapazes, esse valor desce para 29%) e para 24% “entre 1 semana e 1 mês” (para os rapazes, esse valor desce para 19%). Para 13% dos rapazes e para 5% das raparigas, foi “há mais de um ano”.

Estes valores apresentam uma relação inversa à idade: os mais novos tiveram relações sexuais há mais tempo, e os mais velhos tiveram relações sexuais mais recentemente.

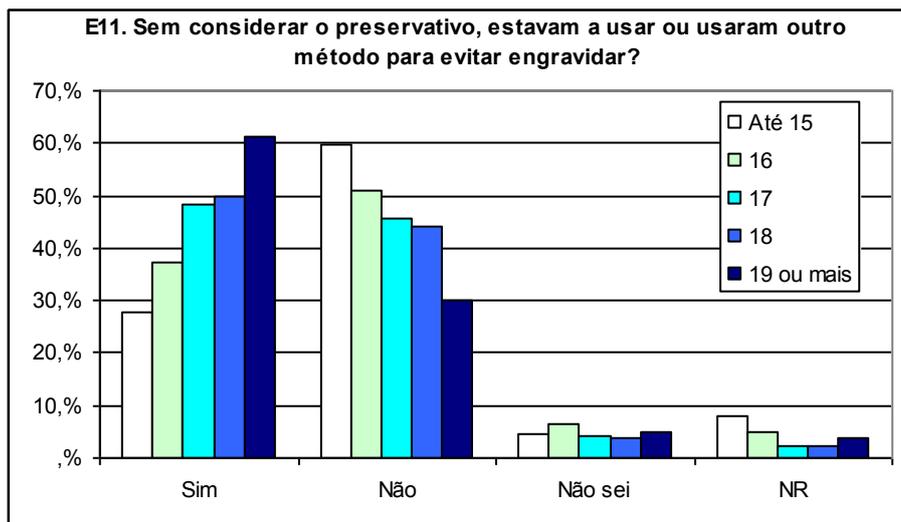


Esta última relação sexual teve como **parceiro/a**, em 68% dos casos, o/a namorado/a. Contudo, é interessante demonstrar que estes valores contêm diferenças substanciais consoante o género: para as raparigas o parceiro foi, em 79% dos casos “o namorado” e tal só aconteceu com 48% dos rapazes. Para eles, em 22% dos casos a parceira foi “uma amiga”, para 11% “uma ex-namorada” e para 6% “uma parceira ocasional”. Em 2,4% dos rapazes, tratou-se de uma relação sexual com “o namorado”.

Estes valores não apresentam diferenças de assinalar em função da idade.



Na última relação sexual que tiveram, 78% dos rapazes e 67% das raparigas **utilizaram o preservativo**. Estas percentagens vão diminuindo à medida que aumenta a idade, descendo para 65% nos jovens (de ambos os sexos) com 19 ou mais anos.



Quanto à utilização de outro método contraceptivo na última relação sexual segundo os níveis de conhecimentos em educação sexual, não existe associação estatisticamente significativa entre as variáveis.

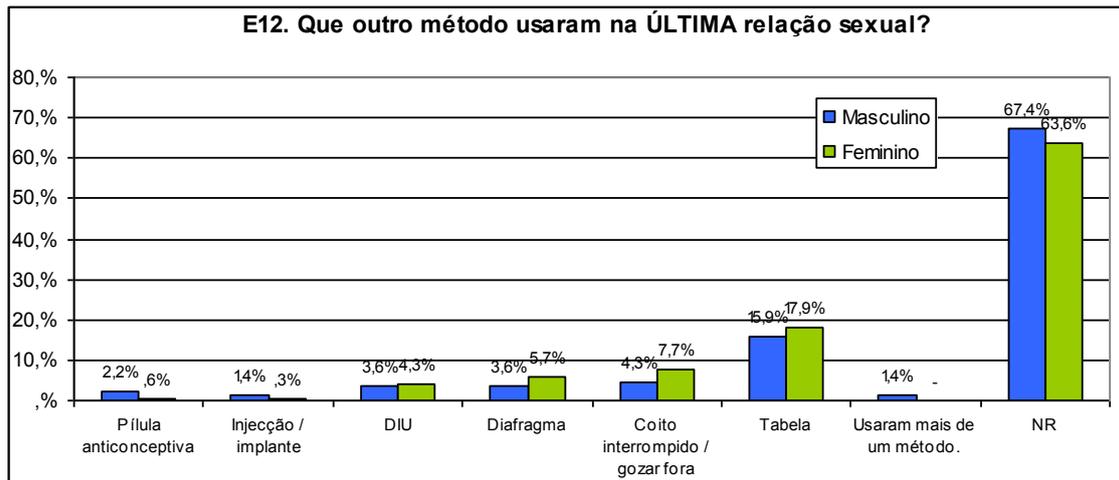
E11. Sem considerar o preservativo, estavam a usar ou usaram outro metodo para evitar engravidar? * SCORE GRUPO B * A1. Sexo Crosstabulation

A1. Sexo			SCORE GRUPO B					
			Mau (1-5)	Insuficiente (6-10)	Aceitavel (11-15)	Bom (16-20)	Muito Bom (21-27)	Total
Masculino	E11. Sem considerar o preservativo, estavam a usar ou usaram outro metodo para evitar engravidar?	Sim	2 40,00%	24 42,90%	56 41,20%	46 33,80%	10 47,60%	138 39,00%
		Nao	3 60,00%	32 57,10%	80 58,80%	90 66,20%	11 52,40%	216 61,00%
Feminino	E11. Sem considerar o preservativo, estavam a usar ou usaram outro metodo para evitar engravidar?	Sim	1 50,00%	16 66,70%	92 52,00%	184 57,90%	59 57,30%	352 56,40%
		Nao	1 50,00%	8 33,30%	85 48,00%	134 42,10%	44 42,70%	272 43,60%

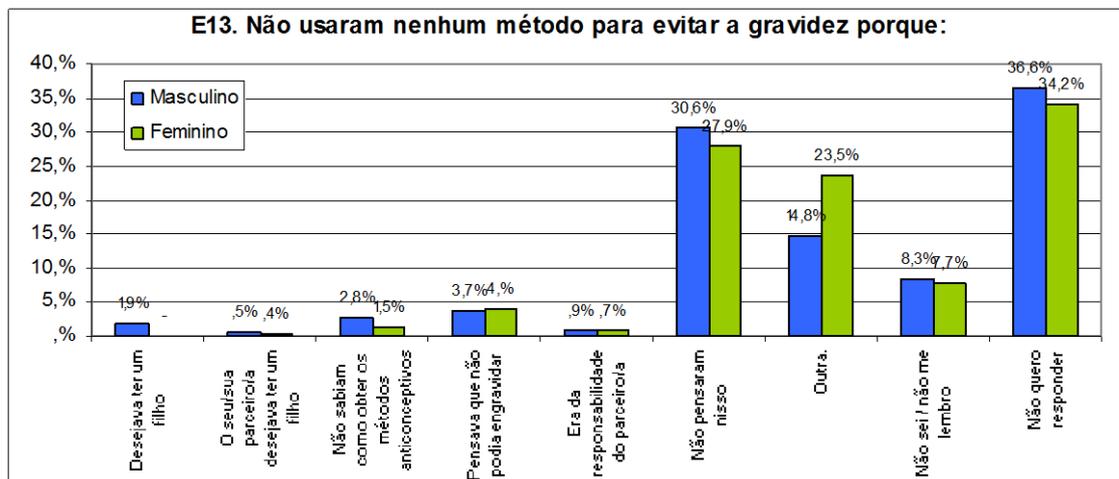
Clarificando qual o outro método que utilizaram na última relação sexual, mais de 60% dos inquiridos não responde, quer nas raparigas quer nos rapazes, o que nos faz relativizar as frequências nas outras respostas.

Dos que responderam, a maior parte diz ter utilizado o método do calendário (“tabela”), em 18% das raparigas e em 16% dos rapazes. O segundo método mais referido foi o coito interrompido, utilizado por 8% das raparigas e 4% dos rapazes. A pílula contraceptiva apresenta taxas muito baixas de utilização na última relação sexual dos jovens: apenas 2% dos rapazes diz que foi utilizada, e ainda menos raparigas a terá utilizado (0,6%).

Em relação às diferentes idades, mantêm-se as proporções já referidas de utilização de métodos.

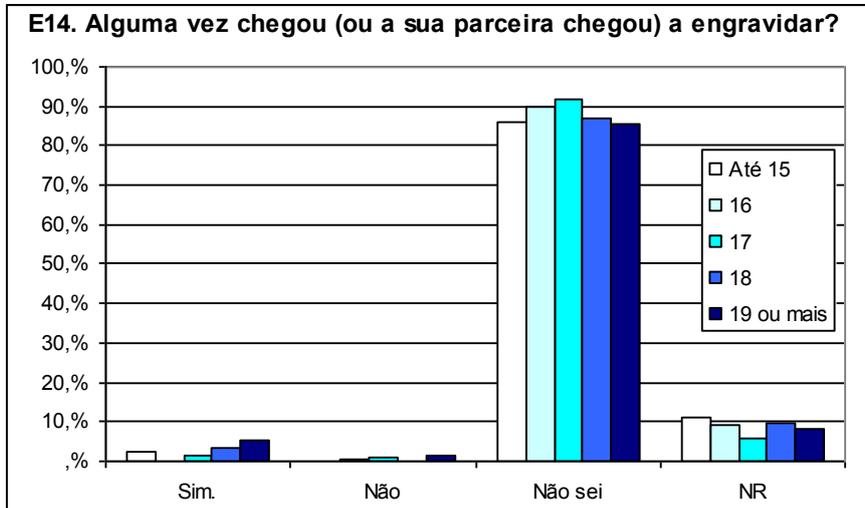
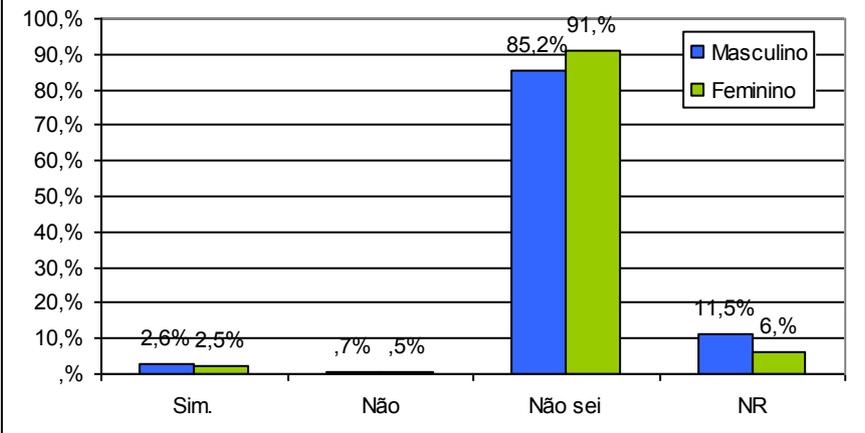


Dos que **não utilizaram qualquer método contraceptivo**, em 29% dos jovens a justificação é “não pensaram nisso”. De destacar que cerca de 4% das raparigas e também dos rapazes “pensava que não podia engravidar”.

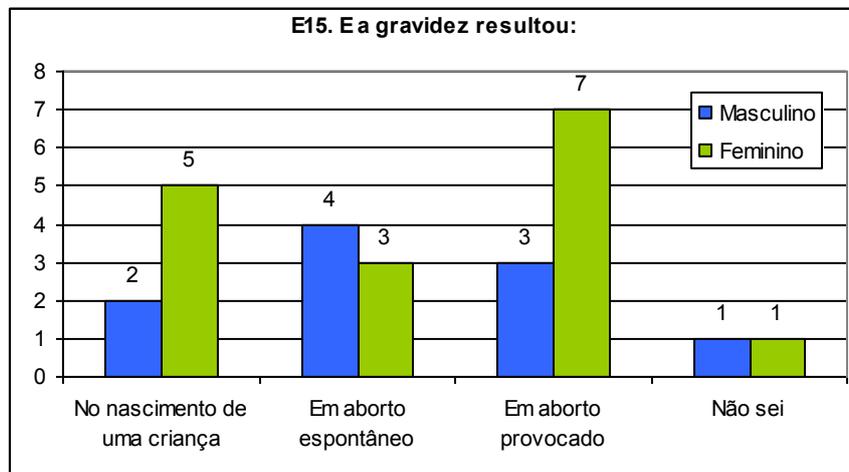


Do total de jovens sexualmente activos na amostra (1065 jovens), 16 raparigas dizem que já **engravidaram** e 11 rapazes dizem que as suas parceiras já engravidaram, num total de 27 jovens. A maior parte dos jovens de ambos os sexos, diz que “não sabe” se alguma vez chegou a engravidar.

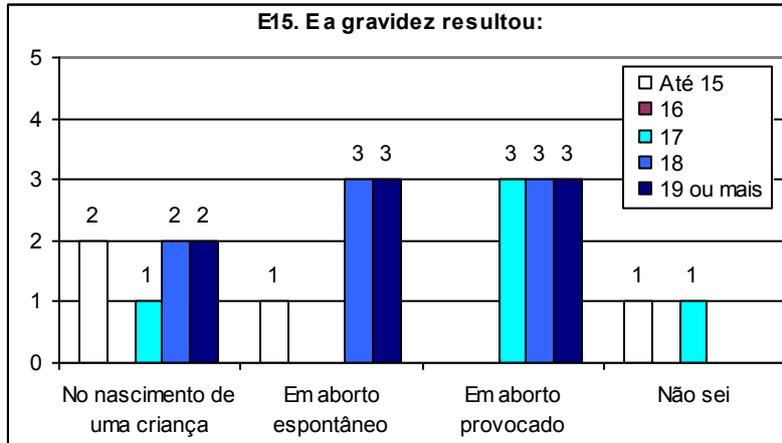
E14. Alguma vez chegou (ou a sua parceira chegou) a engravidar?



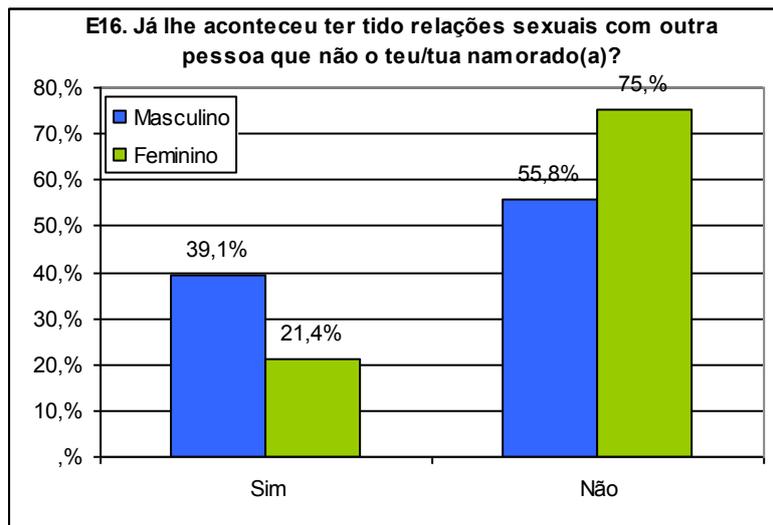
Dos 27 jovens que já engravidaram (ou a sua parceira), apresentam-se de seguida os números absolutos sobre **o que aconteceu** na sequência: a gravidez resultou para 7 raparigas e 3 rapazes em “aborto provocado”, num total de 10 jovens, mas também em “aborto espontâneo” para 4 raparigas e 3 rapazes e no “nascimento de uma criança” para 5 raparigas e 2 rapazes. Os restantes 2 jovens respondem “Não sei” e um não respondeu.

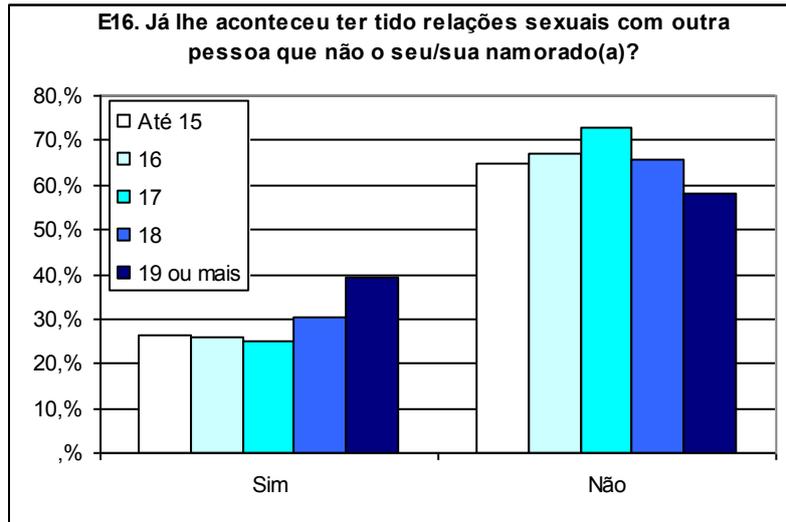


Observando a mesma questão segundo as idades dos jovens, verificamos que os “nascimentos de crianças ocorreram em jovens de todas as faixas etárias, desde os menores de 15, até aos maiores de 19.

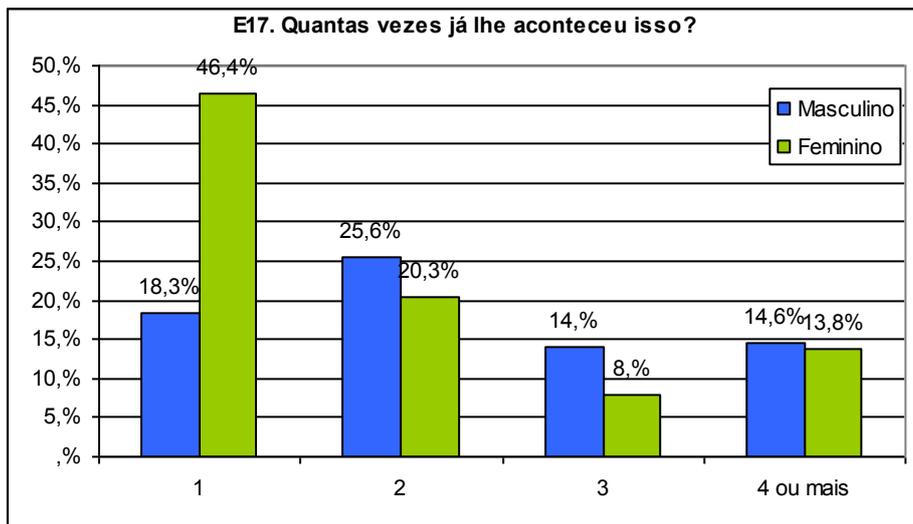


De todos os jovens da amostra que já tiveram relações (recordamos que se trata de um total de 1065 jovens, isto é, 41% da amostra), 21% das raparigas e 39% dos rapazes já teve relações sexuais com **outro/a parceiro/a**, para além do actual namorado/a. Estes relacionamentos são mais frequentes entre os jovens mais velhos.

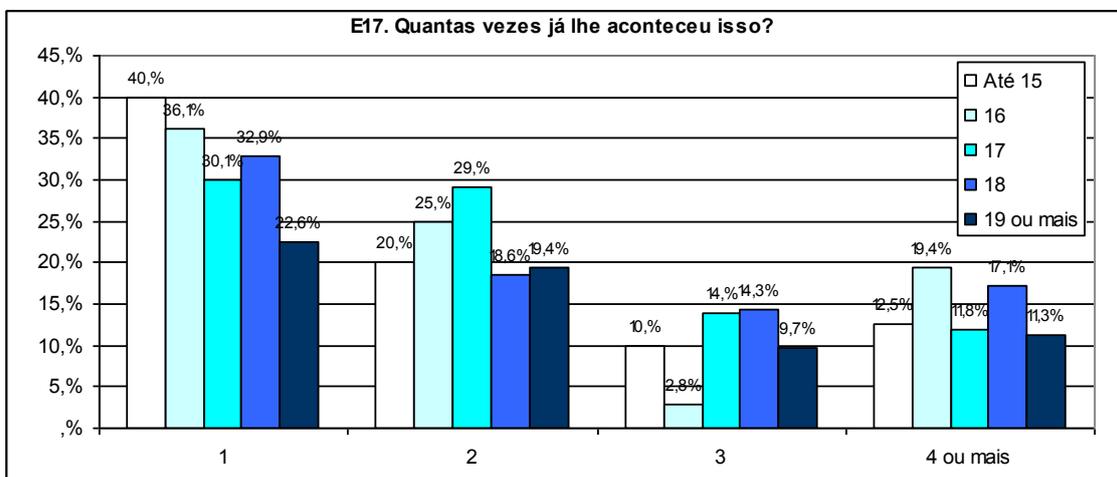




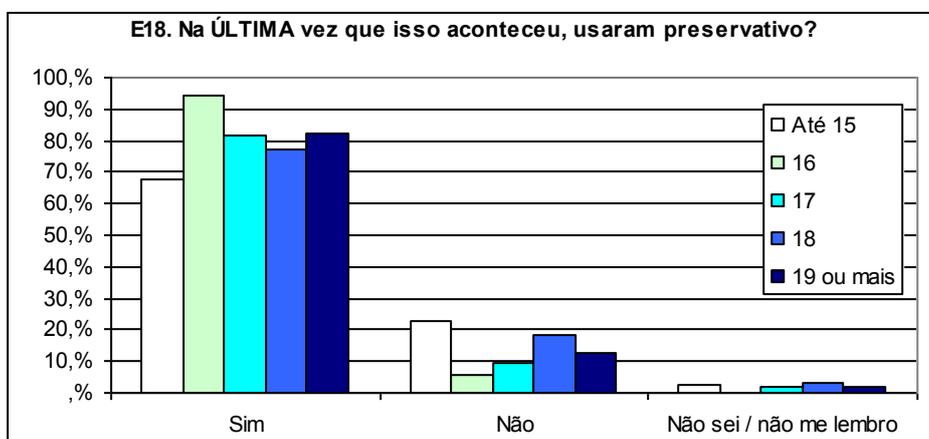
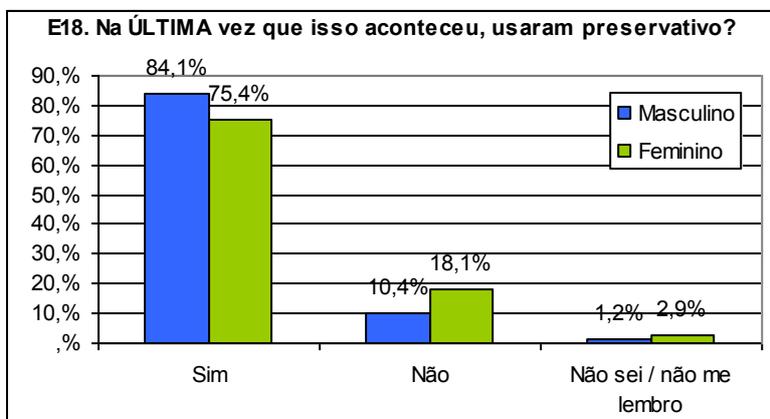
Destes jovens que tiveram outros relacionamentos, para a maioria das raparigas só aconteceu uma vez (46%) e o mesmo aconteceu a 16% dos rapazes. Para 15% dos rapazes e 14% das raparigas, tal aconteceu 4 ou mais vezes.



Quanto mais novos são os inquiridos, maior é o número de jovens que refere que essa situação só aconteceu uma vez.



Na última vez que isso aconteceu, cerca de 84% dos rapazes e 75% das raparigas dizem ter utilizado preservativo. Esta utilização do preservativo mantém-se uniforme em todas as faixas de idades, mas é mais baixa nos menores de 15 anos.

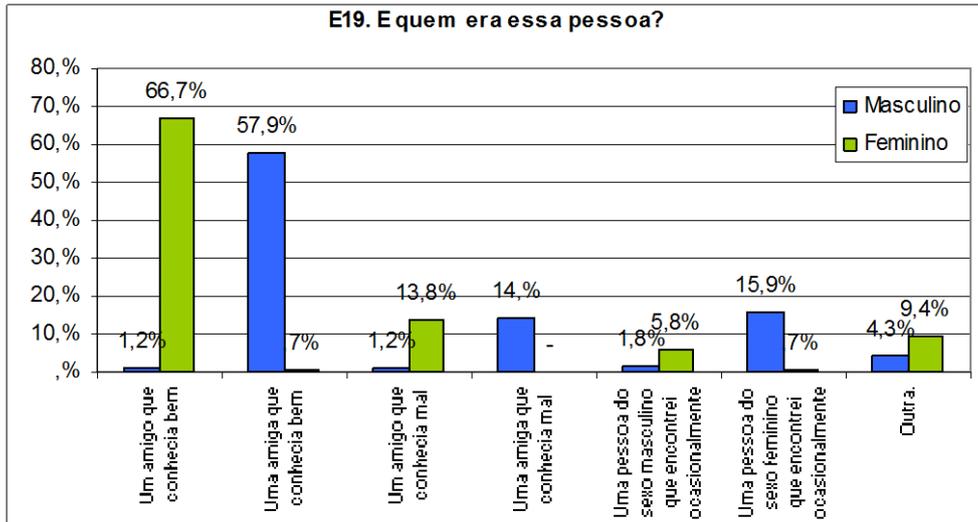


Na última relação sexual, os jovens que utilizaram preservativo têm conhecimentos de nível intermédio, quer nas raparigas quer nos rapazes.

E18. Na ÚLTIMA vez que isso aconteceu, usaram preservativo? * SCORE GRUPO B * A1. Sexo Crosstabulation

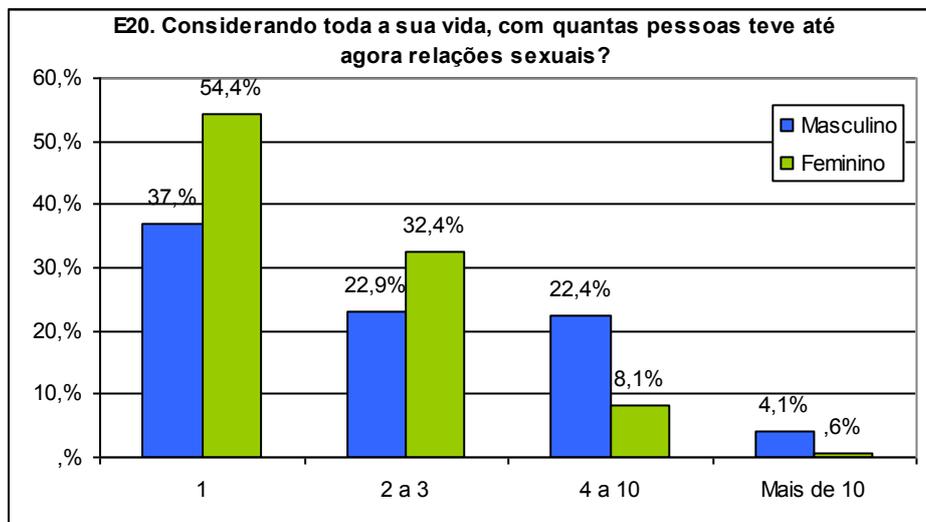
A1. Sexo			SCORE GRUPO B					
			Mau (1-5)	Insuficiente (6-10)	Aceitavel (11-15)	Bom (16-20)	Muito Bom (21-27)	Total
Masculino	E18. Na ÚLTIMA vez que isso aconteceu, usaram preservativo?	Sim	3 75,00%	26 92,90%	55 93,20%	52 85,20%	2 66,70%	138 89,00%
		Nao	1 25,00%	2 7,10%	4 6,80%	9 14,80%	1 33,30%	17 11,00%
Feminino	E18. Na ÚLTIMA vez que isso aconteceu, usaram preservativo?	Sim		1 100,00%	29 85,30%	59 80,80%	15 71,40%	104 80,60%
		Nao		0 0,00%	5 14,70%	14 19,20%	6 28,60%	25 19,40%

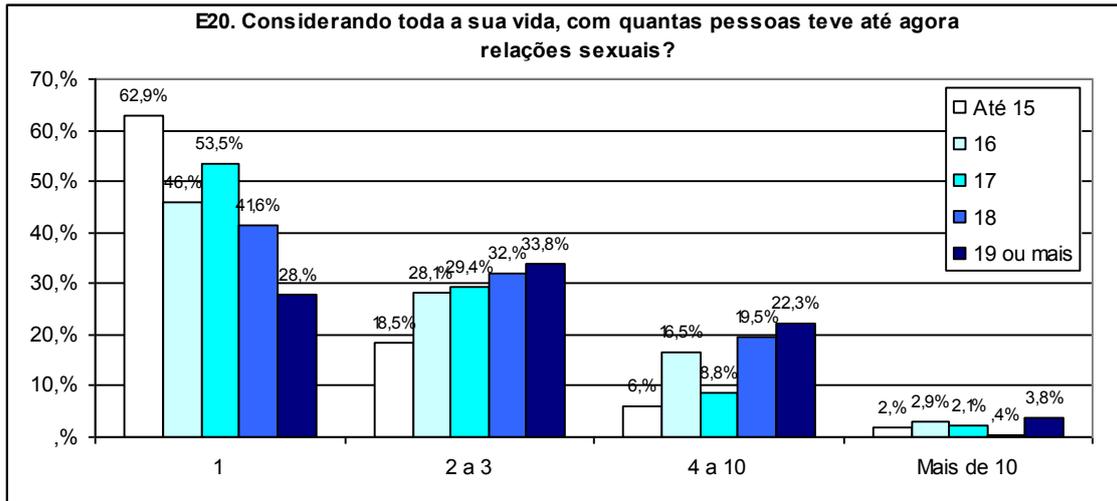
A pessoa com quem estes jovens tiveram relações sexuais para além do namorado/a era “um amigo que conhecia bem” em 67% das raparigas e 58% dos rapazes; para 14% dos rapazes e também das raparigas, tratou-se de “um/a amigo/a que conhecia mal”; para 15% dos rapazes e 6% das raparigas, era “uma pessoa que encontrei ocasionalmente”.



Quando se pergunta aos jovens **quantos parceiros sexuais** já tiveram até ao momento, cerca de 54% das raparigas e 37% dos rapazes refere um, ao passo que 32% das raparigas e 23% dos rapazes referem que tiveram 2-3 parceiros/as. A tendência inverte-se quando se fala de maiores números de parceiros, pois são sobretudo os rapazes que os assinalam: 22% de rapazes e 8% de raparigas indicam 4 a 10 parceiros/as com quem teve até agora relações sexuais, e ainda 4% dos rapazes e 0,6% das raparigas indica mais de 10.

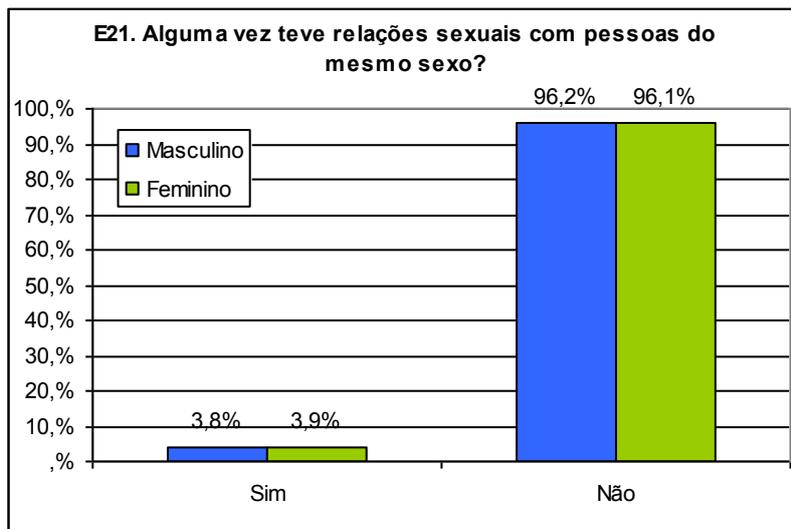
À medida que a idade dos jovens avança, maior é a tendência para apresentarem mais parceiros sexuais.

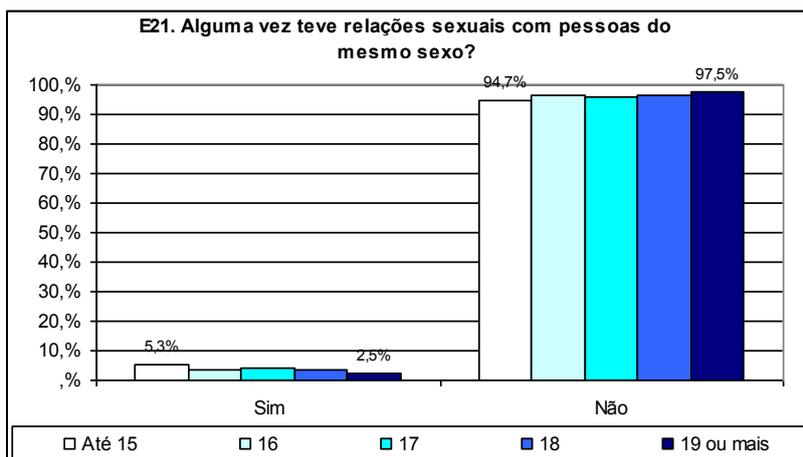




Relativamente a **relações sexuais homossexuais**, a esmagadora maioria da amostra nunca teve relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, mas quase 4% de rapazes e equivalente número de raparigas afirma que sim.

Relativamente às diferentes idades, há uma ligeiro aumento no número de respostas dos mais novos que indicam ter ocorrido relações sexuais homossexuais (apenas 2,5% dos jovens de 19 ou mais anos afirma que já teve relações homossexuais, por oposição a 5,3% dos rapazes menores de 15 anos).





COMENTÁRIO SÍNTESE

Quando analisamos a última relação sexual dos jovens, mais uma vez verificamos que esta ocorreu sobretudo com o/a namorado/a, e que os parceiros ocasionais são mais a exceção do que a regra: são referidos por apenas 7% dos rapazes e por 2% das raparigas. Por outro lado, em 54% das raparigas, até à data só tinha existido um parceiro sexual (no caso dos rapazes, esta percentagem é de 37%).

O padrão de uso da contraceção revela algumas mudanças, com a continuidade das relações sexuais, sendo o uso do preservativo substituído parcialmente por outros métodos, sobretudo a pílula. No entanto, é importante referir que uma pequena parte dos jovens estão envolvidos em relações sexuais sem recorrerem a qualquer protecção.

O estudo encontrou 27 casos de gravidez nos jovens, sendo que em 10 destes casos os jovens optaram por recorrer ao aborto e, em 7 casos, por prosseguir a gravidez (nos outros casos, ocorreu aborto espontâneo ou desconhecemos o que aconteceu).

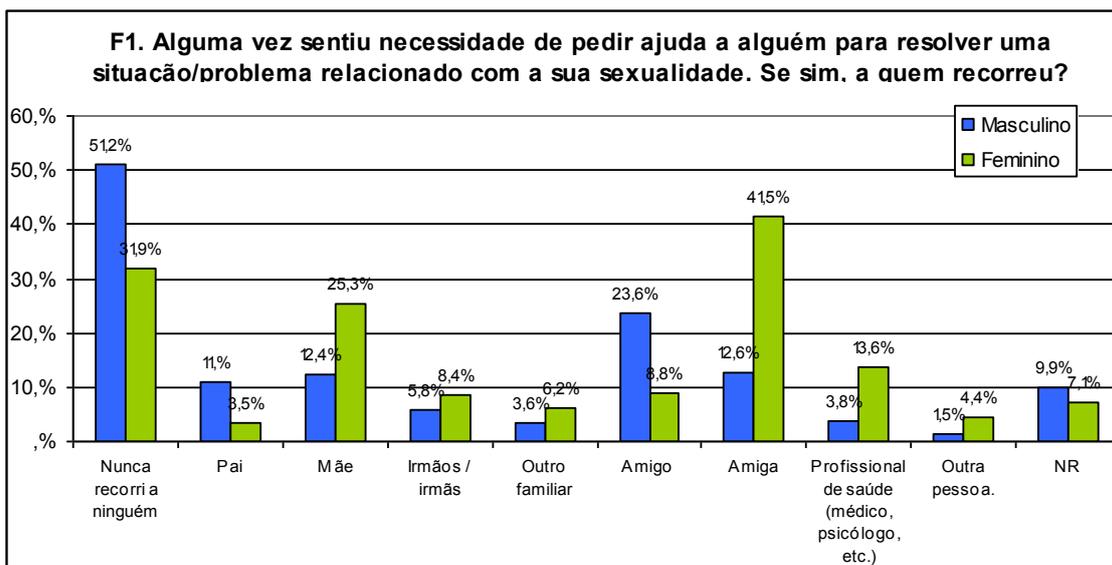
Novamente, assistimos a uma associação entre melhores níveis de conhecimentos e o uso consistente do preservativo e outros métodos contraceptivos.

PARTE F – Serviços

Na última parte do questionário, procurou-se averiguar a quem recorrem os jovens quando precisam de **ajuda** para resolução dos problemas relacionados com a sexualidade.

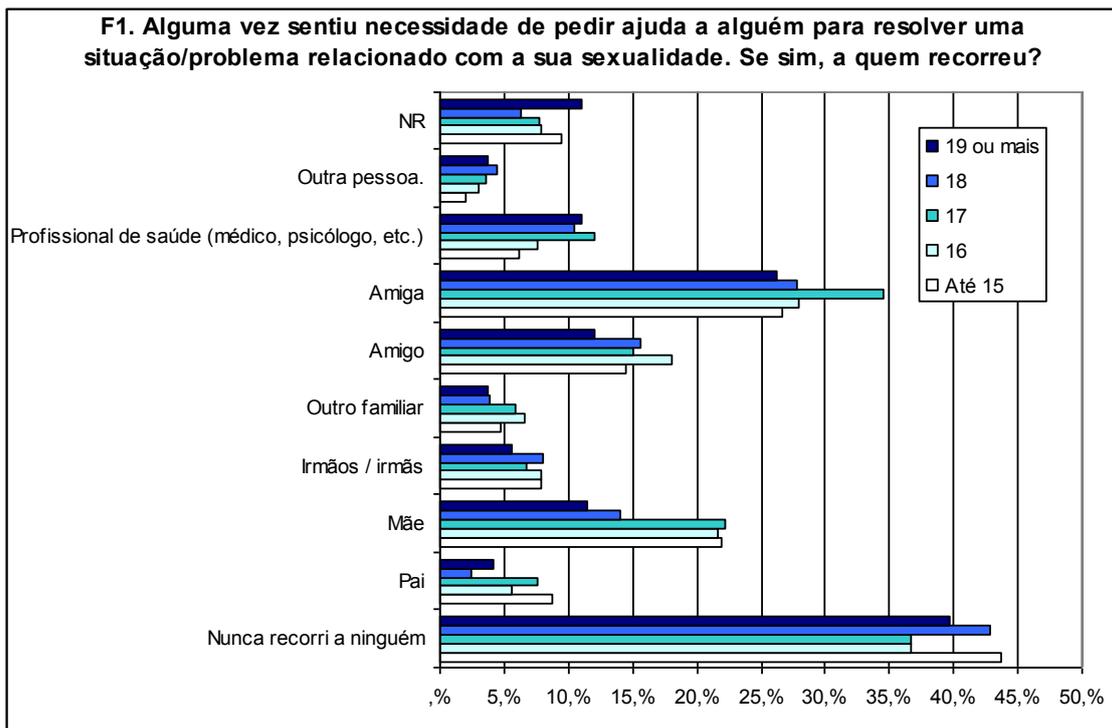
Apesar de 32% das raparigas afirmar que “nunca recorreu a ninguém”, são as raparigas que mais procuram ajuda para estas questões, sobretudo se a interlocutora for também do sexo feminino: 42% recorreu a uma amiga, 25% à mãe, 14% a um profissional de saúde. As que recorreram a um amigo do sexo masculino foram 24% e apenas 3,5% recorreu ao pai.

Quanto aos rapazes, mais de metade “não recorre a ninguém” (51%) e, dos que já procuraram ajuda, a maioria recorreu a “um amigo” (24%) e 13% a “uma amiga”. Apenas 12% recorreu à mãe, 11% ao pai e 4% a um profissional de saúde.



Observando a mesma questão focando as idades dos inquiridos, podemos ver que quanto mais novos são os jovens, mais recorrem aos familiares: mãe, pai, irmão/irmã e outra familiar. Quanto mais velhos são, mais recorrem aos profissionais de saúde e a outras pessoas.

Nos extremos das idades (os mais velhos e os mais novos) é mais raro pedirem ajuda, ao contrário dos jovens de 16 e 17, que mais pedem ajuda.



De acordo com os níveis de conhecimentos que os jovens demonstraram na Parte B do questionário, verificamos uma associação de forte intensidade entre as variáveis que indica que a maioria daqueles que nunca recorreram a ninguém tem níveis de conhecimentos mais baixos ($\chi^2 = 38,248$; $p = < .,001$).

F01C: Nunca recorri a ninguém * SCORE GRUPO B

		SCORE GRUPO B					Total
		Mau (1-5)	Insuficiente (6-10)	Aceitavel (11-15)	Bom (16-20)	Muito Bom (21-27)	
F01C: Nunca recorri a ninguém	-	12 66%	105 46,40%	469 56%	754 63,30%	236 68,20%	1576
	+	6 33%	121 53,50%	368 44%	437 36,60%	110 31,80%	
	Total	18	226	837	1191	346	

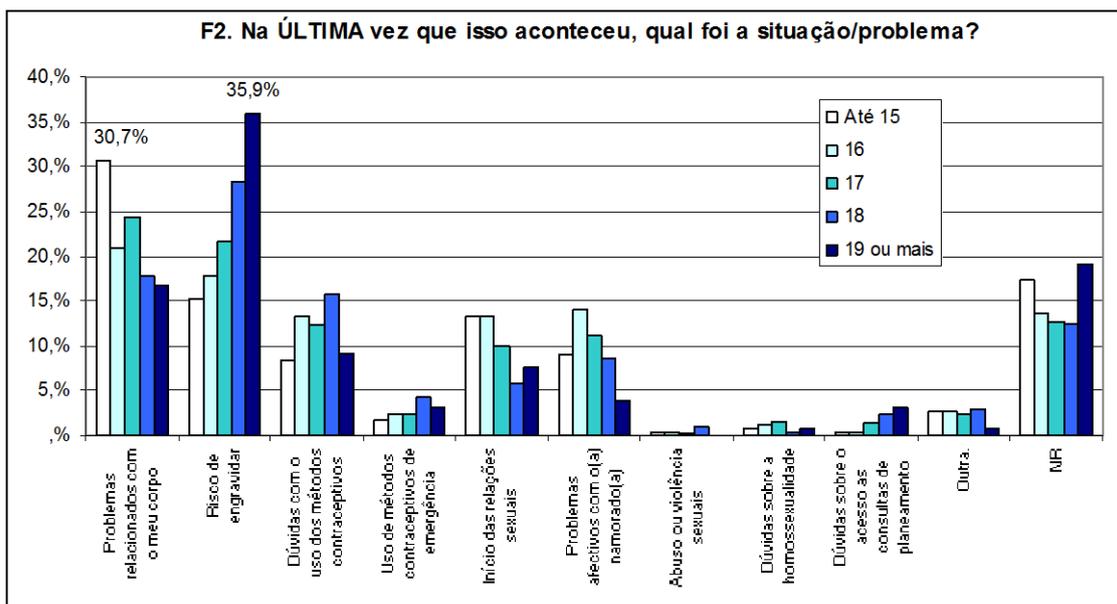
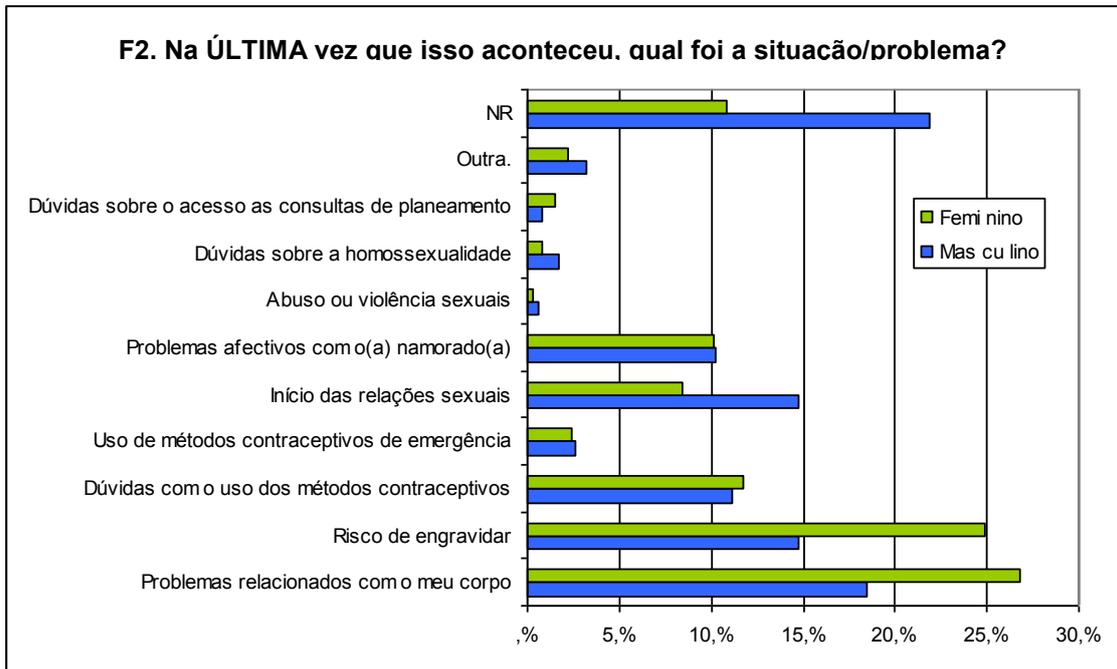
Ao contrário, os jovens que mais recorrem aos profissionais de saúde têm tendencialmente melhores conhecimentos em Educação Sexual, revelando-se mais uma vez uma associação estatisticamente significativa entre as variáveis ($\chi^2 = 59,434$; $p = < .,001$).

		SCORE GRUPO B					Total
		Mau (1-5)	Insuficiente (6-10)	Aceitavel (11-15)	Bom (16-20)	Muito Bom (21-27)	
F01C: Profissional de saude (medico, psicologo, etc.)	-	18 100	221 97,79%	789 94,27%	1055 88,58%	286 82,66%	2369 90,49%
	+	0 0	5 2,21%	48 5,73%	136 11,42%	60 17,34%	
	Total	18	226	837	1191	346	

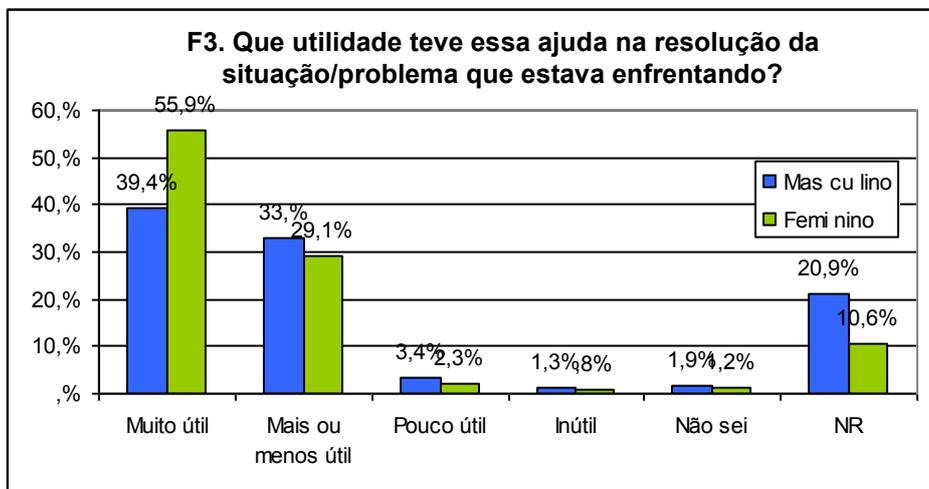
Relativamente aos principais problemas que motivaram o pedido de ajuda, apresentam as seguintes distribuições:

- “os problemas relacionados com o corpo” são a preocupação principal das raparigas (27%) e dos rapazes (19%) e destes, sobretudo para os mais novos (31%).

- o “risco de engravidar” é a segunda preocupação que mais motiva os pedidos de ajuda, quer para as raparigas (25%) quer para os rapazes (15%), embora apresentem intensidades diferentes e seja sobretudo uma preocupação para os mais velhos (para 36% dos jovens com 19 ou mais anos);
- as “dúvidas com o uso dos métodos contraceptivos” e os “problemas afectivos com o/a namorado/a” apresentam frequências ao nível dos 10%, para rapazes e raparigas;
- o “início das relações sexuais” é uma preocupação importante para os rapazes (quase 15%) as para as raparigas decresce de importância, isto é, para os 8%;
- os outros assuntos apresentam frequências muito baixas: as “dúvidas sobre o acesso a consultas de planeamento familiar”, “sobre homossexualidade”, “abusos ou violência sexuais” e o “uso de métodos contraceptivos de emergência” (todas abaixo dos 2,5%).

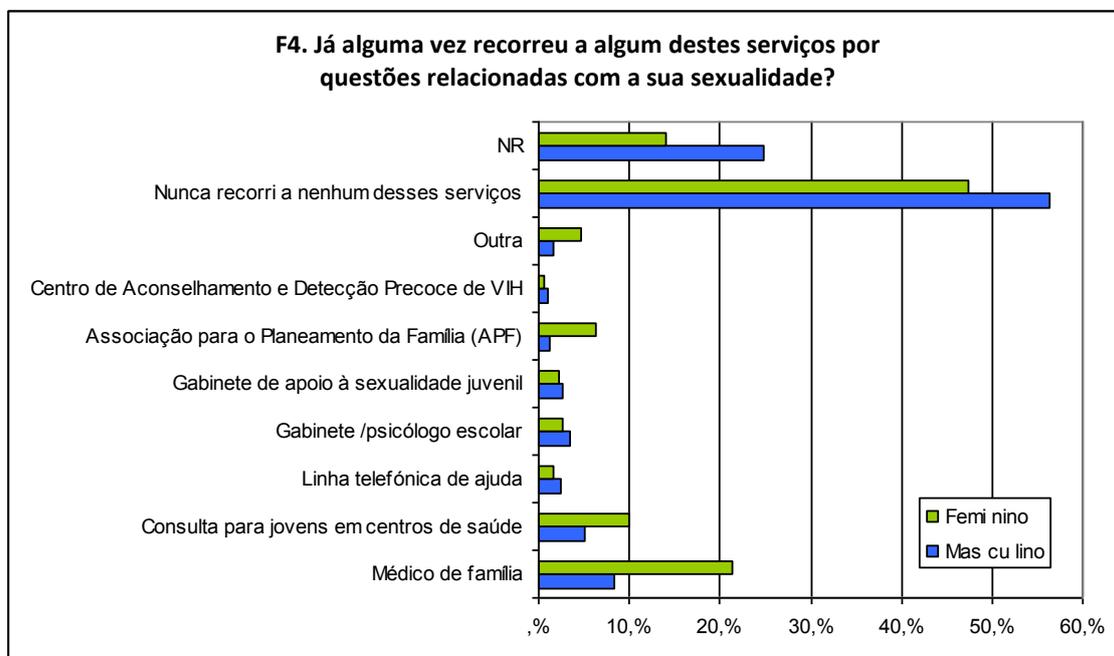


Os jovens **classificam a ajuda** prestada como útil, embora seja mais significativa para as raparigas (em 56% dos casos consideraram-na “muito útil” e o mesmo acontece com 40% dos rapazes) e essa opinião mantém-se em todas as faixas de idades



Questionaram-se ainda os jovens sobre se já recorreram ou não a uma lista de **serviços** por questões relacionadas com a sua sexualidade e cerca de metade dos rapazes e das raparigas nunca recorreu a eles.

Dos que já procurou algum dos serviços, a maioria recorreu ao médico de família e, nestes, são mais as raparigas (20%) e os inquiridos mais velhos, de ambos os sexos; em 2.º lugar surgem as consultas para jovens nos centros de saúde, mais uma vez utilizadas sobretudo pelas raparigas (em cerca de 10% dos casos) e pelos/as inquiridos/as mais velhos/as. A Associação para o Planeamento da Família surge como o 3.º recurso mais frequente para os jovens, sendo que no caso das raparigas atinge os 6,2%.

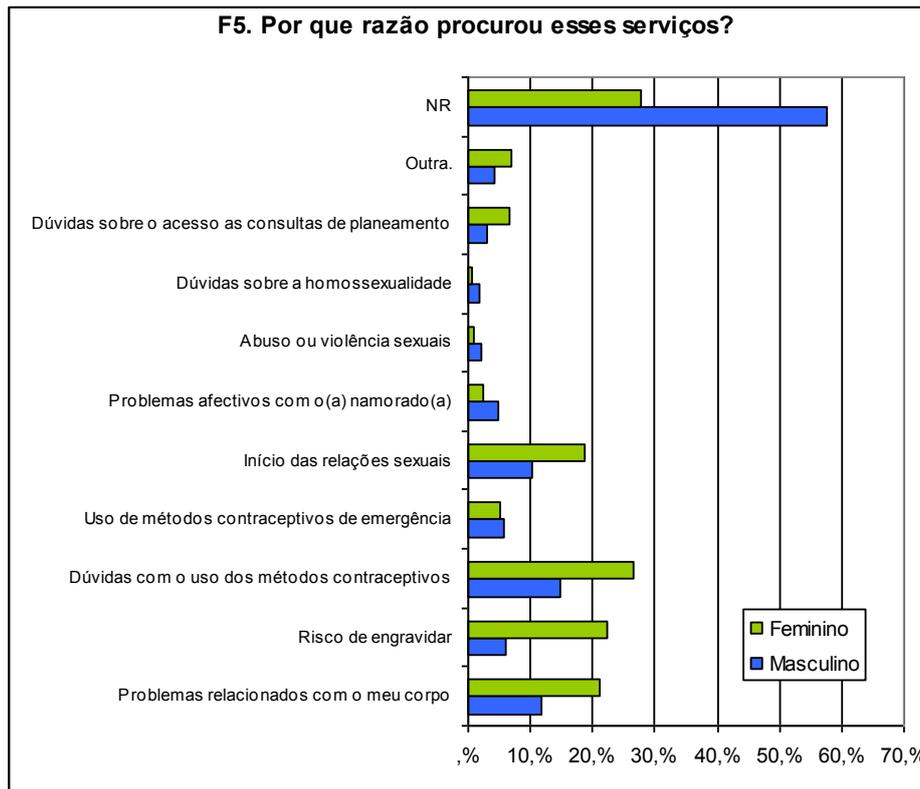


Quando se observam os diferentes serviços aos quais os jovens recorrem cruzados com a qualidade dos conhecimentos que demonstraram, verificamos que existe uma associação estatisticamente significativa, que indica que os jovens que a eles recorrem têm níveis mais elevados de conhecimentos, destacando-se as “linhas telefónicas de ajuda” ($x^2 = 20,678$; $p =$

<.001), a Associação para o Planeamento da Família ($x^2 = 14,768$; $p = <.,05$) e o Centro de Aconselhamento e Detecção Precoce de VIH ($x^2 = 10,596$; $p = <.,05$).

		SCORE GRUPO B					Total
		Mau (1-5)	Insuficiente (6-10)	Aceitavel (11-15)	Bom (16-20)	Muito Bom (21-27)	
F04C: Médico de família	-	11 91,67%	92 87,62%	404 86,14%	614 81,43%	189 80,08%	1310 83,12%
	+	1 8,33%	13 12,38%	65 13,86%	140 18,57%	47 19,92%	266 16,88%
	Total	12	105	469	754	236	1576
F04C: Consulta para jovens em centros de saúde	-	11 91,67%	98 93,33%	441 94,03%	685 90,85%	209 88,56%	1444 91,62%
	+	1 8,33%	7 6,67%	28 5,97%	69 9,15%	27 11,44%	132 8,38%
	Total	12	105	469	754	236	1576
F04C: Linha telefonica de ajuda	-	10 83,33%	101 96,19%	464 98,93%	743 98,54%	229 97,03%	1547 98,16%
	+	2 16,67%	4 3,81%	5 1,07%	11 1,46%	7 2,97%	29 1,84%
	Total	12	105	469	754	236	1576
F04C: Gabinete /psicologo escolar	-	11 91,67%	103 98,10%	452 96,38%	731 96,95%	232 98,31%	1529 97,02%
	+	1 8,33%	2 1,90%	17 3,62%	23 3,05%	4 1,69%	47 2,98%
	Total	12	105	469	754	236	1576
F04C: Gabinete de apoio a sexualidade juvenil	-	11 91,67%	104 99,05%	461 98,29%	734 97,35%	229 97,03%	1539 97,65%
	+	1 8,33%	1 0,95%	8 1,71%	20 2,65%	7 2,97%	37 2,35%
	Total	12	105	469	754	236	1576
F04C: Associacao de Planeamento Familiar (APF)	-	11 91,67%	103 98,10%	460 98,08%	709 94,03%	221 93,64%	1504 95,43%
	+	1 8,33%	2 1,90%	9 1,92%	45 5,97%	15 6,36%	72 4,57%
	Total	12	105	469	754	236	1576
F04C: Centro de Aconselhamento e Deteccao Precoce de VIH	-	11 91,67%	104 99,05%	466 99,36%	750 99,47%	234 99,15%	1565 99,30%
	+	1 8,33%	1 0,95%	3 0,64%	4 0,53%	2 0,85%	11 0,70%
	Total	12	105	469	754	236	1576
F04C: Outra	-	12 100,00%	104 99,05%	455 97,01%	722 95,76%	226 95,76%	1519 96,38%
	+	0 0,00%	1 0,95%	14 2,99%	32 4,24%	10 4,24%	57 3,62%
	Total	12	105	469	754	236	1576
F04C: Nunca recorri a nenhum desses serviços	-	8 66,67%	60 57,14%	0,00%	377 50,00%	109 46,19%	780 49,49%
	+	4 33,33%	45 42,86%	243 51,81%	377 50,00%	127 53,81%	796 50,51%
	Total	12	105	469	754	236	1576

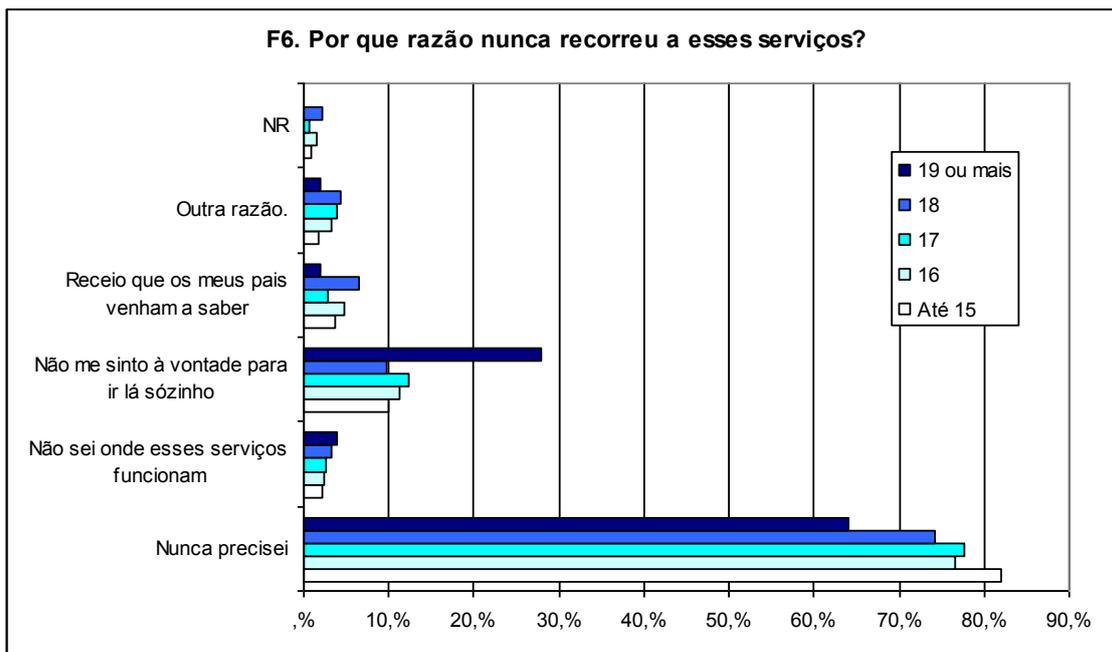
Daqueles que já recorreram a algum destes serviços, os **problemas** motivadores são, mais uma vez “os problemas relacionados com o corpo”, o “risco de engravidar”, o “início das relações sexuais” e, sobretudo, as “dúvidas com o uso dos métodos contraceptivos. Em todos estes casos, são as raparigas que mais recorrem aos serviços.



Dos que **nunca recorreram** a esses serviços, a razão invocada prende-se, para ambos os sexos, com o facto de “nunca terem precisado” (77% das raparigas e 79% dos rapazes). Esta explicação assume maior relevância quando se observam os inquiridos mais novos (nos menores de 15 anos atinge os 82%) e vai decrescendo à medida que aumenta a idade dos inquiridos.

Cerca de 10% da amostra revela que nunca recorreu a esses serviços porque “não se sente à vontade para lá ir sozinho” e, nestes, destacam-se os maiores de 19 anos (quase 30%).





COMENTÁRIO SÍNTESE

O género é, mais uma vez, uma variável diferenciadora dos resultados em relação à reacção dos jovens face a eventuais problemas pessoais para os quais necessitam de ajuda: a maior parte das raparigas já pediu alguma vez ajuda (profissional, amigo ou familiar), enquanto a maioria dos rapazes não o fez.

Estes pedidos de ajuda têm sobretudo a ver com problemas relacionados com o corpo, risco de engravidar, pedidos de contraceção e questões de relacionamento afectivo.

No que respeita aos serviços profissionais de ajuda, a maior parte dos jovens, sobretudo os rapazes, nunca recorreu. Dos que recorreram, os serviços mais procurados foram as consultas com o médico de família, consultas para jovens em centros de saúde e a Associação para o Planeamento da Família. As raparigas recorreram a este serviços cerca de 3 vezes mais do que os rapazes.

Dos que nunca recorreram, a maioria afirma que não o fez porque não precisou. No entanto, uma pequena percentagem de jovens refere que não o fez por não se sentir à vontade para o fazer.

De novo, e de forma coerente com aspectos anteriormente referidos, níveis melhores de conhecimentos estão associados a maiores níveis de recurso aos serviços de saúde e a profissionais de ajuda.

EM CONCLUSÃO

As fontes e qualidade da educação sexual dos jovens

A aprendizagem dos jovens em matérias de sexualidade é feita através de múltiplos agentes e processos. Os amigos e as mães aparecem como os principais agentes de conversação sobre temas sexuais, embora com estas últimas só uma minoria de jovens consiga abordar temas relativos à sua intimidade.

O papel da escola tem já alguma relevância na educação sexual dos jovens. No entanto, a escola está maioritariamente centrada numa abordagem de tipo biológico e preventivo feita no contexto das Ciências Naturais. A par desta disciplina, a Formação Cívica e os Colóquios têm alguma relevância na educação sexual no 3º Ciclo, enquanto a disciplina de Filosofia assume algum protagonismo no secundário.

Embora a maioria dos jovens da amostra tenham acertado na maior parte das questões que integravam a escala de conhecimentos usada, os temas mais deficitários são as questões práticas referentes aos métodos contraceptivos e a informação sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (à excepção da SIDA). Se a maioria dos jovens afirma ter já abordado estas questões na escola, interrogamo-nos se está a ser eficaz o tipo de abordagem utilizada nas actividades de educação sexual.

Os comportamentos sexuais e preventivos

42% dos jovens inquiridos afirma já ter tido experiência de relações sexuais no contexto de relações amorosas (a maioria) ou de relações ocasionais.

A maioria destes jovens afirmou ter tido comportamentos preventivos em matéria de gravidez não desejada e IST, pelo que parece que a lógica preventiva integra já a vivência sexual dos jovens. Existe no entanto, uma parte significativa, ainda que minoritária, com comportamentos de risco.

É reduzido o recurso a profissionais e serviços de saúde. Em parte será justificado pelo facto (afirmado pelos jovens) de nunca terem sentido essa necessidade. Mas, por outro lado, poderá estar também relacionado com falta de informação e dificuldades de acesso.

É pois necessário manter a educação para a saúde sexual e reprodutiva dos jovens. Não somente numa perspectiva informativa em sala de aula mas num reforço da cooperação entre a escola e os serviços de saúde e outros serviços de ajuda (linhas telefónicas de ajuda, por exemplo), e também numa estratégia inter pares.

O impacto benéfico da educação sexual

O estudo indica que os jovens que iniciam as relações sexuais mais tardiamente têm melhores conhecimentos nos temas da sexualidade.

Melhores níveis de educação sexual estão também associados a uma vivência mais gratificante das relações sexuais: os jovens (e sobretudo as raparigas) que referem sentimentos mais positivos na primeira relação sexual atingem também melhores resultados na escala de conhecimentos.

Os melhores níveis de educação sexual tendem igualmente a estar associados positivamente a alguns comportamentos preventivos e a uma maior capacidade de pedir ajuda, quando necessário.

Assim, a educação sexual deverá ser não somente alargada mas também melhorada e avaliada para que a escola e os professores estejam mais presentes e sejam mais eficazes no apoio aos jovens nestas matérias.